

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rayssa Almeida Wolf

**DA “IMPrensa ESPECIAL” À IMPrensa ESPÍRITA:
UM ESTUDO DA *REVISTA ESPÍRITA* (1858-1868)**

Santa Maria, RS
2017

Rayssa Almeida Wolf

**“DA IMPRENSA ESPECIAL” À IMPRENSA ESPÍRITA:
UM ESTUDO DA *REVISTA ESPÍRITA* (1858-1868)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em História**.

Orientadora: Prof. Dra. Beatriz Teixeira Weber

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Wolf, Rayssa Almeida
Da Imprensa \"especial\" à Imprensa espírita: um estudo da Revista Espírita (1858-1868) / Rayssa Almeida Wolf.- 2017.
100 p.; 30 cm

Orientadora: Beatriz Teixeira Weber
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2017

1. História do Espiritismo 2. Imprensa espírita 3. Revista Espírita I. Teixeira Weber, Beatriz II. Título.

Rayssa Almeida Wolf

**“DA IMPRENSA ESPECIAL” À IMPRENSA ESPÍRITA: UM ESTUDO DA
REVISTA ESPÍRITA (1858-1868)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título **de Mestre em História**.

Aprovado em 1º de fevereiro de 2017:

**Profa. Dr^a. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
(Presidente/Orientadora)**

Profa. Dr^a. Célia da Graça Arribas (UFJF)

Prof. Dr. José Martinho Rodrigues Remedi (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

Essa trajetória pessoal somente foi possível pelo auxílio e compreensão de diversas pessoas. Agradeço imensamente a todos que de alguma forma se envolveram, direta ou indiretamente, para que esse trabalho fosse possível e, especialmente agradeço:

- À minha orientadora Prof. Dr^a Beatriz Teixeira Weber, pela parceria nesses dois anos de mestrado (fora os 4 de orientação durante a graduação). Agradeço pela confiança, pelo carinho e compreensão durante esse período. Saiba que foi pelo teu incentivo e inspiração que não desisti desse caminho...
- À minha mãe Marlene Silveira de Almeida, que sempre faz de tudo para me proporcionar as condições, materiais e imateriais, para que este trabalho fosse possível. O significado de mãe para mim, é algo tão sublime que não existem palavras suficientemente humanas para exprimir agradecimentos.
 - Ao meu namorado, Mark Braunstein que durante esse período foi compreensível e companheiro, sempre me incentivando a seguir em frente. Agradeço também a toda a família Gomes Braunstein pelo acolhimento e pela torcida para que este trabalho se realizasse da melhor forma possível.
- Aos amigos e colegas do grupo de pesquisa Prismas- História, Ciência e Religião, pelos momentos de discussões teóricas muito enriquecedoras, mas principalmente pelo apoio e companheirismo em dividir alegrias e ansiedades da vida. Especialmente, agradeço ao meu braço direito Felipe Girardi pela paciência, parceria acadêmica e de viagens a eventos.
- Aos professores e a prof. Dra^a Maria Medianeira Padoin coordenadora do Programa de Pós-graduação em História, pelas profícuas reflexões e pela oportunidade de crescimento profissional e pessoal.
- À Capes, pelo incentivo e financiamento tão necessários à realização dessa pesquisa. Sem esse apoio, muitas oportunidades de aprendizado por meio de livros e viagens a eventos não poderiam ser possíveis.

Enfim, a todos que fazem parte da minha vida e que torceram por mim para a concretização desse trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Abro o livro azul. Escrever sobre este lugar, nossas descobertas, passeios e vida diária é um prazer. Um poeta chinês observou há muitos séculos que recriar algo com palavras equivale a viver duas vezes. No fundo, a procura da mudança está provavelmente relacionada ao desejo de ampliar o lugar psíquico em que se vive. (...). Meu leitor, espero, é como um amigo que vem visitar, aprender a amontoar a farinha na grossa bancada de mármore e a incorporar os ovos; um amigo que acorda aos quatro gritos do cuco na tília e desce os caminhos dos terraços cantando para as uvas. (...). Poderíamos nos sentar como velhos camponeses junto à lareira, tostando fatias de pão com azeite, tomando um Chianti jovem. (...). À sombra da figueira, onde dois gatos se enrodilharam, não sentimos calor. A muralha etrusca da casa é do século VIII a.C. Podemos conversar. Temos todo o tempo do mundo.

Frances Mayes. **Sob o sol da Toscana**, 1997.

RESUMO

“DA IMPRENSA ESPECIAL” À IMPRENSA ESPÍRITA: UM ESTUDO DA REVISTA ESPÍRITA (1858-1868)

AUTORA: Rayssa Almeida Wolf

ORIENTADORA: Beatriz Teixeira Weber

Este trabalho objetiva apresentar um estudo da constituição da imprensa espírita por meio da análise da Revista Espírita (*Revue Spirite*), no período no qual o pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec, coordenou a edição da Revista, 1858-1868. Procura-se ressaltar a relevância do referido periódico e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas na formação do espiritismo francês, durante meados do século XIX, e principalmente na construção dos modelos de revistas e sociedades espíritas os quais encontraram terreno fértil no Brasil. A pesquisa parte do contexto cultural francês de produção impressa, no qual procura-se apresentar a evolução dos livreiros e impressores e a revolução cultural que essas transformações proporcionaram à sociedade no modo como os indivíduos lidam com os livros e a leitura. Nesse sentido, argumentamos que a Sociedade Parisiense de Estudo Espíritas e a Revista Espíritas são dois elementos intrínsecos para a compreensão não somente da configuração da imprensa e do atual mercado editorial espíritas, mas essenciais para compreender o espiritismo na sua amplitude. Utilizamos a bibliografia específica que tematiza as relações do espiritismo com a cultura impressa. Esta dissertação organizou-se em três capítulos. No primeiro tematizamos elementos que envolvem o espiritismo e a cultura impressa. Em um segundo momento, apresento a constituição e a posição da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas na e com relação a Revista Espírita. Por fim, nos dedicamos em traçar um perfil editorial da Revista e demonstrar que imprensa foi essa que se organizou a partir de um literato, que se dedicou a descrever os fenômenos sobrenaturais e a publicá-los em forma de livros e revista, constituindo assim, em uma religião do livro, da leitura e de uma revista.

Palavras-chave: História do espiritismo, imprensa espírita, Revista Espírita.

ABSTRACT

“FROM THE SPECIAL PRESS” TO THE SPIRITIST PRESS: A STUDY OF THE SPIRITIST MAGAZINE (1858-1868)

AUTHOR: Rayssa Almeida Wolf
ADVISOR: Beatriz Teixeira Weber

This work aims to present a study of the constitution of the Spiritist Press through the analysis of the Spiritist Magazine (*Revue Spirite*), in the period in which the French pedagogue Hippolyte Léon Denizard Rivail under the pseudonym Allan Kardec coordinated the edition of the Magazine, 1858-1868. The relevance of this periodical and of the Parisian Society for Spiritist Studies in the formation of French spiritualism during the middle of the nineteenth century, and especially in the construction of models of magazines and spiritist societies, which found fertile ground in Brazil. The research is based on the French cultural context of printed production, which seeks to present the evolution of booksellers and printers and the cultural revolution that these transformations in the way individuals deal with books and reading, provided to society. In this sense, we argue that the Parisian Society of Spiritist Studies and the Spiritist Magazine are two intrinsic elements for understanding not only the configuration of the press and the current spiritist editorial market, but essential for understanding spiritism in its breadth. The theoretical-methodological tools that guided the reading of the Spiritist Magazine were the reflections on Content Analysis and Umberto Eco. Not to mention the specific bibliographies that thematically relate the relations of spiritism to the printed culture. This dissertation was organized in three chapters, in which a collection of the elements that involve spiritism and the printed culture is realized. In a second moment, I present the constitution and the position of the Parisian Society of Spiritist Studies in and in relation to the Spiritist Magazine. Finally, we dedicate ourselves to an editorial profile of the Journal and to show which press it was organized by a writer, who dedicated himself to describing supernatural phenomena and publishing them in the form of books and magazines. Thus, in a religion of the book, of reading and of a magazine.

Keywords: History of Spiritism, Spiritist Press, Spiritist Magazine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1- Capa do Livro dos Espíritos edição em francês.....	28
Imagem 2 – Índice do periódico “Écho D’Além Túmulo”.....	38
Imagem 3 – Introdução do “Écho D’Além Túmulo”.....	38
Imagem 4 – Placa indicativa da Rua Sant- Anne	45
Imagem 5 – Placa indicativa da Galeria Valois.....	45
Imagem 6 – Placa da Galeria Montpensier.....	45
Imagem 7 - Imagem da Passagem Sant’Anna.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise por gênero da admissão de sócios da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas	43
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ESPIRITISMO E A CULTURA IMPRESSA: A PRENSA, O LIVRO E A LEITURA	21
1.1 ESCRITA E O ESPIRITISMO: O SABER LER, ESCREVER E ASSINAR	22
1.2 DA CENSURA À LIBERDADE DE IMPRENSA EM PARIS.....	26
1.3 OS PRIMEIROS PASSOS DO ESPIRITISMO NA CULTURA IMPRESSA BRASILEIRA	34
2 A SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS	40
2.1 O BOLETIM DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS E A <i>REVISTA ESPÍRITA</i>	41
2.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO ESTATUTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS	45
2.2.1 Fins e Constituição da Sociedade	46
2.2.2 Sessões	49
2.2.3 Disposições diversas	51
2.3 CIÊNCIA, FILOSOFIA OU RELIGIÃO? - ANÁLISE DOS DISCURSOS DE ALLAN KARDEC.....	50
2.4 KARDEC: O AUTOR.....	62
3 A REVISTA ESPÍRITA E CONSTITUIÇÃO DA IMPRENSA ESPÍRITA	68
3.1 A PALAVRA REVISTA.....	70
3.2 “O ESPIRITISMO SEGUNDO OS ESPÍRITAS”: PERCEPÇÕES SOBRE A REVISTA E O ESPIRITISMO ATRAVÉS DOS TEXTOS DE KARDEC	73
3.3 REVISTA ESPÍRITA: IMPRENSA POPULAR OU DE ELITE?.....	81
3.4 DA “IMPrensa ESPECIAL” À IMPRENSA ESPÍRITA.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

INTRODUÇÃO

Uma doutrina religiosa conquistou a França e a Europa na segunda metade do século XIX, o espiritismo¹, baseada numa proposta espiritualista que agregava aspectos de diversas tradições religiosas e de ciência existentes no período. Essa perspectiva congregou-se em torno de um personagem que se propôs organizar a codificação de diversas mensagens recebidas em diversos lugares da Europa e instituiu uma nova perspectiva. Esse autor constituiu uma sociedade e fundou uma revista, que procuravam difundir sua nova proposta. Este trabalho analisa a *Revista Espírita* para procurar entender a estruturação do quadro de intenções expressas nas suas páginas, vinculada à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas², e as dinâmicas existentes no desenvolvimento do espiritismo em fins do século XIX na França.

A proposta desta pesquisa tem como tema geral a imprensa espírita, isto é, a constituição de um espaço específico de atuação dos espíritas na imprensa. Pretende-se estudar o periódico *Revista Espírita*, coordenado por Allan Kardec, elaborado pela Sociedade Parisiense de Estudos Espírita. O período recortado para o desenvolvimento da pesquisa é de acordo com o tempo de publicação da referida revista em que Allan Kardec esteve administrando-a, 1858-1868.

Tendo em vista que, desde o seu surgimento, o movimento espírita preocupou-se em divulgar seus ideais por meio de jornais e revistas, pretendemos analisar a constituição intencional de um espaço particular de atuação espírita na imprensa. Compreendemos esse espaço e a própria *Revista Espírita* como um instrumento que forneceria direção ao movimento espírita nas questões conceituais da doutrina, bem como construindo um modelo para os jornais e revistas produzidos posteriormente pelo movimento.

Dessa forma, o presente trabalho justifica-se por ser inovador em utilizar a *Revista Espírita* como principal fonte de análise e utilizando-a para pensar a constituição de um espaço de atuação na imprensa de um grupo social religioso, os espíritas. A imprensa (jornais e revistas) é compreendida como uma representação da cultura na sociedade francesa de meados do século XIX. Dessa forma, a noção de representação (CHARTIER, 2009) será nosso

¹ De acordo com a Federação Espírita Brasileira, órgão normatizador dessa crença no Brasil, espiritismo é o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: *O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese*.” Para mais informações consulte: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/o-espiritismo/duvidas-mais-frequentes/>

² Original em francês: *Société Parisiense des Études Spiritistes*. Assim como para o nome da Revista Espírita (*Revue Spirite*) utilizaremos a referência em português e em itálico.

principal aporte teórico para analisar os espíritas como um grupo social, com práticas religiosas, que construiu diversas formas de representação das suas concepções de mundo, sendo elas as práticas de assistência social, a saúde e a sua inserção na imprensa.

Para falar de imprensa é preciso falar da sua gênese, a tipografia de Gutenberg. Utilizamos o trabalho de Martins (2002), o qual afirma que a história da tipografia começaria com a separação de Fust e Gutenberg³. Nos seus primeiros momentos, era uma arte sigilosa e hermética, sendo essa arte secreta concebida sob um viés comercial, ou seja, com o intuito de rivalizar com os escribas. Outro fato importante desses primeiros tempos da tipografia foi a tomada da Mongúcia⁴ que propiciou a pulverização dos impressores e a dispersão da imprensa. (MARTINS,2002, p. 156)

Essa arte tipográfica atingiu seu apogeu em finais do século XV, sendo conhecida pela produção dos incunábulo (do latim *incunabulum*, berço), que eram os livros que foram impressos até 1500. Imbuída de interesse comercial, a tipografia foi configurando-se de uma aura misteriosa de sociedade secreta:

Na qual os iniciados eram admitidos sob juramento e sigilo; (...) A verdade é que a arte de imprimir passou, durante algum tempo, por ser uma obra sobrenatural: era a “arte de escrever sem mão e sem pena”. Muitos pensavam que os impressores trabalhavam por meios cabalísticos: a imprensa passava por ser uma espécie de pedra filosofal de novo tipo; os tipógrafos, longe de serem considerados modestos operários, eram tidos como alquimistas soturnos e terríveis(...). (MARTINS W. , 2002, p. 166)

Essa perspectiva sobrenatural, isto é, uma “arte de escrever sem mão e sem pena” agregada à imprensa na sua gênese aproxima-se da perspectiva desenvolvida nas práticas de escrita e de fala do espiritismo. Entretanto, o grupo acrescenta a figura de um “médium”⁵ que é o instrumento, as mãos, para a escrita de mensagens, aquilo que o movimento espírita autodenomina como psicografia. A partir desses elementos, a hipótese seria que a imprensa

³ Quando Guttemberg se propôs a imprimir a Bíblia, por volta de 1450, necessitou de um empréstimo de 800 florins com os negociantes João Fust e Pedro Schaeffer, colocando sob penhor sua oficina. Não podendo quitar a dívida, Guttemberg perdeu a posse da oficina sem concluir a impressão da Bíblia, fazendo com que os dois sócios terminassem a impressão da “Bíblia de 42 linhas”. Por isso a quebra da parceria feita entre Guttemberg e John Fust foi importante para o desenvolvimento da imprensa. Fonte: http://www.museutec.org.br/linhadotempo/inventores/johann_gutemberg.htm

⁴ Região da Alemanha, do século XV, conhecida hoje como Meinz. Cidade na qual Johann Guttenberg instalou sua oficina tipográfica. Com a dominação romana nessa região é que se tornou possível a expansão e divulgação da arte tipográfica. (MARTINS, 2002, p. 180,181)

⁵ Pessoa compreendida pelo grupo religioso em questão como receptora, por meio de um estado alterado de consciência, de mensagens trazidas por supostos “espíritos”, segundo a crença.

espírita constituiria um espaço hermético⁶ e particular se comparado às diversas práticas da imprensa laica e, também, como um espaço de práticas de escrita e leitura sobrenatural por tratar de temáticas espiritualistas.

Para se compreender o surgimento de uma revista espírita, em Paris, faz-se uma apresentação de como a imprensa se desenvolveu na França. O primeiro livro publicado em língua francesa data de 1476, pelo livreiro Pasquier Bonhomme, em três volumes de história “*Les grandes chroniques de France*”. A Universidade de Sorbonne cumpriu importante papel nos primórdios da imprensa francesa, sendo impressos nesta universidade mais de 21 livros entre 1470 a 1473. Mesmo tendo sido inventada na Alemanha, foi na França que foram aprimoradas as técnicas e a partir de onde expandiram-se as tipografias pela Europa. (MARTINS W. , 2002)

Nesse sentido, Chartier retoma a relevância dos progressos da alfabetização na Europa do Antigo Regime para as transformações dos modelos de comportamento, condutas culturais e das esferas de foro íntimo e coletivo no mundo moderno. Nesse período, apenas uma parte das crianças aprendia a ler e a assinar o nome, porém nem todos os que liam sabiam assinar o nome e estes porventura poderiam não escrever de maneira completa. Isso porque a aprendizagem da escrita sucedia a da leitura. Se na França de finais do século XVIII apenas 19% sabia ler e escrever, de acordo com levantamentos de registros paroquiais, seria de mais fácil acesso um jornal ou uma revista do que um livro. Nessa medida é que advogo a importância da *Revista Espírita*, no contexto da França de 1858-1868, no sentido de ser mais acessível financeiramente do que um livro. Somente com a progressão da escolarização universal ocorrida ao longo do século XIX é que será possível compreendermos os fenômenos de escrita e leitura no espiritismo do século posterior (CHARTIER R. , 2009)

Além disso, para compreender esse objeto de análise, contextualizar o principal sujeito envolvido na produção, edição e divulgação do que se tornará a doutrina espírita torna-se fundamental. Como não será nosso principal enfoque a trajetória de Allan Kardec, nos ocuparemos apenas brevemente de apresentar um panorama geral de sua vida até chegarmos na *Revista Espírita*.

Allan Kardec nasceu em Lyon em 03 de outubro de 1804, pertencente a uma família de uma posição social confortável e de orientação católica. O panorama francês e europeu construído pelo Iluminismo, elevando a razão sobre a fé, e as revoluções sociais pulsantes no

⁶ Hermético no sentido de um espaço de práticas à parte do restante da sociedade, entretanto, sem deixar de possuir comunicação e estabelecer relações políticas com outros setores da sociedade laica.

século XIX propiciaram a eclosão de crenças e misticismos variados que atraíam intelectuais de diferentes áreas. Uma dessas crenças foi o mesmerismo, conjunto de práticas terapêuticas de cura baseada numa suposta troca de fluídos magnéticos entre duas pessoas, ainda proposta na segunda metade do século XVIII pelo médico austríaco Franz Anton Mesmer. Outro exemplo da circularidade de múltiplas crenças foi a criação da Sociedade Teosófica (1875) fundada por Helena Petrovna Blavatsky e constituída por uma proposta de estreitar a relação entre Ciência e Religião. (BRETTAS, 2012)

Essa onda da terapia do mesmerismo atraiu também Kardec em 1823. Contando ele com apenas 19 anos de idade, debruçou-se a estudar o sonambulismo e os fenômenos do magnetismo. Hippolyte, ainda não se identificando pelo pseudônimo de Allan Kardec, inicia suas pesquisas com o fenômeno das mesas girantes a partir de 1851, após encerrar suas atividades no magistério⁷.

Sua primeira experiência em presenciar o “dançar das mesas” foi em 1855. A partir desse momento, ele passou a frequentar mais assiduamente essas reuniões. Em uma delas ele teria recebido uma mensagem de um médium afirmando que ele havia sido um sacerdote celta “em outra vida”. Esse momento acabou marcando uma nova fase, na qual ele passou a adotar o pseudônimo de Allan Kardec. (BRETTAS, 2012)

O contexto social no qual ele viveu sua infância foi na França de Napoleão, passando pelo período do Consulado (1799-1804), pelo Império (1804-1814) e o governo dos Cem dias (1815). No ano de seu nascimento era promulgado o Código Civil, quando era instituída a igualdade de todos perante a lei e o direito à propriedade privada. Além disso, foram desenvolvidas reformas na educação e no ensino, que passaram a ser dever do Estado. De maneira geral, o período napoleônico foi de consolidação das instituições burguesas, impulsionando o avanço da Revolução (BRETTAS, 2012)

Após o início e o fim do governo de Luís XVIII (1815-1822), o novo rei Carlos X inseriu-se num quadro de intensas transformações proporcionadas pela introdução da industrialização guiada pela Inglaterra, como o surgimento das máquinas à vapor, com as quais foram sendo modificadas as formas de produção. Na França, somente após 1830 é que foram implementadas políticas para industrialização e melhorias no transporte ferroviário. A partir desse ano, instalou-se no governo o “rei Burguês” Luís Felipe uma crise de

⁷“(…) seu ativismo na educação corresponderia aos pressupostos de uma pedagogia Romântica, embasada em Rousseau e Pestalozzi e, posteriormente, com a suposta descoberta de uma lógica sobre o mundo natural, parte para as investigações num enfoque Realista, pelo menos no que ele supunha ser o Real” (BRETTAS, 2012, p. 105).

descontentamentos gerais levando às ações sistemáticas em oposição ao rei e agitações populares que ocasionaram na chamada “Revolução de Fevereiro”. Posteriormente, durante a Segunda República, também chamada de “República Social”, a França conquistou o fim da pena de morte, instituição do sufrágio universal e as oficinas públicas. (BRETTAS, 2012)

A Segunda República (1852) foi marcada pela busca evidenciada pelo progresso, e a instauração da ditadura do segundo império de Luís Bonaparte (1870), governando pela imposição das armas e assentado no apoio da burguesia e do clero. Por um outro lado, foi um período de prosperidade econômica, com a construção de diversas obras públicas, por outro a repressão às forças de oposição e o conservadorismo predominaram nesse governo (BRETTAS, 2012)

A partir de 1870 houve um crescimento significativo da curiosidade acerca dessas práticas e crenças “sobrenaturais”, introduzindo uma fase de pesquisas pretensamente científicas a respeito das manifestações e da comunicação com os mortos. Para o desenvolvimento desses experimentos foram criadas sociedades de ciência composta por diversos intelectuais do período, como Victor Hugo, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas, Arthur Conan Doyle, Jules Michelet, Michael Faraday, etc. (BRETTAS, 2012)

Era um século do desenvolvimento de ideias sociais, permeadas pela mentalidade da razão e da cientificidade, do progresso e da esperança nos pressupostos do evolucionismo, influenciando sobremaneira nas expressões da cultura e das artes. De forma geral, vimos múltiplas transformações nos oitocentos, como o fenômeno da Ilustração e das ideias liberais, as noções de progresso, cientificismo e evolucionismo. Nas letras vemos expressões como o Romantismo e o Realismo. Essas mudanças, processuais e paulatinas, atingiram todas as esferas da sociedade. (BRETTAS, 2012)

A bibliografia⁸ que trata sobre espiritismo tem crescido muito nos últimos anos, desde Aubrèe & Laplantine (2009). Destacamos autores que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, tais como Arribas (2011), Araújo (2010), Betarello (2009), Brettas (2012), Lewgoy (2000), Incontri (2001), Machado (2013) e Monroe (2014).

Para a construção de uma perspectiva teórica, iniciarei apresentando o diálogo com a história das religiões, em função da vinculação religiosa do objeto de estudo, estabelecendo um diálogo interdisciplinar com a Sociologia. Tratando-se de um trabalho de História em que seu objeto se vincula a um grupo social com práticas religiosas, no caso o espiritismo,

⁸ Como bibliografia a respeito do surgimento, crescimento e legitimação do espiritismo no Brasil podemos citar: Stoll (1999), Giumbelli (1997), Damazio (1994), Almeida (2007), Ferreira (2008), Paiva (2009), Soares (2016), Jesus (2011).

compreende-se a religião como um processo sociocultural, como um elemento que se molda de acordo com o agir e o pensar na sociedade em um determinado tempo, de construção de um conjunto explicativo de mundo. A religião é uma intenção de busca pelo elemento que transcende a experiência do existir humano. Concebe-se a religião não somente como um sistema de ideias, mas que faria parte de um conjunto forças. A vida religiosa proporciona ao homem não somente uma representação de um mundo de uma determinada maneira, mas proporciona a experiência de um poder que não se conhece na vida comum. A religião nasceria da efervescência criadora do social, da ação. É dessa forma que o sistema de crenças espírita construiu uma representação de um mundo do ponto de vista evolucionista, levando em conta o progresso moral, intelectual e espiritual como elemento primordial para a depuração do espírito. Por conseguinte, percebendo a estreita vinculação desse corpo doutrinário com a produção bibliográfica desde seu surgimento, houve uma preocupação de construir um modelo de narrativa editorial que daria as diretrizes do que consideravam importante para o espiritismo. Tal narrativa constituiu-se na elaboração de jornais e revistas espíritas servindo para o período como principal instrumento de divulgação e formulação das representações de sociedade que especificamente a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas compreendia.

Para analisarmos a *Revista Espírita*, sua organização e diretrizes para a constituição de um modelo de imprensa espírita, faremos uso do conceito de representação de Roger Chartier (1990). Essa abordagem almeja entender as diferentes formas nas quais são construídas uma determinada realidade social (CHARTIER, 1990). Os indivíduos articulam suas percepções de mundo a partir de representações. Suas ações e julgamentos moldam-se a partir dessas formas de apreensões, com isso organizam esquemas de percepção de mundo e da realidade social, entendendo que as práticas sociais da imprensa espírita se desenvolvem de acordo com ações produzidas a partir de determinadas representações pertencentes aos grupos dirigentes das sociedades espíritas e dos articulistas que escrevem nos periódicos. Sendo assim, os jornais e revistas se constituíam como representações de uma visão de mundo construída pelos espíritas.

Para a formação de uma imprensa espírita, no sentido de um espaço social, que conforma e legitima o espiritismo como um campo constituído de múltiplas forças atuando em conflito e conjuntamente nesse ambiente social, considerado peculiar e específico, levamos em conta a perspectiva de Kardec:

Na América, como alias em todos os lugares, existe uma imprensa geral e uma imprensa especial. A primeira por certo, ocupou-se muito mais do espiritismo do que entre nós, embora menos do que se pensa. Somente nos Estados Unidos, conta a

imprensa especial com 18 jornais espíritas (...). Mas lá como aqui, os jornais especiais se destinam a pessoas especiais. É evidente que uma gazeta médica, por exemplo, não deverá ser pesquisada pelos arquitetos nem pelos homens da lei; da mesma forma um jornal espírita, com poucas exceções, não será lido senão pelos partidários do espiritismo.⁹

No trecho acima, percebe-se que existiria esse espaço social de atuação dos espíritas vinculado à imprensa geral, laica e à imprensa especial/imprensa espírita, que estariam em conflito e disputando espaço de um público leitor. Foi essa alegação de Kardec que nos motivou para desenvolver estas reflexões e que intitulam a presente pesquisa.

Compreendemos que esses órgãos de divulgação da doutrina espírita compõe um setor específico pertencente aos quadros gerais das instituições espíritas. Produzindo jornais, livros e revistas para um público específico e também para conquistar novos adeptos, inserem-se num campo de disputas gerais da sociedade com os outros setores que também as praticam. Desse modo, trabalhamos com a hipótese de um sistema de imprensa espírita com dinâmica própria, mas articulada com a imprensa laica. Além de expressar o posicionamento de determinados grupos sociais nas escolhas dos formatos adotados nas revistas e nos jornais, bem como sua filiação a órgãos normativos como, para usar um exemplo, a Federação Espírita Brasileira - FEB.

O foco da pesquisa será o periódico. Chartier (1999) compreende os textos jornalísticos como uma representação da cultura da sociedade e dos comportamentos dessa sociedade. A partir disso, pretendemos entender como a cultura do grupo espírita que estava se formando apresentou-se no periódico proposto. Especialmente pretende-se entender que elementos específicos esse grupo apresentou para se definir como um grupo com interesses próprios, utilizando elementos da ciência e da religiosidade da época.

Levamos em conta as reflexões de Luca (2009) sobre a materialidade de jornais e revistas, em diferentes momentos. A constituição da imprensa na França do século XIX fez com que esse veículo fosse atingindo um amplo público gradativamente. A opção pela utilização de uma revista como forma de divulgação do ideário espírita foi estratégica para apresentar-se como uma proposta própria. Na revista foram apresentados os elementos que definiriam o funcionamento do grupo e quais os princípios defendidos. Pretendemos historicizar os objetivos e intenções que motivaram os editores a escreverem, do que foi escolhido e porquê, sobretudo, as funções sociais desses impressos sob o aporte das condições técnicas da imprensa do início do século XX. Luca (2009) ainda enfatiza que o historiador

⁹ KARDEC, A. **Revista Espírita**. 1858, p. 368.

tem de estar atento a uma série de questões. Dentre elas, os significados diferentes que os discursos assumem em função da sua localização na diagramação do jornal, a identificação minuciosa da linha editorial e dos colaboradores do jornal, a caracterização do jornal em função da sua manutenção e organização e a análise rigorosa do contexto.

Utilizaremos as reflexões de Elmir (1995) pensando o jornal como ponto de partida para abstrairmos uma certa realidade, o que exige uma leitura diferente daquela que fazemos usualmente nas leituras pessoais, uma leitura intensiva e não extensiva. Ler intensamente uma fonte impressa significa que o tempo da experiência da leitura não é a mesma da formulação do jornal. Em outras palavras, significa que o pesquisar não pode somente “passar os olhos” pelo jornal, mas lê-lo conjuntamente com seus leitores no contexto em que estes circulavam. Dessa forma, pretendemos aplicar essa leitura intensiva nos 10 anos de edições da *Revista Espírita* em que Kardec esteve dirigindo a mesma, atentando para as semelhanças e diferenças nos discursos que podem ser encontradas ao longo das edições, além da caracterização editorial da revista. O intuito é compor o quadro geral que possibilitou a constituição de uma imprensa espírita. Utilizaremos esses aportes teóricos para problematizar a *Revista Espírita* enquanto uma representação cultural de um grupo social e religioso, os espíritas, bem como sendo o próprio periódico expressão do que pensavam seus produtores, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e Allan Kardec durante o período em que atuou como diretor.

Araújo (2002) afirma que para Kardec a constituição da revista não era somente um instrumento publicitário, mas principalmente uma produção de conhecimento e, como tal, participante no processo evolutivo de educação moral do homem. O autor parte de uma perspectiva histórico-educacional para os usos da imprensa, que também realizaria um processo de educação do homem. Traçando um caminho que perpassa a cultura e a educação, trabalha com o conceito da imprensa enquanto uma expressão cultural do homem. Então “se a educação é uma prática social que se estrutura a partir do que é veiculado pela cultura, a imprensa tem seu lugar na educação dos homens na sociedade” (ARAÚJO, 2002, p.61).

A partir das primeiras leituras da revista pode-se inferir que ela se configuraria como um suporte para a organização de conhecimentos doutrinários-espíritas e para divulgação publicitária. Além disso, serviria como um instrumento de transmissão da mensagem espírita de evolução e educação moral da humanidade segundo a crença desse grupo.

Assim, para o desenvolvimento de nossa análise, iniciamos com uma seleção do conjunto documental a ser analisado e seu recorte temporal, a *Revista Espírita* (*Revue Spirite*) entre os anos de 1858-1868. O segundo passo foi a realização de uma leitura intensiva das edições da revista, classificando a totalidade do texto segundo a frequência de presença e

construindo categorias explicativas, sendo organizado um sumário de temáticas frequentes no periódico, bem como as sessões de artigos escolhidas para análise.

O primeiro capítulo organizou-se de forma que pudéssemos construir um panorama do chamado longo século XIX, partindo de suas raízes no século XVIII, do cenário de produção impressa na França e as relações do espiritismo com a cultura letrada. Foi dividido em três subitens: Escrita e o Espiritismo: O Saber ler, escrever e assinar, Da Censura à Liberdade de Imprensa em Paris e Os Primeiros Passos do Espiritismo na Cultura Impressa Brasileira¹⁰.

O segundo apresenta a construção da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, tendo em vista a impossibilidade de se compreender a imprensa espírita e o espiritismo sem a análise da primeira instituição espírita do mundo. O capítulo foi organizado em quatro subitens, são eles: “O Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e a *Revista Espirita*” que trata da fundação da Sociedade e da criação da Revista, procurando demonstrar a relação dos dois elementos; “Apresentação e análise do Estatuto da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, onde inserimos o estatuto da Sociedade com o intuito de analisar sua configuração institucional e se exerceu influência na organização do espiritismo e de outras sociedades posteriormente fundadas; “Ciência, filosofia ou religião? - Análise dos discursos de Allan Kardec” através dos artigos escritos por Kardec que tematizavam diretamente essa temática, pretendemos apresentar reflexões acerca desses três elementos compreendidos pelos praticantes da doutrina como fundamentais para a religião; no último subitem, “Kardec: o autor”, de maneira geral, procuramos compreender como os diferentes papéis exercidos por ele influenciaram nas suas produções escritas.

No terceiro capítulo tratamos de desenvolver as características que deram forma para a constituição da imprensa espírita. Dividimos nos seguintes subitens: “A palavra revista”, no qual apresentamos as especificidades da fonte e suas formas de uso na historiografia. O segundo elemento desenvolvido intitulou-se “O espiritismo segundo os espíritas – percepções sobre o espiritismo e a revista”, por meio dos textos aos leitores e correspondências analisamos a percepção de Kardec acerca do movimento durante o período de formação. Por fim, em “Da imprensa especial a imprensa espírita” desenvolvemos a noção de processo pelo qual as primeiras publicações de Kardec passaram, chegando ao surgimento de novos periódicos e jornais, na França, que puderam se autodenominarem de espíritas, configurando-se, assim, uma imprensa espírita.

¹⁰ Como já mencionado, nosso intuito não é abordar toda a amplitude do desenvolvimento do espiritismo no Brasil. O objetivo desse último subitem é demonstrar o percurso traçado pelo espiritismo da França até a Brasil e a relação sua relação com a imprensa.

1 ESPIRITISMO E A CULTURA IMPRESSA: A PRENSA, O LIVRO E A LEITURA

Imaginem um mundo sem telefone, rádio, televisão, no qual a única maneira de comover a opinião pública numa escala nacional é o tipo móvel. Imaginem esse mundo explodindo. Fragmenta-se em milhares de pedaços. Um grupo de homens tenta ajuntá-los numa nova ordem, começando com uma Declaração dos Direitos do Homem e continuando com novos modelos para uma constituição, uma administração, a igreja, a moeda, a moeda, o calendário, o mapa, pesos e medidas, formas de tratamento e a própria linguagem. Em cada estágio desse processo, usam a mesma ferramenta básica: a prensa tipográfica. Sem a imprensa, podem conquistar a Bastilha, mas não podem derrubar o Antigo Regime.¹¹ (DARTON, 1996, p. 16)

Para iniciar as reflexões deste trabalho pensamos ser fundamental introduzi-lo com um breve panorama geral que englobe o surgimento da imprensa, os processos de alfabetização para chegar às tradições e práticas de leitura e escrita. Entretanto, este texto não pretende abarcar as nuances e profundidades que fazem parte da História do livro e da leitura, apenas desenvolver e analisar as condições necessárias para a organização e edição de uma revista religiosa em Paris de meados do século XIX.¹²

Para adentrarmos nas minúcias do complexo século XIX e identificar os eixos norteadores da produção imprensa na França de Allan Kardec, precisamos olhar para suas raízes no século XVIII.

Os séculos XVIII e XIX, apesar de suas especificidades históricas, poderiam ser tomados num só bloco, se considerarmos algumas idéias que os atravessam, consolidando um certo *esprit du temps*. Por isso, em nossa apreensão, alguns conceitos são delineados no século XIX, mas procuramos igualmente apalpar seus antecedentes e seu início no século anterior. Poderíamos, de fato, dizer que este século XIX a que nos referimos, com seu evolucionismo, cientificismo e crescente repúdio à religião, começa antes da Revolução Francesa e vai decaindo apenas depois da 1ª Grande Guerra. Por esse motivo, aqui nos movemos num século XIX, que transborda os limites de meros cem anos. (INCONTRI, 2001, p. 40)

O caminho a ser traçado durante a construção deste capítulo será constituído em três subitens. Sendo o primeiro, Cultura Escrita e o Espiritismo, no qual pretendo desenvolver um panorama histórico das práticas de leitura, escrita e impressão, analisando como o espiritismo se apropriou dessas inovações para expressar e difundir suas ideias. Em um segundo

¹¹ Grifo nosso.

¹² Em razão das dimensões de uma dissertação, compreende-se que essas questões não serão aprofundadas, apenas será realizada uma primeira discussão acerca da temática que envolve o contexto de produção e inserção da Revista Espírita.

momento, apresentar o desenvolvimento da produção de livros e sua relação com a leitura, bem como compreender a participação do processo de monopólio de censura real à imprensa pré-revolução francesa e como essas contingências levaram ao contexto editorial de produção dos livros e periódicos espíritas. Por fim, analisar o cenário de chegada do espiritismo no Brasil Império por meio da imprensa, elaborando o percurso com a valorização da cultura e do letramento, paralelamente a um projeto editorial de/para uma elite, além de observar a criação do primeiro periódico espírita brasileiro - *Écho D'Além Túmulo*, relacionando com o percurso que o espiritismo vai tomar quando migrou do polo de Salvador para a capital do Império, Rio de Janeiro.

1.1 ESCRITA E O ESPIRITISMO: O SABER LER, ESCREVER E ASSINAR

Nossa trajetória se inicia na busca para compreender a inserção dos espíritas na imprensa de Paris do século XIX. Entende-se necessário descortinar o panorama de organização e construção das práticas de escrita nesse contexto. Quando nos deparamos com o surgimento de uma revista produzida, editada e distribuída para além das fronteiras da sociedade majoritariamente analfabeta de Paris de 1858, algumas questões surgem: Qual a importância de criar uma revista para os espíritas? Se a maioria não sabia ler nem escrever quem era seu público leitor? O que significava publicar um livro de temática espiritualista na sociedade parisiense do século XIX? Os questionamentos a respeito do envolvimento do espiritismo com a cultura escrita, através da organização institucional do espiritismo e das diversas publicações de livros e revistas, inspiram até os dias de hoje muitas reflexões. Através dos elementos que vamos procurar desenvolver a partir daqui nosso propósito será demonstrar o ineditismo e a importância de se analisar a posição da *Revista Espírita* no palco da arte e da cultura impressa.

A aquisição do saber ler e escrever, para um considerável número de pessoas, se encontra no panorama dos processos de alfabetização ocorridos ao longo dos séculos XVII e XVIII na Europa ocidental. Inaugurando, dessa forma, um período de inserção dessas sociedades nas transformações que a cultura escrita propiciava. Nesse emaranhado de novas práticas, de escrita e de leitura, surgem novas transformações nas relações dos indivíduos entre as esferas do público e privado, bem como novos modelos de comportamento culturais. (CHARTIER R. , 2009)

Recordemos que nas sociedades do Antigo Regime, o processo de alfabetização constituiu-se de uma aprendizagem, em primeiro lugar, da leitura e, posteriormente, da escrita. Isso significa dizer que todos que assinam o nome nos registros paroquiais e judiciais sabem ler. Entretanto, nem todos que leem sabem assinar o nome ou necessariamente escrever. Isto porque “(...) a assinatura constitui o último estágio de sua aprendizagem cultural, ou porque a falta de prática os fez perder o domínio da escrita que aprenderam outrora e cujo resquício é a assinatura.” Importante ressaltar que esses são apenas indicadores culturais que nos dão uma visão geral, não abarcando a amplitude e a complexidade que as capacidades de ler e escrever implicam.¹³(CHARTIER, 2009, p.114)

A fim de esmiuçar esses indicadores macroscópicos da cultura escrita, Chartier elenca três países como exemplos para demonstrar as discrepâncias entre homens e mulheres, assim como as peculiaridades de cada país. No caso da França, no correr dos anos finais do século XVII, os dados paroquiais registram que 29% dos homens assinavam o nome e apenas 14% das mulheres. Na passagem do século XVIII para o XIX, percebe-se um progresso estatístico, sendo 48% dos homens e 27% das mulheres.

Portanto, nesses três lugares e atendo-nos apenas à alfabetização masculina, a escrita se torna mais familiar: em cem ou 150 anos o aumento do número dos que sabem assinar o nome (portanto, dos que com certeza sabem ler e talvez escrever) é de 40% na Escócia, 30% na Inglaterra e 19% na França. (CHARTIER R. , 2009, p. 115)

Nosso interesse aqui é pensar o caminho de cem anos que a França, de meados do século XVIII a meados do século XIX, irá percorrer para propiciar condições para o surgimento da Revista Espírita. O elemento essencial para a compreensão desse panorama dos indicativos culturais de escrita e leitura é que o acesso das sociedades ocidentais à escrita não foi um progresso linear e contínuo. Ou seja, o crescimento das taxas de alfabetização foi consonante aos declínios e recessões das conjunturas culturais de cada sociedade. (CHARTIER R. , 2009)

O caminho da alfabetização, além de ter sido turbulento, foi estatisticamente desigual. Tendo em vista que as mulheres do Antigo Regime eram educadas para o mundo da leitura e não da escrita, isso se refletia na diferença das assinaturas entre os gêneros, chegando a 30%, sendo os homens os que mais assinavam seus nomes. Outro item que corroborava para esse

¹³ Optou-se por seguir a nomenclatura utilizada por Chartier (2009), taxas de assinaturas podendo serem chamadas também de “taxas de alfabetização”. “ Entre os séculos XVI e XVIII, grande progresso das taxas de assinaturas (que poderemos qualificar de “taxas de alfabetização”, com a condição de não supor que indiquem imediatamente a porcentagem da população que sabe ler e escrever.) ” (Chartier, 2009, p.114)

processo desigual de inserção na cultura escrita eram os ofícios, as condições e o local: campo/cidade. “Isso quer dizer que a capacidade de assinar (...) está estreitamente correlacionada com a atividade econômica e a condição social dos diferentes grupos. Conseqüentemente, com relação ao campo a cidade, a cidade possuía uma vantagem numérica nas assinaturas.¹⁴ (CHARTIER R. , 2009)

Além das diferenças entre os espaços como o campo e a cidade, situamos a França em uma área de transição “que levam de regiões nas quais dois entre três homens sabem assinar, no final do século XVIII, a regiões onde na mesma época apenas dois, ou mesmo um, entre dez sabem assinar o nome”. Assim, a França, enquanto uma zona intermediária, de um trânsito cultural de condutas de leitura e escrita, possuía 44% dos homens e 17% das mulheres que assinavam os contratos de casamento. (CHARTIER R. , 2009)

No contexto da passagem de fins do século XVII para o XVIII é perceptível uma revolução nas práticas de escrita e leitura, empreendida pelas igrejas reformadas, luterana, calvinista e anglicana, por exemplo. A campanha “aprender a ler e ver com os próprios olhos o que Deus ordena e comanda através de sua Palavra Sagrada”, lançada pela igreja luterana, foi relevante na medida em que transformou o saber ler universal em um saber ler de uso religioso, ainda que mantivesse a propriedade do saber escrever como um privilégio de uma “elite restrita”. Essas mudanças implicarão em um processo de universalização da leitura nos países de formação protestante, como, por exemplo, a Suécia e a Escócia.¹⁵ Cabe ressaltar, enfim, que somente com o Pietismo¹⁶, no final do século XVII, é que o domínio da leitura enquanto uma relação individual com a Bíblia tornou-se uma exigência universal de países protestantes. O resultado foi o aumento das taxas de alfabetização, paralelamente às práticas de escrita e leitura. (CHARTIER R. , 2009)

O desenvolvimento da alfabetização e a difusão da leitura, para retomar os termos de Philippe Ariès, constituem, portanto, com diferenças e variantes, um dos fatos principais que contribuem para modificar a ideia que o homem ocidental tem de si mesmo e de sua relação com os outros. (CHARTIER R. , 2009, p. 123)

¹⁴ “É o caso também da Europa setentrional: no século XVII, os artesãos e mercadores de Londres são duas ou três vezes mais alfabetizados que seus homólogos rurais e os criados o são duas vezes e meia (em Londres, 69% assinam; na Inglaterra rural, apenas 24%).” (Chartier, 2009, p. 119).

¹⁵ Importante ressaltar que: “Disso não se deve concluir, porém, que a leitura generalizada constitui, em todo lugar e sempre, efeito obrigatório do protestantismo.” (Chartier, 2009, p.122)

¹⁶ Pietismo é um movimento oriundo do Luteranismo que valoriza as experiências individuais do crente. Tal movimento surgiu no final do século XVII, como oposição à negligência da ortodoxia luterana para com a dimensão pessoal da religião, e teve seu auge entre 1650-1800. O Pietismo combinava o Luteranismo do tempo da Reforma, enfatizando a conversão pessoal, a santificação, a experiência religiosa, diminuição na ênfase aos credos e confissões, a necessidade de renunciar o mundo, a fraternidade universal dos crentes e uma abertura à expressão religiosa das emoções.” Disponível em: <http://www.protestantismo.com.br/estudos/pietismo.htm> . Acesso em: 10/12/2016

Com as reflexões acima é que enfatizamos a relevância, para a análise da Revista Espírita e sua inserção na imprensa francesa, de se analisar o processo de desenvolvimento e aproximação dos indivíduos com a cultura escrita em diferentes sociedades e temporalidades. Para pensarmos na França da década de 1850 e compreender em que contexto cultural a Revista Espírita foi recebida pela sociedade letrada parisiense, acreditamos ser necessário reconstituirmos esse caminho de desenvolvimento da alfabetização e de difusão da leitura, como procuramos traçar até aqui.

Práticas religiosas podem ser vinculadas facilmente à cultura escrita. Entretanto, a aproximação intencional do espiritismo para com a cultura letrada pode-se compreender tendo em vista a forçosa ligação creditada à tradição científica e literária pelos crentes dessa doutrina. Salienta-se que essa relação existente entre religiosidades e a escrita, ou vice-versa, não é propriedade individual do espiritismo. (LEWGOY, 2000)

Outrora essa dinâmica apoiava-se na oralidade para alcançar o sagrado. Com as transformações processuais introduzidas pelo Renascimento e as investidas educacionais para a alfabetização da população europeia, bem como a Reforma Protestante, iniciaram a caminhada e o encontro com o divino através da leitura e da escrita. Para situar esse uso e a relevância do livro para as religiões, Lewgoy cita Alfonso Di Nola, antropólogo italiano estudioso da religião sistematizando as funções do livro em:

1) Exclusividade do livro, em cada religião, como portador de um estatuto salvífico e normativo. 2) Tendência para definir o cânone, quer dizer, para fixar, de modo estável o número de textos que devem ser considerados sacros ou revelados. 3) Uso litúrgico do texto sacro, onde a memória histórica e os valores originalmente adscritos ao texto tendem a ser progressivamente substituídos pelos automatismos linguístico-rituais. 4) Tendência a ritualizar a atitude cultural em relação ao texto. 5) Podem assumir a função de regulamentação da vida do grupo, cultural e legalmente, tornando-se a fonte divina ou revelada da autoridade ou do direito. (DI NOLA, Apud LEWGOY, 2000, p.97.)

Agora procuraremos abordar o contexto que propiciou as circunstâncias favoráveis à Allan Kardec para que se lançasse ao mundo editorial em Paris do Antigo Regime.

1.2 - DA CENSURA À LIBERDADE DE IMPRENSA EM PARIS

Durante o Antigo Regime, a França instalou uma política oficial de censura e vigilância sobre os impressores e livreiros. Imaginemos um cenário de controle real sob a disseminação de ideias como um cerceamento que envolvia os escritores e seu público. Essa “polícia do pensamento” agia através de uma política de

(...) privilégios seletivos que envolvia a inspeção prévia do conteúdo dos manuscritos e a recompensa aos editores que, em troca da sua cooperação com a ordem estabelecida, desfrutavam as vantagens do monopólio. Após a publicação, cabia à polícia exercer o controle. (ROCHE, 1996, p. 22)

A função dessa “polícia do pensamento” era fazer com que seus oficiais verificassem e proibissem materiais escritos antes de sua publicação. Para isso supervisionavam impressores, livreiros, trabalhadores e vendedores ambulantes. Entretanto, essa censura à imprensa, por parte da Coroa Real francesa, não conseguiu ser homogênea e eficaz do século XVII ao XVIII. O conjunto dessas obras proibidas eram compostas por “folhetos anti-monarquistas, (...) textos, canções, sátiras, uma coleção de críticas e polêmicas impressas”. Essa campanha para coibir as transações clandestinas apenas demonstrou a importância da palavra impressa como mecanismo de transmissão de conhecimento e como veículo de diálogo político e religioso da sociedade francesa. (ROCHE, 1996)

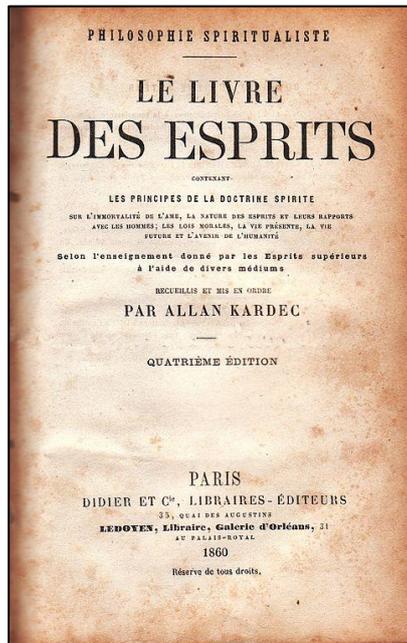
Essa situação somente mudará com a progressiva influência das ideias iluministas nos círculos da elite. Além disso, as frações e contradições internas do Antigo Regime começaram a se expandir, fazendo com que a relação entre a indústria editorial e os inspetores do comércio de livros, bem como os oficiais da polícia se tornassem turbulentas até culminar na Revolução Francesa. (ROCHE, 1996)

Esse cenário pré-revolucionário, nos últimos anos do Antigo Regime, foram conturbados para aqueles envolvidos com a produção de literatura, pois estes necessitavam classificar cotidianamente quais seriam os livros legais e quais seriam os ilegais. Nesse sentido, a categoria de livros considerados proibidos, “maus livros”, era a de livros filosóficos, sendo esta “uma expressão convencional no comércio livreiro para caracterizar tudo aquilo que era proibido.” (DARTON, 1996)

Não somente “livros filosóficos” eram código para que os livreiros e editores tomassem cuidado com o manuseio de tais livros, mas apenas a palavra “Filosofia” já sinalizava perigo.

Assim, cabe pensar se o “Livro dos Espíritos” seria publicado se editado uma década anterior, já que, como mostra a imagem abaixo, se enquadrava na sessão de “livros proibidos”.

Imagem 1: Capa do Livro dos Espíritos, em sua quarta edição.¹⁷



Fez-se necessário retomarmos o contexto francês de finais do século XVIII, por compreendermos que esse raciocínio contribuiu para a análise do surgimento das obras espíritas. Como tudo que se torna proibido gera mais polêmica e procura, o setor de “livros filosóficos” ganhou a atenção de livreiros e comerciantes:

(...) logo perceberam que as obras “filosóficas” eram um setor viral para os negócios de muitos de seus clientes. P.J Duplain informava-lhes de Lyon que estava extremamente interessado em fazer encomendas, especialmente no gênero filosófico, que parece ser o preferido em nosso século”. (DARTON, 1996,p.55)

Com o aumento da procura por esse tipo de literatura, os custos de produção desses livros também cresceram, pois eram mais perigosos de serem editados, podendo causar multas aos livreiros-editores. Como cita Darton, “(...) e todo mundo esperava que o preço de uma obra inteiramente nova subisse vertiginosamente, se ela fosse suficientemente escandalosa e inédita no mercado. ” (DARTON, 1996)

¹⁷ Disponível em: Movimento Espírita em Belo Jardim-PE. Acesso em:20/12/2016

A cultura da leitura e das letras impressas na França do século XVIII mostrava-se por demais complexa para ser simplificada em categorias como “revolucionária” ou “iluminista”. Até havia pessoas que se dedicavam à arte de transmitir ao público leitor uma sistemática própria para identificar os “perigos” dos livros. Várias pessoas que trabalhavam no obscuro território que dividia a literatura legal da ilegal sabiam que uma certa categoria de livros tinha que ser tratada de um certo modo. Fazê-lo de outra maneira seria acenar para o confisco do material (DARTON, 1996, p. 74)

Uma vez que o referido autor questiona o papel da literatura filosófica no desenvolvimento do processo revolucionário na França, logo podemos pensar nos impactos que a filosofia espiritualista de Allan Kardec poderá ter causado para esse mundo da palavra impressa.

Somente com o advento das mudanças proporcionadas pelas ações da Revolução Francesa, que foi possível a instalação processual da abolição da censura real, isto é, a liberdade de imprensa. A luta por essa liberdade de imprensa, assim como as profissões a ela ligadas, era bandeira dos revolucionários franceses.

A luta contra a censura real foi tão somente um dos aspectos de uma investida revolucionária muito mais ampla contra todo o sistema literário do Antigo Regime. A destruição desse sistema iria transformar completamente a realidade legal, institucional e econômica da impressão e da edição e, em última análise, o caráter da cultura literária francesa. (HESSE, 1996, p. 99)

Como demonstra o trecho acima, esse processo envolve não somente o sistema tipográfico, mas toda a amplidão da revolução cultural pela qual a sociedade francesa passou nesse período. A autora apresenta um contexto de intensa repressão por parte de diversos grupos corporativos, tais como: os censores reais, a polícia, a administração do comércio de livros, advogados, corporações livreiras. Ao todo, compreendiam dezessete “inquisições exercidas na França sobre as mentes dos cidadãos”. (HESSE, 1996)

O dismantelamento de todo o sistema institucional literário e editorial da França do Antigo Regime significava a instauração de uma administração e um patrocínio real das letras, bem como a criação de privilégios literários para outorgar direitos autorais sobre os textos. Essas transformações culminaram com “o monopólio da Corporação Livreira sobre a impressão, importação e comércio de publicações na França”. Os princípios inaugurados pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de livre comunicação de pensamentos, estavam no rol dessas mudanças. Porém, “como esses princípios abstratos seriam postos em prática? Qualquer um poderia abrir uma gráfica ou vender publicações?” (HESSE, 1996)

Essa pergunta foi uma das motivações para o desenvolvimento deste trabalho, ou seja, compreender as formas utilizadas por Allan Kardec para produzir e imprimir livros e a Revista Espírita na década de 1850. Nesse sentido, pode-se encontrar nas páginas do periódico a presença da discussão acerca das funções da imprensa e sua relação com as produções espíritas, assim como o papel de Kardec como autor e sua relação com os livreiros que editavam suas obras.

Uma dessas discussões foi publicada na edição de abril de 1864 da Revista, através de uma comunicação espontânea¹⁸ obtida nas instalações da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. O desenvolvimento do texto deu-se a partir de uma retomada cronológica da invenção de Guttemberg para apresentar aos leitores da Revista a importância que tal invenção teve para o desenvolvimento do espiritismo e da “evolução” da humanidade.

A revolução-mãe, que trazia em seus flancos o modo de expressão da Humanidade, despojando o pensamento humano do passado, de sua pele simbólica, é invenção da imprensa. Sob essa forma o pensamento mistura-se no ar, espiritualiza-se, será indestrutível. Senhora dos séculos futuros, alça vôo inteligente para ligar todos os pontos do espaço e, desde esse dia, domina a velha maneira de falar. (KARDEC, Revista Espírita, 1864, p. 163)¹⁹

Ao longo dessa comunicação, o autor do texto desenvolve o raciocínio de que a imprensa seria um dos elementos de progresso da humanidade, assim como a eletricidade. Chega a compará-la “como o Sol, a imprensa fecundará o mundo com seus raios benfazejos”. Depois desse “século literário” que a imprensa inaugurou, somente a eletricidade poderia melhor emancipar a sociedade. Assim, pode-se depreender que esses dois elementos, a imprensa e a eletricidade, fazem parte de algo que ele compreende como necessários à “evolução”, segundo a ideologia espírita.

Nos primeiros momentos de 1789, a Corporação Livreira de Paris mobilizou-se contra o regulamento da Administração Central de Comércio de Livros. Essas insubordinações representavam o não envio de relatórios à administração central, bem como demissões de diversos inspetores e censores das corporações livreiras. Elas não se restringiram à capital Paris, espalharam-se por outras cidades, tais como, Toulouse, Lyon e Metz. Os argumentos

¹⁸ Uma comunicação espontânea é conhecida entre os praticantes dessa doutrina como parte integrante da mediunidade, isto é, capacidade espiritual de estabelecer um contato com entidades espirituais através de um transe mediúnico.

¹⁹ Comunicação obtida pelo médium Sr. Leymarie, assinado pelo espírito autodenominado “Guttemberg”. KARDEC, Allan. Revista Espírita, 1864, p.163.

utilizados pelos impressores e editores que motivavam tais ações era de que a Assembleia Nacional havia decretado a liberdade de imprensa. (HESSE, 1996)

Em agosto de 1789, todo o sistema de censura começou a desmoronar. (...) Três semanas depois da declaração de liberdade de imprensa, C-J Panckoucke, proprietário do *Mercure*, recusava-se a pagar-lhe. O ministro das relações exteriores, entretanto, ordenou que Pankoucke pagasse a pensão do censor, ainda que não exercesse suas funções, “até que as leis concernentes à comercialização de livros fossem definitivamente sancionadas”. (...) Estavam convencidos de que a “liberte de la presse” não poderia significar o fim da administração pública do comércio de livros e aguardavam a nova ordem da Assembleia Nacional, tão logo viesse a tratar do problema do comércio do mundo das ideias. (HESSE, 1996, p. 104)

Ao contrário do que pode parecer, a lei da liberdade de imprensa não foi recebida positivamente em um primeiro momento. Muitos censores e editores, como o chefe do escritório da administração central de Paris *Dieudonné Thebault* e o Abade *Gentry*, censor do *Journal D’Orléans*, manifestaram seus descontentamentos publicando notas nos jornais correntes de suas cidades. Compreendendo que instituições tradicionalmente estabelecidas e que envolvem personagens das primeiras fileiras da sociedade não se desfazem de uma hora para a outra, esses homens continuaram supervisionando as emissões de materiais impressos. (HESSE, 1996)

Esse período de transição perdurou até 1790, quando a Assembleia Nacional sancionou, por fim, as leis do comércio de livros, declarando a liberdade de imprensa e a extinção do Departamento de Comércio de Livros, ocasionando o fechamento da Administração Nacional do Comércio de Livros e restringindo a ação da Corporação Livreira de Paris. Esta que, no entanto, não estava formalmente extinta, passou a prestar contas à polícia municipal, que estaria agora responsável pela fiscalização e regulamentação da “indústria e impressão e edição”. (HESSE, 1996)

No dia 2 de agosto a Comuna decretou que todas as publicações que circulassem em Paris deveriam conter o nome do autor e do impressor ou livreiro, e tinham que ser registradas na Corporação Livreira de Paris, que deveria receber uma cópia. Este decreto, pelo menos formalmente, permitiu à corporação manter sua função mais crucial- o policiamento de seu próprio monopólio. (HESSE, 1996, p. 107)

Esse decreto reverberou nos jornais parisienses, os quais o criticavam afirmando que a extinção do Departamento de Comércio de Livros teria beneficiado somente a Corporação com o intuito de aumentar o monopólio, bem como oprimia a produção de intelectuais que teriam que passar pelo crivo da Corporação para publicarem suas obras. Esse poder significava que, para que uma obra fosse impressa, a obra deveria ser aprovada pela Corporação, além de

ostentar o nome de um livreiro também aprovado pela instituição. Todavia, as leis sancionadas pela Assembleia Nacional, entre elas a liberdade de imprensa, estavam limitando os interesses da corporação. Em suma, o que incomodava a corporação é que qualquer um, inclusive quem ia contra seus interesses, poderiam instalar um prelo.

Ao longo de 1790 a corporação redobrou seus esforços para influenciar a Assembleia Nacional. Em fevereiro, os corporados fizeram uma visita ao presidente do Comitê de Agricultura e Comércio. Não o encontrando, deixaram uma carta e um memorando solicitando que esposasse seu pleito (...) O memorando anexo à carta descrevia os perigos políticos e a decadência cultural que emergia como uma consequência potencial da liberdade de imprensa: Deve-se compreender que aqueles que instalam as novas prensas tipográficas tomaram de forma literal as palavras ‘Liberdade de Imprensa’, e as tomaram no sentido de liberdade das prensas. Toda a França, senhores, preocupa-se com a moderação desta liberdade das prensas. Os senhores são testemunhas do perigo a quem realmente expõe a nação à esta liberdade de imprensa. (HESSE, 1996, p. 109)

Nesse ínterim, por maior que fosse a intenção de monopólio, a Corporação Livreira acabava exercendo um papel importante na manutenção do comércio literário. O fim da Corporação só se deu através da aprovação de uma lei tributária, pelo Comitê de Tributação Pública, que inaugurava uma taxa de licença – *la patente* - lei sobre a propriedade científica e literária. O elemento que essa nova lei trouxe foi o fato de não ficou estabelecido nenhuma instituição reguladora e centralizadora das publicações impressas. (HESSE, 1996)

A Administração Real do Comércio Livreiro, que registrou e controlou os privilégios literários do Antigo Regime, seria simplesmente substituída por um *dépôt* legal nacional junto à *Bibliothèque Nationale*, onde todos os direitos autorais poderiam ser registrados legalmente. (...). Consequentemente, editores e autores passaram a controlar-se a si mesmos e uns aos outros contra edições piratas e a processarem-se um ao outro retroativamente por danos nos tribunais. (...). Se uma obra era de domínio público, poderia ser publicada livremente, de qualquer forma, a qualquer momento, por qualquer pessoa. (HESSE, 1996, p. 114)

A infraestrutura que mantinha a cultura impressa do Antigo Regime entrou em decadência, entre 1789 e 1793, ocasionando o fim do monopólio das elites francesas sob os meios de produção e disseminação de ideias por meio da palavra escrita. Esse cenário resultou em uma enxurrada de falências de pelo menos 21 editores, livreiros e impressores. Claramente a reação veio: os membros que sobraram da Corporação recorreram à coroa. Conseguiram um subsídio financeiro através de uma autorização notarial, impedindo assim o colapso total da velha Corporação e, além disso, a manutenção do controle da opinião pública e da vida cultural

francesa. O Rei financiando o mundo editorial mantinha, de certa forma, vistas sob o que a Corporação editava e imprimia, manipulando com isso a produção cultural e a civilização literária. (HESSE, 1996)

A revolução de 1789 foi também uma revolução cultural e foi o ano da explosão dos periódicos. Após essa digressão, cabe tecermos um panorama das consequências da Paris revolucionárias para os primeiros anos do século XIX. ” Durante 26 anos, 1788-1813, existiam aproximadamente 1224 estabelecimentos em Paris: 337 impressores e 887 livreiros/editores. Nas vésperas da Revolução, havia aproximadamente 47 impressores e 179 livreiros/editores (totalizando 226) em Paris. Em 1810, antes da limitação do número de impressores e oitenta, havia 157 oficinas gráficas e em torno de 588 livreiros/editores. ” (HESSE, 1996)

Estes números são significativamente mais modestos que as quatrocentas gráficas frequentemente mencionadas em relatos contemporâneos. (...). Esses dados, por mais conservadores que sejam, ainda mostram uma expansão e democratização sem precedentes da capacidade produtiva e dos locais de distribuição da palavra impressa na capital. (HESSE, 1996, p. 126)

As transformações políticas proporcionadas pela Revolução desenvolveram uma intensa produção e consumo de materiais impressos, sendo possível através da expansão da indústria gráfica. No primeiro decênio do século XIX, “as publicações periódicas, mais do que as atividades administrativas, eram a coqueluche do novo mundo da edição”. O quadro era composto de: 19 jornais e periódicos, 12 de administração, literatura e letras, 4 obras clássicas e 3 sobre religião. Durante o sistema da cultura impressa do Antigo Regime, até agora mencionado, o grupo de elite de livreiros que virou o olhar para a produção de periódicos obtiveram sucesso. Sendo assim, Hesse sugere que o sucesso comercial dos periódicos e da literatura efêmera no período revolucionário foi muito maior que o dos livros. (HESSE, 1996)

O que procuramos demonstrar até aqui são os caminhos pelos quais a sociedade francesa, principalmente parisiense, passou para que, na década de 1850, um pedagogo pudesse se aventurar na publicação de uma linha editorial diferente do que já vinha publicando: a imprensa espírita. Levando-se em conta a aura iluminista pela qual o *Livro dos Espíritos* e a própria Revista Espírita estava imersa, enquadra-se essas produções no que chamamos de uma imprensa religiosa. Nesse sentido tornou-se fundamental para analisar a adoção do formato de periódico por Allan Kardec, compreender a importância da Revolução Francesa. Na medida em que representou uma (re) ação à produção elitista de livros. Tendo em vista que a produção de livros era controlada pelo órgão censor da Corporação Livreira de Paris, utilizar periódicos e panfletos representava uma ação revolucionária.

Para exemplificar, na edição de junho de 1865, Kardec publica na Revista o Relatório da Caixa do Espiritismo. Nesse texto, ele referencia-se como autor e editor inserindo-se no comércio e no mercado livreiro de Paris:

Falando comercialmente, estou na posição de todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; corro o risco de todo escritor que tanto pode triunfar, quanto fracassar. (...) Antes de mais, direi que minhas obras não são propriedade exclusivamente minha, o que me obriga a comprá-las de meu editor e pagá-las como um livreiro, à exceção da Revista, da qual conservei os direitos²⁰. (KARDEC, Revista Espírita, 1865, p. 224)

Somente nas páginas da Revista é que podemos ver Kardec se expressar na primeira pessoa, bem como nos apresentar sua posição na cultura impressa parisiense. Foi a partir de trechos como esse que houve a necessidade de compreender o caminho que a escrita, a leitura e a produção impressa passou até chegar nas décadas de 1850. Foi somente com as turbulências ocasionadas pela passagem da censura à liberdade de imprensa que foram possíveis mudanças na legislação, como a lei intitulada *La patente*, sobre a propriedade e autoria de obras. Depois dessa legislação, Kardec conservou o direito sobre a Revista Espírita, também levando as restrições impostas pela Corporação Livreira de Paris de finais do século XVIII.

Conforme procuramos desenvolver, a imprensa revolucionária optou pelo uso da imprensa periódica e efêmera como instrumento para apresentar novas formas literárias a um comércio e a um consumo específico, de divulgação de ideias cercadas com novas práticas culturais, de leitura e escrita.

A consequência mais significativa e pelo menos em parte inintencionada da destruição do sistema literário do Antigo Regime foi ter precipitado um colapso temporário da civilização do “livro” em si. A Revolução desafiou a dominação cultural da mais apreciada forma literária do começo do período moderno: o livro impresso. Em face da desregulamentação maciça do mundo editorial, entre 1789 e 1793, as publicações de livros cederam lugar à produção de jornais, revistas e outras formas literatura efêmera, como almanaques, panfletos e cancioneros.²¹ (...) A imprensa periódica e efêmera serviu a esses fins com mais propriedade que os livros. (HESSE, 1996, p. 132)

A cultura impressa francesa transformou-se em 1789, passando pelo processo de censura à liberdade das/ nas prensas e pôde-se ver uma democratização de ideias por meio do intercâmbio social dos novos estabelecimentos inaugurados. A civilização elitista dos livros

²⁰ Grifos nossos.

²¹ Grifos nossos.

decaiu, para que nos anos e séculos posteriores pudéssemos ver surgir uma cultura impressa popular e uma cultura democrática-revolucionária da imprensa periódica. (HESSE, 1996)

Nesse sentido, na segunda metade do século XIX, vemos uma França em constantes transformações sociais e econômicas. Esse cenário verá surgir correntes como o ocultismo, catolicismo ultramontano e o espiritismo, como cita (AUBRÉE, 2009).

A Revolução Francesa, sem a qual todo este período não pode ser compreendido, marcou uma ruptura decisiva a partir da qual pode-se desta ar três linhas de força: 1 A primeira visa descobrir o sentido oculto das transformações sociais através do retorno a uma tradição primordial: trata-se do esoterismo e a via iniciática bem como do ocultismo, termo que aparece na França, em 1845, sob a pena de Eliphas Lévi, contemporâneo de Kardec e que consiste numa integração do pensamento simbólico na corrente da ciência experimental.2 A segunda é a reação católica, ou seja, a tentativa de recupera o controle de uma sociedade cuja burguesia e cujo operariado escapam cada vez mais à influência do clero.(...)3 A terceira corrente é a do positivismo, do espírito republicano e do otimismo evolucionista, originário das Luzes do século XVIII e da Revolução Francesa. Ora, é neste circuito que se inscreve o Espiritismo. (AUBRÉE, 2009, p. 73)

Sem esse raciocínio ficaria muito abstrato compreendermos o desenrolar da criação da imprensa espírita, estruturada pela Revista Espírita em 1858, bem como os passos e o contexto contingencial que amparou Kardec em sua trajetória, como escritor, livreiro e editor, na formulação do que se chamará de espiritismo.

Na passagem dos séculos XIX para o XX, mais especificamente entre 1880-1910, veremos a configuração de um tipo de cultura espírita. “As Sociedades espíritas se multiplicam e logo as Sociedades de pesquisa psíquicas, assim como as revistas e obras que saem às centenas. Este fenômeno não é apenas francês, mas mundial”. (AUBRÉE, 2009)

1.3. OS PRIMEIROS PASSOS DO ESPIRITISMO NA CULTURA IMPRESSA BRASILEIRA

A Paris do século XIX era considerada a capital cultural e literária que inspirava algumas elites europeias e ultramaras. No Brasil tínhamos o Rio de Janeiro que representava esse papel também como membro da comunidade letrada internacional. Como Capital do Império, após 1822, o Rio de Janeiro era o centro cultural do país. (MODENEZ, 2014)

A cidade abrigava representantes do luxo europeu, as duas das principais livrarias do período, a Garnier e a Laemmert, e estabelecimentos comerciais que vendiam inúmeros materiais incluindo livros. Nesse contexto de forte intercâmbio cultural entre os países, destaca-se a figura dos *passeurs culturels*, mediadores culturais que favoreciam o contato com diferentes grupos e locais. Trata-se de viajantes, tradutores,

escritores, livreiros e tantos outros profissionais, cujas atividades possibilitavam aos impressos alcançar os mais remotos destinos do mundo. (MODENEZ, 2014, p. 224)

Porém, o primeiro mediador cultural do espiritismo não foi carioca, mas um baiano. Luiz Olympio Telles de Menezes foi o que primeiro traduziu as obras de Allan Kardec e dedicou-se em publicar diversos textos espíritas, principalmente após a organização de seu periódico *Écho D'Além Túmulo*, a primeira revista espírita do Brasil. Ele editava e elaborava textos espíritas de Kardec e possivelmente de diversas outras fontes, visível nas diversas referências contidas em suas páginas. Sua inserção e articulação devia-se muito em função de sua (s) profissão (ões): “era taquígrafo na Assembleia Legislativa, bibliotecário, tesoureiro do Instituto Histórico da Bahia, jornalista e professor particular.” (FERNANDES, 2002)

Magali Fernandez denomina Telles de Menezes de um “editor das vozes do céu” porque além de administrador da revista, *Écho D'Além Túmulo*, era também médium escrevente e falante.²² Os primeiros passos do espiritismo na imprensa foi através das páginas do *Diário da Bahia* em 1865 em 3 artigos intitulados *Doutrina Espírita*. A autoria desses três artigos ficou a cargo de *Amedée Déchambre*²³, traduzindo os artigos do jornal francês *Gazette hebdomadaire*. (FERNANDES, 2002)

O divulgador da doutrina dos espíritos em terras brasileiras preocupava-se em defender um espiritismo pela bandeira da renovação dos ideais dos cristãos, lembrando o fato de que no período o catolicismo era a religião oficial do Estado. Esses elementos encaixavam-se em um cenário efervescente de discussões entre o espiritismo e o catolicismo. *Déchambre* era um crítico ferrenho das práticas *espíritas*, afirmando que Allan Kardec “não passava de um escritor comum no meio de tantos outros no gênero, naquele mesmo período. ” (FERNANDES, 2002)

Esses artigos, publicados no *Diário da Bahia*, foram vistos por Telles de Menezes, que, para demonstrar seu descontentamento, escreve, em 1866:

Philosophia spiritualista. O espiritismo. Introdução ao estudo da doutrina spiritica, extrahida d'o Livro d'os spiritos, publicado por Mr. Allan Kardec, e traduzida d'o francez sobre a decima terceira edição por Luiz Olympio Telles de Menezes. (FERNANDES, 2002, p. 5)

²² Médium escrevente e falante seria aquele que se comunica com espíritos podendo transmitir a suposta mensagem pela escrita ou pela fala em estado de transe, segundo a doutrina espírita. Para mais informações pode-se ler no Livro dos Médiuns (1861), capítulo XIII e capítulo XIVs.

²³ Médico autor de *Dictionnaire des sciences médicales*. Mais informações: http://www.febomsamaritano.org/faqs/FaqListItem2_ibm6f2nv5_2/Quem-foi-Allan-Kardec-

Seu texto apresentava-se através de um estilo sóbrio, procurando se aproximar de seus leitores. Além de ele representar-se como um missionário, inseria nomes de personalidades da alta sociedade baiana, buscando agregar certa legitimidade, como políticos, advogados, médicos que compartilhavam o mesmo ideal. Imbuído em uma aura progressista, acreditava que somente o letramento e a instrução libertariam os homens. Dessa forma, dava a seus textos um caráter espiritual e não simplesmente comercial. (FERNANDES, 2002)

O lema de seu projeto editorial pode-se resumir na aplicabilidade de uma “caridade de conhecimento”

(...) na totalidade, refletia esse gesto de querer ampliar ao grande público o que os espíritos superiores lhe passavam do plano espiritual. (...) não temos por fim fazer propaganda a todo o transe de ideias espiritistas; nosso intuito é estudos dos fenômenos...; e não fazemos monopólio de luzes, buscamos a imprensa para registrar os fatos²⁴, que tiveram lugar em nossas reuniões, feitas, unicamente, no interesse de sermos úteis a nossos irmãos em Jesus Cristo. (FERNANDES, 2002, p. 7)

Por fim, pode-se perceber que Luiz Olympio acreditava na necessidade de uma reforma nos preceitos do catolicismo, explanando críticas e réplicas no embate estabelecido entre essa religião oficial e o espiritismo. Além disso, batia de frente com seus opositores a respeito da relação entre o pensamento e a matéria, afirmando que se precisaria ir além das leis da física para que se descobrisse os segredos da natureza. Como sintetiza Magali Fernandez: “Assim, pode-se reparar que o discurso espírita, se não era voltado para o universo popular, tinha como ingrediente a mistura, a recuperação de uma mentalidade pré-moderna. (FERNANDES, 2002)

Consoante o que foi exposto nesse item, pretendíamos apresentar o processo de introdução da doutrina espírita no Brasil, sendo expandido e divulgado através das páginas de livros traduzidos e revistas, como o *Diário da Bahia* e o *Écho D’Além Túmulo*. Este primeiro periódico espírita brasileiro tinha circularidade bimestral, ficando ativo de 1869 a 1871.

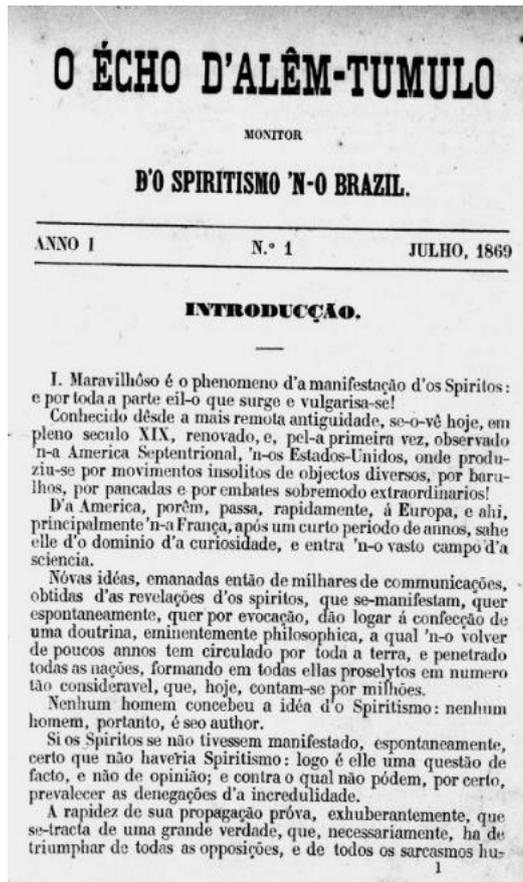
É relevante salientar que as condições da imprensa no Brasil desse período eram precárias e quase inexistentes. Ainda assim, Luiz Olympio organizou um compêndio em formato de livro, contendo 304 páginas, dos primeiros anos de seu periódico. Dentre as temáticas observadas, encontramos títulos como “Aforismos espíritas, manifestações dos espíritos, difusão de estudos feitos na Europa e América até obras fundamentais da doutrina espírita de Allan Kardec”. Talvez um detalhe que possa passar despercebido é que ao lado de

²⁴ Grifos nossos.

cada um desses títulos apresentavam-se traduções para línguas como espanhol, inglês, alemão, italiano, russo, grego, polonês e croata.” (FERNANDES, 2002)

Segue imagens²⁵ do índice e a capa com o primeiro artigo publicado no ano de surgimento do primeiro periódico espírita do Brasil.

Imagens 2 e 3: Capa e índice do jornal O Écho D'Além-Túmulo.



The image shows the index of the journal. The title 'INDICE' is at the top, followed by 'DAS MATÉRIAS CONTIDAS 'N-ESTE VOLUME.'. Below this, the issue information 'N.º 1—JULHO, 1869.' is centered. The index is a table with two columns: the title of the article and the page number. The entries are as follows:

	PAG.
INTRODUÇÃO.	1
Aurora d'a Regeneração.	2
Certeza d'a manifestação d'os bons Spiritos.	20
Classificação d'as diversas naturezas de manifestações e comunicações.	26
Respostas d'os Spiritos à algumas questões.	30
Manifestação d'os Spiritos: comunicações escritas espontaneamente.	33
Tudo vem à seo tempo.	46
O que ensina o Spiritismo.	49
Variedade—Aphorismos Spiriticos.	55

Below this table, the issue information 'N.º 2—SEPTEMBRO.' is centered. The second table of contents follows:

Discurso lido 'n-a reunião d'o Gremio d'os Studos Spiriticos 'n-a Bahia em 8 de Março de 1869.	57
Biographia de Mr. Allan Kardec.	60
Discursos pronunciados sobre a sepultura de Allan-Kardec:	
—Em nome d'a Sociedade Spirita de Paris, pel-o Vice-Presidente Mr. Levent.	68
—O Spiritismo ea Sciencia, por Mr. C. Flammarion.	70
—Em nome d'os Spiritos, e d'os Centros remotos por A. Delanne.	79
—Em nome d'a Familia e d'os amigos, por E. Muller.	80
A imprensa em Paris sobre a morte de Allan Kardec.	83
Comunicação d'o Spirito de Mr. Allan-Kardec 'n-o dia d'o seo intterramento.	85
O Spiritismo 'n-o Brazil.	88
Revista retrospectiva. por Mr. Casimir Lieutaud.	
—Utilidade de algumas evocações particulares.	96

Os planos de Kardec de expandir e divulgar uma doutrina que ultrapassasse as fronteiras de Paris podem ser vistos desde as primeiras páginas da *Revista Espírita* em 1858 até os últimos exemplares analisados de 1868. Tanto que, na edição de dezembro de 1858, em um artigo sobre a conclusão do primeiro ano de publicação da Revista, Kardec escreve para seus leitores:

Os testemunhos de simpatia que temos recebido de toda parte, o sufrágio dos homens mais eminentes pelo saber e pela posição social são, para nós, um poderoso encorajamento na laboriosa tarefa que empreendemos. (...) O Espiritismo marcha no

²⁵ Imagens extraídas do banco de dados da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Edição 0001, ano 1869, p.1-5.

mundo inteiro a passos de gigante; todo dia reúne alguns dissidentes pela força das coisas; e se de nossa parte podemos lançar alguns grãos na balança desse grande movimento que se opera e que marcará nossa época como uma nova era. (KARDEC, 1858, p. 526)²⁶

As reflexões de John Monroe (2014) contribuem para que o elemento da transnacionalidade pudesse ser visto desde o surgimento da revista, principalmente através dos discursos, notas bibliográficas, correspondências e nos boletins da Sociedade. Essa abordagem tornou-se fundamental para a compreensão do espiritismo tendo em vista, que ela privilegia migrações e o movimento de ideias entre as nações. A tradução das obras de Kardec no Brasil representou a chegada desse processo.

Nos propusemos demonstrar o papel e a relevância da *Revista Espírita* para a formação do espiritismo e a constituição de uma imprensa específica. Telles de Menezes já considerava a revista uma obra que não tinha tanta importância quanto os livros de definição da doutrina. Nesse sentido, ele listava em seu periódico algumas obras complementares, tais como: *Revue Spirite; L'âme; La raison du Spiritisme; Pluralité de mondes habités; Pluralité des existence de l'âme; Dieu dans la nature*. (FERNANDES,2002)

O periódico de Luiz Olympio, *Écho D'Além Túmulo*, era um projeto editorial elaborado pelo editor baiano dirigido a um público de elite demonstrando a (re) afirmação do valor da instrução e da imprensa para esse movimento. (FERNANDES,2002)

A fiel exposição dessas doutrinas não está ao alcance das multidões, porque as obras fundamentais não se acham traduzidas na língua vernácula; entretanto, preciso é aqui notar o valioso serviço que prestou o *Écho D'Além Túmulo*, cuja publicação foi interrompida, levando a ideia espírita a todos os pontos do Brasil. (FERNANDES, 2002, p. 13)²⁷

Enquanto se tinha na Bahia a atuação de Luiz Olympio Telles de Menezes na ponta da produção das primeiras traduções espíritas e na criação do primeiro periódico espírita brasileiro, no Rio de Janeiro tínhamos como o primeiro nome de criação Baptiste-Luis Garnier, um dos principais editores do Brasil. Como observou Luiz Olympio, o público e a produção impressa do espiritismo caminhava em direção à capital do Império. (FERNANDES,2002)

²⁶ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1858.p. 526-527.

²⁷ Ao que consta, o periódico parou de circular em 17 de setembro de 1874, sendo informado ao público leitor em um pronunciamento intitulado "Relatorio d'a associação-spiritica-brazileira, apresentada em sessão-magna.

Não somente os livros ultrapassavam as fronteiras do estado da Bahia, o próprio editor baiano transferiu-se para a capital exercendo sua profissão de taquígrafo no Senado até 1892²⁸. Interessante notar que, ao chegar no Rio, Telles de Menezes não se misturou ao círculo dos leitores e editores espíritas. Durante um hiato afastado, lançou o *Manual de stenographia-braziliense*. Lembramos que o jornal *O Reformador*, produzido pela Federação Espírita Brasileira - FEB²⁹, tinha sido lançado em 1883. Contudo, Telles de Menezes foi o responsável pelas primeiras traduções de Kardec no Brasil. (FERNANDES, 2002)

Por fim, o nascente movimento espírita carioca não fez uso das habilidades experientes de Telles de Menezes nem na produção de *O Reformador* muito menos na fundação, em 1884, da FEB. Tomando um rumo diferente do traçado em Salvador, absorto em questões políticas republicanas, a dianteira e liderança do movimento foi tomada por um deputado da província, Bezerra de Menezes.

Por fim, o intuito neste capítulo foi demonstrar a relevância de se analisar cautelosamente a criação e a produção impressa de materiais filosófico-religiosos, tendo em vista uma população com difícil acesso a práticas letradas. Compreender que a circulação de periódicos foi fundamentalmente influenciada pela imprensa revolucionária dos anos que seguiram 1789 é essencial para posicionar a Revista Espírita no cenário da imprensa parisiense de meados do século XIX.

²⁸ Exerceu sua profissão até 1892 em detrimento de uma nefrite aguda que o acometia, vindo a falecer no dia 16 de março de 1893.

²⁹ Considerada primeira casa editorial espírita do Brasil. (FERNANDES, 2002)

2 A SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

No ano de 1858, Kardec utilizou as páginas da *Revista Espírita* para informar aos leitores sobre a natureza de “O Livro dos Espíritos”³⁰. Além disso, inseriu uma notícia extraída do jornal *Courrier de Paris*³¹, no qual havia um comentário crítico sobre a obra e o seu autor. Nessa mesma edição da revista foi apresentada pela primeira vez a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos* com uma breve descrição dos motivos da criação e suas funções, como segue:

A Sociedade, cuja formação temos o prazer de anunciar, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenções e animadas do sincero desejo de serem esclarecidas, contou, desde o início, entre seus associados, com homens eminentes por seu saber e posição social. Ela é chamada – disso estamos convencidos – a prestar incontestáveis serviços à comprovação da verdade. (...). Baseia-se na experiência dos homens e das coisas e no conhecimento das condições necessárias às observações que são o objeto de suas pesquisas. Vindo a Paris, os estrangeiros que se interessarem pela Doutrina Espírita encontrarão, assim, um centro ao qual poderão dirigir-se para obter informações, e onde poderão também comunicar suas próprias observações.³²

Fundada em 1º de abril de 1858, segundo as palavras de Kardec, devido a extensão que tomavam as crenças espíritas em Paris, foi anunciada aos seguidores do espiritismo nas páginas de uma revista, fundada pelo mesmo. A *Revista Espírita* viria a se tornar seu principal meio de comunicação com o público espírita. Constituiu-se, com o passar dos anos, no instrumento de divulgação não somente da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*, mas da doutrina espírita como um todo.

Dessa forma, a intenção é demonstrar o quanto estão imbricadas, a *Revista Espírita* e a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*, no processo de criação da doutrina espírita por Allan Kardec na Paris das décadas de 1850. Analisar a *Sociedade* é estudar a construção do caráter institucional do espiritismo, bem como estudar a *Revista Espírita* é compreender a importância que a cultura letrada tem para esse grupo religioso.

Ao longo deste capítulo, pretende-se apresentar as funções e objetivos aos quais se propunha a Sociedade, fazendo uma análise do Estatuto da *Sociedade* para compreender seus objetivos, sua hierarquia de funcionamento e regras administrativas. Porque o Estatuto é o principal documento que versa sobre a história e organização da *Sociedade*. Por isso é que optamos por desenvolver uma análise vertical e aprofundada desta fonte. Enfim, objetiva-se

³⁰ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1858, p.233-234.

³¹ Reportagem escrita pelo editor chamado Dentu, datando de 11 de julho de 1857, contendo também uma correspondência trocada entre Kardec e o referido editor. *Revista Espírita*, 1858, p. 63-66.

³² KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1858, p. 233-234.

destacar o perfil e o papel que a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* teve para a construção do espiritismo.

Além disso, apresenta-se uma análise dos discursos de Allan Kardec nas datas referentes as comemorações do ano social da Sociedade, publicados na Revista, tratando da criação da *Comissão central*³³ e os projetos sociais propostos para o desenvolvimento do espiritismo, como a *Caixa do Espiritismo*, abordados nesses discursos. Por fim, apresentamos Allan Kardec não enquanto sujeito, mas como autor, sendo utilizada a *Revista Espírita* como documento de referência para pensar a questão da autoria em relação a Kardec.

2.1 - O BOLETIM DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS E A REVISTA ESPÍRITA

O Boletim³⁴ faz parte de uma sessão da *Revista Espírita*, apresentando as atividades e decisões administrativas da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*. Esta sessão, organizava-se pelos dias e o caráter das sessões, de estudo ou sessões gerais.

Na edição da *Revista Espírita* do mês de junho de 1859, percebemos pela primeira vez a intenção de apresentar aos leitores e aos adeptos do espiritismo um relato das atividades desenvolvidas na Sociedade.

Daqui em diante publicaremos regularmente o relato das sessões da Sociedade. Esperávamos fazê-lo a partir desse número, mas a abundância de matérias nos obriga a adiá-lo para a próxima edição. Os sócios que não residem em Paris e os membros correspondentes poderão, assim, acompanhar os trabalhos da Sociedade.³⁵

É importante salientar que a data da publicação na Revista não é a mesma das datas da realização das sessões. Primeiramente elencavam a aprovação de novos membros na Sociedade, seguindo da seção “comunicações diversas” e “estudos”. O boletim teve uma curta duração na *Revista Espírita*, foi publicado até a edição de fevereiro de 1861, sem nenhuma nota explicativa para a retirada dessa seção na *Revista*.

Na tentativa de traçar um panorama do movimento de novos membros que foram aceitos na Sociedade, levantou-se as principais informações mencionadas no boletim:

Quadro 1. N° de Admissões de novos membros Sócios livres - SPEE

³³ Adotou-se as aspas para as palavras grafadas da mesma forma que na *Revista Espírita*.

³⁴ As reflexões e informações específicas a respeito da organização da Sociedade foram obtidas através desse boletim.

³⁵ Fonte: KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1859, p. 274-275.

Gênero/ Ano	1860	1861
Homens	17	6
Mulheres	2	-

Fonte: Levantamento da autora.

As únicas informações mencionadas a respeito desses novos membros eram a profissão e a cidade/ país, não sendo mencionados os nomes dos indivíduos. A partir desse quadro, pôde-se perceber que a maioria eram homens, negociantes, proprietários de terras, condes, professores, pintores, funcionário dos correios. Essa maioria era ou residia em Paris, tendo alguns membros de Bruxelas e outros de Moscou. A única mulher citada era da Áustria.

Origem

Mesmo criada no dia 01 de abril³⁶, a fundação da *Sociedade* foi autorizada legalmente somente no dia 13 de abril de 1858, após a autorização do prefeito de polícia, ministro do interior e da segurança geral, como consta na *Revista Espírita*. Antes de intitular-se Sociedade, era chamada de *Círculo Parisiense de Estudos Espíritas*, como é expresso em uma carta enviada por Kardec endereçada ao Prefeito de Polícia da cidade de Paris:

Ao Sr. Prefeito de Polícia da cidade de Paris.

Sr. Prefeito: Os membros fundadores do Círculo Parisiense de Estudos Espíritas, que solicitaram junto a vós a autorização necessária para constituir-se em Sociedade, temos a honra de pedir-vos que consintais permitir-nos reuniões preparatórias, enquanto esperamos a autorização regular. Com o mais profundo respeito, Sr. Prefeito, tenho a honra de ser vosso muito humilde e muito obediente servidor, H. L. D. Rivail, dito Allan Kardec. Rua dos Mártires nº 8.³⁷

Conforme o trecho acima, pode-se perceber a formalidade pela qual era necessário passar para que um grupo de pessoas pudesse se reunir. Além disso, o elemento da formalidade passou ser uma característica clara da organização institucional da Sociedade.

Após a constituição oficial da Sociedade, ela foi transferida para outra sede, para um imóvel alugado na Galeria *Valois*, onde permaneceu por um ano. Nos anos seguintes transferiram-se para outro endereço, Galeria *Montpensier*, também permanecendo por pouco tempo. Por fim, de 1860 a 1869, a Sociedade permaneceu nas instalações da Passagem Santa

³⁶ Administrativamente considerado o início do Ano Social. Isso quer dizer que até essa data eram feitas o fechamento da contabilidade e era o período de duração da permanência dos membros da diretoria e comissão em suas funções.

³⁷ Fonte: Jornal de divulgação espírita- O Imortal, 2008, p.16.

Ana³⁸, no primeiro andar. Abaixo segue uma imagem da entrada da galeria na rua Santa Ana, em Paris.

Imagens 4, 5 E 6: Sedes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, na *Rue de Sainte-Anne*, na *Galerie de Valois* e na *Galerie de Montpensier*.



³⁸ Original em Francês: Passage Sainte-Anne.

Imagem 7: Entrada do edifício da Passage de Saint Anne.



39

³⁹ Disponível em: www.gdamas.com. Acesso em: 14/08/2016

2.2 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO ESTATUTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

O regulamento ou estatuto⁴⁰ foi inserido na obra “O Livro dos Médiuns” (1861), capítulo 30. Composto ao total por 29 artigos, ele é disposto em 4 capítulos: “Fins e constituição da *Sociedade*, Administração, Sessões e Disposições diversas”. Vamos nos deter aos elementos que consideramos mais relevantes para a compreensão geral das intenções de cada capítulo.

2.2.1 Fins e Constituição da Sociedade

A instituição tinha como princípios o estudo daquilo que compreendiam como manifestações espíritas e as relações estabelecidas com as ciências morais, filosóficas, históricas e psicológicas, eximindo-se de discussões a respeito de assuntos que envolvessem política, religião e economia. Esses elementos são fundamentais para compreender o posicionamento nos séculos seguintes de não envolvimento com funções e cargos políticos, bem como filiação a partidos políticos, tomado como geral e absoluto pelos adeptos do espiritismo.

O primeiro capítulo do regulamento, “Fins e constituição da sociedade”, compõe-se de 7 artigos, dos quais 6 foram destinados a descrição dos membros, suas funções e maneiras de admissão. Assim, a *Sociedade* era composta por membros titulares, sócios livres, membros correspondentes e membros honorários.

Membros titulares precisavam ter sido sócios livres durante um ano e frequentado mais da metade das sessões. Além disso, deviam ter provado suas intenções, conhecimentos e convicções em relação ao espiritismo. Apenas sócios titulares tinham voto deliberativo nas decisões da *Sociedade*, e acesso aos arquivos e à biblioteca. Para ser aceito como um Sócio livre era necessário o envio de uma carta para o presidente, Allan Kardec, apoiada pelo concurso de dois membros titulares.

O adiamento da solicitação era aplicado a quem, segundo a compreensão da presidência, ainda não possuísse conhecimentos suficientes do espiritismo. Mesmo assim, tinham direito de assistir as sessões gerais de estudo, sem direitos deliberativos no que dizia respeito à administração da instituição. A durabilidade da admissão era de um ano, ou seja, ao final de cada ano o membro passava novamente por uma avaliação e validação de seu “cargo”⁴¹.

⁴⁰ Utilizaremos a palavra regulamento como sinônimo de estatuto.

⁴¹ Grifos nossos.

Os membros correspondentes eram aqueles que tinham interesse de participar das discussões e atividades da instituição que não residiam em Paris. Para enviarem pedidos de admissão precisavam apenas de um membro titular apresentando. Forneciam documentos que eram enviados à direção e publicados na *Revista Espírita*.

Os membros honorários não eram “cargos” com função, como as outras descritas acima. O título era concedido a partidários do espiritismo que eram escolhidos por sua posição e seus trabalhos, residentes ou não na França. Entretanto, recebiam reavaliações anuais, isto é, reeleitos.

Havia uma significativa restrição de quem poderia ser aceito no regulamento da *Sociedade*, que foi estendida para a compreensão geral dos adeptos da doutrina espírita. Essa visão, de certo modo elitista, do público espírita foi expressa na edição de setembro de 1858 da *Revista Espírita*:

A qualidade dos adeptos do Espiritismo merece uma atenção particular. São recrutados nas camadas inferiores da sociedade, entre pessoas iletradas? Não; estes, pouco ou nada se preocupam (...). Até o momento, os seus prosélitos pertencem às primeiras fileiras da sociedade, entre pessoas esclarecidas, homens de saber e de raciocínio.⁴²

Nota-se a importância para o grupo de esclarecer e demonstrar ao público em geral quem eram os espíritas. Esse argumento foi utilizado como um elemento agregador de legitimidade para essa doutrina que estava em formação. No topo da administração estavam um Presidente-diretor assessorado pela diretoria e uma comissão. A diretoria era composta por um presidente, um vice-presidente, um secretário e dois adjuntos e um tesoureiro.

As funções do Presidente-diretor eram de dedicação irrestrita aos interesses da *Sociedade* e da “Ciência Espírita”⁴³, cabendo-lhe a direção geral e a conservação geral dos arquivos, com duração de três anos. Os outros membros da diretoria tinham mandato de apenas um ano.

O artigo 11 do regulamento, o mais extenso desse capítulo, tratava das disposições e funções da comissão. Presidida pelo Presidente-diretor, era composta:

(...) membros da diretoria e de cinco outros sócios titulares, escolhidos de preferência entre os que tiverem dado concurso ativo aos trabalhos da Sociedade, prestado serviços à causa do Espiritismo, ou demonstrado possuir ânimo benevolente e conciliador. Estes cinco membros são, como os da diretoria, eleitos um por ano e reelegíveis.⁴⁴

⁴² KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1858, p. 368.

⁴³ Referência ao termo utilizado no Estatuto.

⁴⁴ Estatuto, art.11, p.460.

Percebe-se a importância dada ao período pelo tempo de permanência dos membros em seus respectivos “cargos” quando validados de acordo com a “qualidade dos trabalhos” prestados à causa. À Comissão eram incumbidos os assuntos administrativos, a fiscalização das despesas e a contabilidade do tesoureiro, a autorização das despesas ordinárias e medidas gerais que a *Sociedade* julgasse necessárias. Além dessas funções, competia-lhe a escolha e exame dos assuntos a serem estudados, determinar a ordem das sessões sempre de acordo com o Presidente. Reuniam-se para prepararem as sessões, atentando para a frequência de seus membros, que em caso de ausência por três meses consecutivos poderiam ser destituídos de suas funções.

As decisões eram tomadas pela Comissão através do voto dos membros presentes, sendo suficiente quatro membros para uma deliberação, ao presidente cabia o voto de desempate. Assim, a cada três meses eram designadas pessoas para a função de comissão dentre os membros titulares e sócios livres, fazendo papel zeladores da ordem e da disciplina durante as sessões.

A *Sociedade* cobrava regularmente taxas para a manutenção das despesas. Existiam também detalhadas regulamentações financeiras para o processo de admissão. Ao serem aceitos na Sociedade, os sócios titulares davam de entrada uma joia de 10 francos⁴⁵, valendo apenas para o ano em que passaram a fazer parte da instituição⁴⁶. Esses detalhes da administração financeira mostram-se relevantes porque são abordados por Kardec ao longo da *Revista*. Os participantes recebiam um cartão de admissão, para comprovar a categoria pertencente e a quitação das taxas. Só poderiam assistir as sessões mediante a apresentação da carteira⁴⁷, que só poderia ser retirada após efetuado o pagamento da joia e da taxa anual.

2.2.2 Sessões

Esse capítulo do regulamento possui seis artigos, nos quais Kardec detalhadamente apresenta como deveriam ser realizadas as sessões e as regras para seus membros. As reuniões da Sociedade *Parisiense de Estudos Espíritas* se realizavam às 20:00 horas nas sextas-feiras.⁴⁸ Eram divididas em reuniões particulares e gerais. No regulamento, havia uma importante

⁴⁵ Em reais seria o equivalente a \$6,04. Esses elementos poderiam servir para analisar a relação de apropriação da Revista por uma classe menos favorecida monetariamente, como um instrumento de divulgação.

⁴⁶ Para casais que fossem aceitos como associados livres ou titulares, eram exigidas uma cota e meia.

⁴⁷ Caso o cartão de admissão não fosse retirado dentro do prazo de um mês, o participante passava ser considerado demissionário também considerado assim o sócio que não pagasse a cota anual no primeiro mês da renovação do ano social. (Art.16.)

⁴⁸ No artigo 17, capítulo III, do Estatuto era exposto ainda uma regra geral: “Todos os que façam parte da Sociedade, sob qualquer título, devem, em cada sessão, assinar os nomes numa lista de presença”.

ressalva sobre o fato de que as sessões nunca seriam públicas. As reuniões particulares realizavam-se nas primeiras e terceiras sextas-feiras de cada mês, reservadas apenas aos membros já admitidos da *Sociedade*. Discutiam-se questões concernentes aos negócios administrativos, assim como temas de estudos. O ano em que mais participaram membros nas quatro sessões foi o de 1860.

As sessões gerais realizavam-se nas segundas e quartas sextas-feiras de cada mês. Nessas reuniões eram autorizados pelo Presidente participantes-ouvintes temporários. Ainda sobre a participação de ouvintes às sessões, não eram admitidas pessoas que não se interessassem em se tornar associados, somente os que já estivessem familiarizados com a ciência espírita.

Aos ouvintes é interdito o uso da palavra, salvo casos excepcionais, a juízo do Presidente. Aquele que de qualquer maneira, perturbar a ordem, ou manifestar má vontade para com os trabalhos da Sociedade, poderá ser convidado a retirar-se e, em todos os casos, o fato será anotado na lista de admissão e a entrada lhe será de futuro proibida. (...). Devendo-se limitar o número de ouvintes pelos lugares disponíveis, os que puderem assistir às sessões deverão ser inscritos previamente num registro criado para esse fim.⁴⁹

Percebe-se um controle rígido de quem ia e vinha na *Sociedade* bem como de quem pretendia entrar para o grupo. O conjunto mais visado para controle era o dos ouvintes, tanto que a eles não eram concedidas mais do que duas permissões⁵⁰. Depois de iniciada a sessão estava vedada a entrada de qualquer membro, principalmente os ouvintes.

Como procurou-se demonstrar nos capítulos anteriores, a disciplina era um adjetivo utilizado para construir cada detalhe dessa organização institucional. Não seria diferente para a normatização dos comportamentos. Durante as sessões e os estudos particulares ninguém poderia tomar a palavra, nem tecer perguntas aos espíritos, a não ser por autorização e/ou intermédio do Presidente, primando-se em geral pelo silêncio. Realizavam ainda uma votação coletiva para a decisão e inserção em ata, de reclamações formais, podendo ser com relação à desordem causada por outrem. A eliminação de um sócio, qualquer que fosse sua categoria, poderia ocorrer devido a três reclamações no espaço de um ano.

A metodologia para a elaboração dos trabalhos elaborados pela *Sociedade* foi através de evocações supostamente direcionadas a espíritos:

Haverá vantagem em evocar os Espíritos, em vez de esperar que venham quando quiserem? -Se evocá-lo tendes em mira um objetivo; deixando que venham

⁴⁹ Estatuto da S.P.E.E, art.22.

⁵⁰ Segundo o artigo 22, do Estatuto, nenhum membro da Sociedade poderia apresentar mais de duas pessoas ao mesmo tempo.

espontaneamente, correis o risco de obter comunicações imperfeitas sob muitos aspectos, porque os maus vem tão bem quanto os bons.⁵¹

Além disso, a postura da instituição era coerente com os princípios do cientificismo vigente no século XIX. Em uma correspondência inserida no Boletim da *Sociedade*, Kardec responde a um leitor da *Revista* a respeito de seus métodos:

Para bem conhecer uma coisa é preciso ver tudo, aprofundar tudo, comparar todas as opiniões, ouvir os prós e contras, escutar todas as objeções e, finalmente, só aceitar o que a lógica mais severa pode admitir. É o que incessantemente recomendam os Espíritos que nos dirigem, e é por isso que a Sociedade tomou o nome de Sociedade de Estudos, nome que implica a ideia de exame e de pesquisas.

Caracteres do cientificismo mostraram-se ao longo dos livros e da *Revista* através da comparação, do “raciocínio”, do uso da lógica, como traz o trecho acima. Por meio das análises dos textos do Boletim da *Sociedade*, inseridos na *Revista Espírita*, percebeu-se com uma relativa frequência a repetição de alguns nomes. Estão na lista dos “mentores”⁵² Laménnois, La Fontaine, J.J. Rousseau, etc. Entretanto, o principal espírito protetor e guia da Sociedade era São Luis.

2.2.3 Disposições diversas

Este último capítulo do estatuto, contendo seis artigos, tratava dos direitos e a função da produção que se relacionava, direta ou indiretamente, à *Sociedade* e ao espiritismo. Advertindo a todos os membros da *Sociedade*, inclusive os convidados, esclareciam sobre a responsabilidade que a instituição representava em reter, analisar e publicar todos os tipos de produção:

A sociedade, considerando que a sua responsabilidade pode achar-se moralmente comprometida pelas publicações particulares de seus associados, prescreve que ninguém poderá, em qualquer escrito, usado o título de sócio da Sociedade, sem que a isso esteja por ela autorizado e sem que previamente tenha ela tido conhecimento do manuscrito. À comissão caberá fazer-lhe um relatório a esse respeito. Se a Sociedade julgar que o escrito é incompatível com seus princípios, o autor, depois de ouvido, será convidado ou a modifica-lo, ou a renunciar à sua publicação, ou, finalmente, a não se inculcar como sócio da Sociedade. Dado que ele se não submeta à decisão que for tomada, poderá ser resolvida a sua expulsão.⁵³

⁵¹ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1858, p. 466.

⁵² Considerado pelos adeptos do espiritismo como espíritos protetores semelhantes aos anjos guardiões do catolicismo.

⁵³ Estatuto da S.P.E.E, Art. 26.

Todos os membros que quisessem escrever a respeito do espiritismo deveriam direcionar o texto à comissão da *Sociedade* para passar por avaliação. Após análise, era emitido um parecer favorável e se a temática fosse considerada instrutiva, poderia ser publicado na *Revista Espírita*, não necessariamente sendo mencionado o autor e/ou médium.

Os últimos artigos ainda discorrem sobre as condições de exclusão de seus membros que se encaixassem nessas condições em caso de perturbação, hostilidade, escritos comprometedores à *Sociedade* e a doutrina. Era procedido através de um aviso prévio, se necessário e/ou por vontade do inculpado, podendo haver explicação. A decisão final poderia ser tomada secretamente ou com pelo menos três quartos dos membros da comissão presentes, como consta no artigo 27. Além disso, também poderiam ser expulsos aqueles que se ausentassem por mais de três meses e contraíssem dívida com as cotas exigidas por função.

Ao final, o regulamento apresentava-se como um regimento aberto a ser modificado como fosse conveniente à *Sociedade*, o que podia ser feito somente pelo Presidente ou com sua autorização, passando pela aprovação também da comissão.

Dessa forma, entende-se que para compreendermos em todos os âmbitos a *Revista Espírita* precisávamos analisar a instituição fundadora, a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*. Por isso, nos esforçamos em detalhar sua organização administrativa por meio do regulamento e dos Boletins da *Sociedade*, por entendermos a *Revista* como um produto indissociável da *Sociedade*. Ela se constituiu como o veículo oficial de imprensa que representava a visão de mundo criada pelo espiritismo e o Boletim, o instrumento de comunicação entre o público leitor da *Revista* e os frequentadores das sessões da *Sociedade*.

Outra parte constitutiva da *Revista*, na qual pode-se dizer que servia de instrumento de comunicação entre os leitores e a direção, são os discursos do presidente Allan Kardec no qual se dirigia claramente aos espíritas. Estes elementos serão analisados a seguir no próximo item.

2.3 CIÊNCIA, FILOSOFIA OU RELIGIÃO? - ANÁLISE DOS DISCURSOS DE ALLAN KARDEC

Anualmente, em cada sessão comemorativa do ano social da *Sociedade*, eram apresentados aos leitores da *Revista* os discursos de abertura do Presidente da casa, Allan Kardec. Nesses discursos aparecem as reflexões de Kardec com relação a organização da *Sociedade* e do espiritismo. O conjunto analisado compõe-se de 5 discursos⁵⁴, de 1861 a 1865, além de dois textos produzidos por Kardec, um tematizando a *Caixa do espiritismo* e outro

⁵⁴ Foram identificados apenas cinco discursos na *Revista Espírita*.

sobre a comemoração anual do dia dos mortos. Esse conjunto documental foi selecionado por compreendermos que possuem informações especiais e diferentes das demais partes da *Revista*.

No relatório de 1861, em comemoração aos quatro anos da Sociedade, vemos um texto com uma linguagem formal em que abordava predominantemente assuntos administrativos, atentando para as lacunas e para as mudanças que pretendiam desenvolver:

No número das mais úteis reformas deve-se colocar em primeiro lugar a instituição dos sócios livres, que dá mais fácil acesso aos candidatos, permitindo que se conheçam e se apreciem antes de sua admissão definitiva como membros titulares. Participando nos trabalhos e estudos da Sociedade, aproveitam tudo quando nela se faz. Como, porém, não têm voz na parte administrativa, não podem, em nenhum caso, comprometer a responsabilidade da Sociedade. Vem a seguir medida que teve por objeto restringir o número dos ouvintes e cercar de maiores dificuldades, por uma escolha mais severa, a sua admissão às sessões; depois, a que interdita a leitura de qualquer comunicação obtida fora da Sociedade, antes de ser conhecida previamente e que a leitura tenha sido autorizada; enfim, as que armam a Sociedade contra quem quer que possa trazer perturbação ou tente impor-lhe a sua vontade.⁵⁵

Além de reforçar as regras restritivas com relação a admissão de membros e o enfoque na ordem que deveria ser estabelecida nas reuniões, Kardec passa a desenvolver argumentos a favor da *Sociedade* com relação ao caráter científico dela. Importante ressaltar que esse é um momento de seleção, ou seja, determinar o que se queria para daqui em diante e o que deveria se excluir em vista das experiências já vivenciadas na organização da *Sociedade*.

Ora, o que nós queremos é que, ao sair de nossa casa, os ouvintes não levem convicção, mas levem da Sociedade a idéia de uma assembleia grave, séria, que se respeita e sabe fazer-se respeitar, que discute com calma e moderação, examina com cuidado, aprofunda tudo com olho de observador consciencioso, que procura esclarecer-se, e não com a leviandade de simples curioso.⁵⁶

Kardec frisa constantemente de que as reuniões não se tratavam de meras sessões de demonstrações curiosas, mas de um grupo que se apoiava no estudo e na meditação concernente aos elementos constitutivos da doutrina espírita. Iniro um trecho importante no qual Kardec se posiciona especificamente sobre os objetivos a que se propunha a *Sociedade*:

Toda ciência, em seu início, encontra forçosamente fato que, a princípio, parecem contraditórios, de modo que só um estudo minucioso e completo pode demonstrar-lhe a conexão. Foi a lei comum desses fatos que quisemos buscar, a fim de apresentar um conjunto tão completo, tão satisfatório quanto possível, sem deixar a mínima oportunidade para a contradição. Com este objetivo recolhemos os fatos, examinamo-los, escrutamo-los no que eles têm de mais íntimo, comentamo-los, discutimo-los friamente, sem entusiasmo, e foi assim que chegamos a descobrir o

⁵⁵ KARDEC, A. Revista Espírita, 1861, p. 200.

⁵⁶ KARDEC, A. Revista Espírita, 1861, p. 202.

admirável encadeamento que existe em todas as partes dessa vasta Ciência⁵⁷, que toca os mais graves interesses da humanidade. Tal foi até o momento, senhores, o objetivo dos nossos trabalhos, objetivo perfeitamente caracterizado pelo simples título de Sociedade de Estudos Espíritos, que adotamos. Reunimo-nos com a intenção de nos esclarecermos e não de nos distrairmos. (...). Daí porque não queremos ter senão ouvintes sérios, e não curiosos que aqui julgassem encontrar um espetáculo. O Espiritismo é uma Ciência e, como qualquer outra Ciência, não se aprende brincando.⁵⁸

Fica evidente, com o trecho acima, que a concepção de Allan Kardec nesse período é de que o movimento que estão dando forma é compreendido como uma ciência. Pode-se perceber a descrição dos métodos adotados para a avaliação e desenvolvimento dos estudos na *Sociedade*: seleção dos fatos, exame minucioso e, posteriormente, o estabelecimento de um debate comentado sobre os fatos analisados. Para entender a constituição do espiritismo francês de meados do século XIX, é importante perceber a forma como foram desenvolvidas as atividades da Sociedade por isso nossos dois suportes documentais foram o regulamento e os Boletins da Sociedade.

Vemos ainda, no Boletim da *Sociedade* edição de abril de 1860, um projeto de modificações para ser inserido no regulamento da instituição, no qual essa compreensão de ciência é reiterada:

O objetivo da Sociedade está claramente definido em seu título e preâmbulo do regulamento atual. Esse objetivo é, essencialmente e, pode-se dizer, com exclusividade, o estudo da ciência espírita. O que queremos, antes de tudo, não é nos convencer, pois já o estamos, mas instruir-nos e aprender o que não sabemos. (...). Partindo desse princípio, a Sociedade não se apresenta absolutamente como uma Sociedade de propaganda. Sem dúvida, cada um de nós deseja a difusão das ideias que julgamos justas e úteis, contribuindo no círculo de suas relações e na medida de suas forças. (...). Reunimo-nos para estudar o Espiritismo, como outros se reúnem para estudar frenologia, a história ou outras ciências.⁵⁹

Ao final do discurso de 1861 encontramos uma síntese da (auto) representação do que a doutrina significava em relação aos conceitos de ciência, filosofia e religião:

Tal qual hoje é professada, a Doutrina Espírita tem uma amplitude que lhe permite abarcar todas as questões de ordem moral; satisfaz a todas as aspirações e, pode-se dizer, ao mais exigente raciocínio, para quem quer que se dê ao trabalho de estudá-la e não esteja dominado pelos preconceitos. Ela não tem as mesquinhas restrições de certas filosofias; (...). Enfim, ela se apoia nos imutáveis princípios fundamentais

⁵⁷ Kardec faz uso de duas diferentes grafias, ciência e Ciência. Pelo estudo e análise da Revista pode-se depreender que quando ele usa com iniciais minúsculas estaria se referindo a todas as ciências em geral. Quando fazia uso em letra maiúscula referia-se ao espiritismo.

⁵⁸ KARDEC, A. Revista Espírita, 1861, p.203.

⁵⁹ KARDEC, A. Revista Espírita, 1860, p. 161.

da religião, dos quais é a demonstração patente. Eis, sem dúvida, o que lhe conquista tão numerosos partidários entre as pessoas esclarecidas de todos os países, e o que fará prevalecer, em tempo mais ou menos próximo (...).⁶⁰

Como demonstrado acima, Kardec vai transformando suas concepções a respeito de quais conceitos o espiritismo deveria se vincular. A partir desse momento, pôde-se perceber, ao longo das páginas da *Revista*, uma continuidade dessa percepção de uma ciência de ordem moral com consequências filosóficas.

Mesmo estando em seu quarto ano de existência da *Revista* e da *Sociedade*, ambas fundadas em 1858, persiste a definição do seu caráter e seus objetivos frequentemente nos textos administrativos. Os discursos ressaltam que o crescimento do espiritismo não estava vinculado apenas e exclusivamente a uma *Sociedade*, como segue:

(...) não formamos uma seita, nem uma sociedade de propaganda, nem uma corporação com interesse comum; se deixássemos de existir, o Espiritismo não sofreria nenhum prejuízo, formando-se, de nossas ruínas, vinte outras sociedades. (...) é necessário saberem que as raízes do Espiritismo não estão em nossa Sociedade, mas no mundo inteiro.⁶¹

Percebe-se a proposta de Kardec de que a o espiritismo kardecista francês foi um projeto transnacional para a codificação da filosofia e prática do espiritismo, conforme (MONROE, 2014). Pode-se incluir nesse sentido o estabelecimento dos membros correspondentes da Sociedade, isto é, adeptos do espiritismo que se correspondiam com a *Revista* e se informavam das disposições administrativas por meio dos Boletins de atividade. A partir dessa abordagem compreende-se que esse movimento de ideias, atravessando fronteiras culturais e linguísticas, da América para a França, servia ao intuito de, simultaneamente, compreenderem a si mesmos e de diferenciarem-se dos outros grupos religiosos.

Essa tese fundamenta o objetivo inicial da *Sociedade* de estabelecer e manter correspondência com leitores e membros correspondentes estrangeiros. Além disso, era constante a referência a jornais de diferentes países na *Revista Espírita*, demonstrando assim a relevância de ser (re) conhecida para além das fronteiras de Paris.

Esse caráter transnacional da *Sociedade* e paralelamente do espiritismo, ajudou-o no seu processo de crescimento e expansão. Entretanto, não o isentou de passar por diversas críticas e conflitos, internos e externos ao movimento.

⁶⁰ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1861, p. 209.

⁶¹ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1860, p. 162

No discurso de 1862, Kardec traz informações a respeito do crescimento e das dificuldades que a *Sociedade* estava enfrentando. Nesse período, a instituição contava com 87 membros sem os membros correspondentes, mesmo assim, a quantia de membros era considerada como secundária nos assuntos administrativos. A linguagem utilizada para dar característica à *Sociedade* oscila entre “ciência espírita” e “um fim essencialmente moral e filosófico”. Relata ainda um conjunto de acusações de que o espiritismo se ocupava de um “sistema diabólico”. O contra argumentando utilizado foi o do

(...) número incalculável de grupos espíritas que se formam pelos mesmos processos, isto é, de acordo com os princípios que ela professa; é o número de sociedades regulares que se organizam e querem colocar-se sob o seu patrocínio, existentes em várias cidades da França e do estrangeiro, na Argélia, na Itália, na Áustria, no México, etc. O que fizemos para isto? (...) nossos agentes são as obras. (...). Daí os milhares de grupos particulares, que podem ser chamados de familiares. (...). Pedem-nos conselhos e, assim, insensivelmente se forma essa rede, que já fincou balizas em todos os pontos do globo.⁶²

A *Sociedade Parisiense* servia como instituição-modelo para os espíritas. Em Paris e fora da França era interesse dos grupos espíritas possuir o patrocínio da *Sociedade* fundada e dirigida pelo autor de “O Livro do Espíritos”. O grupo francês intencionava não somente ultrapassar as fronteiras territoriais com suas ideias, mas utilizar a *Sociedade* Espírita para a construção de uma rede de relações entre os espíritas do mundo.

A *Sociedade* considerava esses grupos espíritas, fundados sob seu patrocínio, como sucursais, não tendo nenhuma autoridade sobre elas. Limitava-se somente a conselhos fiscais, administrativos e morais. Kardec observava positivamente a iniciativa de alguns membros reunirem-se particularmente, sendo consideradas estas reuniões como experiência para médiuns e como agentes de propaganda da doutrina. Eram diretos quanto a isso na *Revista*: “Não é porque uma reunião se intitula grupo, círculo ou sociedade espírita que, necessariamente, deve ter a nossa simpatia; a etiqueta jamais foi garantia absoluta da qualidade da mercadoria”.⁶³

O discurso do quinto ano de existência da *Sociedade* ainda permanece no relato da situação na qual o espiritismo se encontrava em 1864. Os elementos do caráter de “ciência” e a transnacionalização da doutrina, como já mencionados, são fortemente reafirmados nesse discurso:

⁶² Revista Espírita, junho de 1862, p.231.

⁶³ Revista Espírita, 1864, p. 197.

A Sociedade começa seu sétimo ano, o que é muito significativo em se tratando de uma ciência nova. Um fato de não menor importância é que ela seguiu constantemente uma marcha ascendente. (...). Com efeito, o número de membros ativos é uma questão secundária para toda a sociedade que, como esta, não visa entesourar. Assim o exige a própria natureza de seus trabalhos, exclusivamente científicos, para os quais são necessários a calma e o recolhimento, e não o alvoroço da multidão.⁶⁴

E segue:

O sinal de prosperidade da Sociedade, não está, pois, na cifra de seu pessoal, nem no montante de sua reserva bancária; está inteiramente na progressão de seus estudos, na consideração que conquistou, no ascendente moral que exerce lá fora, enfim o número de adeptos que aderem aos princípios que ela professa, sem que, por isso dela participem. A esse respeito, senhores, sabeis que o resultado ultrapassou todas as previsões e, coisa notável! Não é somente na França que ela exerce tal ascendente, mas no estrangeiro, porque, para os verdadeiros espíritas, todos os homens são irmãos, seja qual for a nação a que pertençam. Sem desígnio premeditado e pela força das coisas, a Sociedade tornou-se um centro para onde convergem ensinamentos de toda natureza concernentes ao espiritismo.⁶⁵

Essa abordagem transnacional do fenômeno parece ser utilizada por Kardec como principal argumento para legitimação e explicação do crescimento e expansão do espiritismo. (MONROE, 2014) Apresenta três grupos de historiadores que desenvolvem visões diferentes da mesma abordagem. Os pesquisadores dos Estados Unidos, que são os que mais tem produzido a respeito do tema, apresentam o espiritualismo como um movimento religioso distintamente americano conectados ao contexto americano das reformas radicais de 1848. Um segundo grupo compreende o fenômeno a partir do panorama de um protestantismo expandido paralelamente a movimentos como o Swendenborguianismo, Universalismo e Quakerismo. Esse último grupo parte suas análises baseadas na abordagem da história cultural. Esse panorama historiográfico a respeito da tese da transnacionalidade nos permite utilizar uma lente macro para compreender esse fenômeno particular, o espiritismo. (MONROE, 2014)

Essa ênfase transnacional do espiritualismo refere-se ao cruzamento dos Estados Unidos para a Europa, migrando para o leste do continente para então voltar através do Atlântico para a América Latina e Caribe.

Ao invés de simplesmente assumir que o Espiritualismo foi sempre o mesmo em qualquer lugar, ou limitar nosso foco a uma única nação, podemos começar a nos mover para um sentido mais matizado dos caminhos em que ideias e práticas inventadas nos Estados Unidos foram, ora gradualmente ora dramaticamente, modificadas em cada estação na sua jornada global, e que estas modificações

⁶⁴ Revista Espírita, 1864, p.192.

⁶⁵ KARDEC, A. Revista Espírita, 1864, p.197.

poderiam dizer-nos sobre grandes similaridades e diferenças na vida religiosa do século dezanove através do mundo Atlântico. (MONROE, 2014, p. 9)

Essa concepção transnacional é que se percebe frequentemente tanto no Boletim da *Sociedade Parisiense* quanto nas demais páginas da *Revista Espírita*. Interessante frisar que a referência à *Sociedade* é de uma ciência nova, entretanto, contradiz com a afirmação de que é, paralelamente “a posição (...) exclusivamente moral”. Como já mencionamos, essas contradições, significaram a instabilidade pela qual a doutrina passou para se organizar e se consolidar na sociedade francesa de fins do século XIX.

Nesse sentido, desde o princípio a *Sociedade* preocupou-se em organizar sua história e memória. Para isso, Kardec destinou as últimas páginas de seu discurso de 1864:

A história do espiritismo moderno será uma coisa realmente curiosa, porque será a da luta entre o mundo visível e o mundo invisível. (...) O que dará a essa história um caráter peculiar é que, em vez de ser feita, como muitas outras, dos anos ou dos séculos fora do tempo, com fé na tradição e na lenda, ela se faz à medida que os eventos acontecem, baseando-se em dados autênticos, o mais vasto e completo arquivo existente no mundo, que possuímos, proveniente de correspondência incessante, vinda de todos os países onde se implanta a doutrina. (...) Esses arquivos serão, para o futuro, a luz que dissipará todas as dúvidas, a mina onde os comentadores futuros poderão colher com certeza. Como vedes, senhores, esse trabalho é de grande importância no interesse da verdade histórica; a nossa própria Sociedade nele está interessada, em razão da parte que ocupa no movimento.⁶⁶

A visão expressa é de que estão construindo conjuntamente, “à medida que os fatos acontecem”, a forma como deverá ser contada e ensinada a trajetória do espiritismo com a organização da doutrina. Além de definirem claramente sua posição, enquanto instituição, como o farol norteador e modelo para ser seguido por quem quisesse professar essa doutrina.

A posição da Sociedade lhe impõe obrigações para conservar seu crédito e seu ascendente moral. A primeira é não se afastar, quanto à teoria, da linha seguida até hoje, pois já recolhe seus frutos; a segunda está no bom exemplo que deve dar, justificando, pela prática, a excelência da doutrina que professa. Sabe-se que este exemplo, provando a influência moralizadora do espiritismo, é um poderoso elemento de propaganda e, ao mesmo tempo, o melhor meio de fechar a boca dos detratores.⁶⁷

Desejando conservar a posição em que se encontrava a *Sociedade*, Kardec roga aos “conselhos dos espíritos bons” que assistissem a essa “nova ciência”. Na edição comemorativa de 1864, a *Revista* publicou a íntegra de comunicações recebidas na instituição dos espíritos

⁶⁶ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1864, p.199.

⁶⁷ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1864, p. 199.

que os inspiravam e protegiam, citando autores como João Evangelista, Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Baluze, Vianney –o cura d’Ars, Jean Raynaud, Delphine de Girardini, Mesmer e os que apenas tomam a qualificação de Espírito. Fazia um particular tributo de reconhecimento ao principal guia e presidente espiritual, que na Terra teria sido São Luís⁶⁸. Esse compilado de agradecimentos mostra-se relevante enquanto elemento de confirmação da seriedade e legitimação da doutrina e da *Sociedade* perante seus leitores.

No início de novo ano social, em 1865, Kardec presta-se a um relato contábil, um tanto pessoal, no sentido da sua figura enquanto presidente da *Sociedade Parisiense* sobre a Caixa do Espiritismo. Possivelmente essa linguagem pessoalizada e pormenorizada deva-se a críticas que ele tenha recebido pelo uso e administração dos bens materiais e financeiros da instituição.

Nesse relatório Kardec remete a um outro feito em 1860, período no qual menciona ter recebido um donativo no valor de 10.000 francos de uma leitora. Nessa época, a *Sociedade* ainda não possuía sede própria, em vista disso, o presidente decidiu aplicar o valor recebido em melhorias para a organização da instituição.

Ao destinar o donativo feito, quer na compra do material, quer no pagamento do excedente do aluguel, não nos afastávamos das intenções do doador, pois o empregávamos no interesse da doutrina. Hoje se compreende perfeitamente quanto foi útil dispor desse centro, para onde convergem tantas relações e, além disso, quanto era necessário que eu tivesse uma pousada. Todavia - devo lembrar - não há para mim nenhuma vantagem em residir nesse local, pois tenho outro apartamento, que nada me custa e onde me seria mais agradável morar, e isto com tanto mais razão quando essa dupla residência, longe de ser um alívio, é uma agravação de encargos. (...) ⁶⁹

O principal esforço foi demonstrar que o dinheiro da Caixa do Espiritismo não tinha sido usado para negócios pessoais de Kardec, tendo sido utilizado para a quitação do aluguel durante seis anos de duração do contrato desde 1860. Para este aluguel teriam sido reservados 11.100 francos, não sendo suficientes para a quitação total. Frisando que não vivia às custas do espiritismo e de ninguém, Kardec assim desabafa:

Minhas imensas riquezas proviriam, então, de minhas obras espíritas. Embora estas obras tenham tido um sucesso inesperado, basta ter um pouco de familiaridade com os negócios de livraria, para saber que não é com livros filosóficos que se amontoam milhões em cinco ou seis anos, quando sobre a venda só se tem o direito natural de alguns centavos por exemplar. Mas muito ou pouco, sendo esse produto o fruto do

⁶⁸ KARDEC, A. Revista Espírita, 1864, p. 483.

⁶⁹ KARDEC, A. Revista Espírita, 1865, p. 222.

meu trabalho, ninguém tem o direito de intrometer-se no emprego que dele faço; ainda mesmo que se elevasse a milhões, ninguém tem nada a ver com isto, desde que a compra de livros, assim como a assinatura da Revista, é facultativa e não se impõe em nenhuma circunstância, nem mesmo para assistir às sessões da Sociedade. Falando comercialmente, estou na posição de todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; corro o risco de todo escritos, que tanto pode triunfar, quanto fracassar.

70

Como preocupou-se em demonstrar Kardec, só detinha direitos exclusivos sob a *Revista*, diferente do que era para o restante das suas obras literárias espíritas e as publicadas anteriormente a fundação da *Sociedade*. Ele calcula seus gastos em média de 6000 francos por ano em despesas com cartas, associações e outros pequenos gastos para proveito do estabelecimento da doutrina. Ele afirmava “(...) foi a obra da minha vida: a ela dei todo o meu tempo, sacrifiquei meu repouso, minha saúde, porque o futuro estava escrito diante de mim em caracteres irrecusáveis”.

Além de uma reserva financeira para o desenvolvimento estrutural e administrativo do espiritismo, foi destinada uma aplicação especial em obras de caridade, a Caixa de Beneficência. Ao final desse relatório, até aqui detalhado, Kardec demonstrou modificações na compreensão do caráter do espiritismo. Referindo-se como uma “doutrina moral”, uma vez que o espiritismo “é uma obra essencialmente moralizadora e humanitária”, em estado de esboço, porém já possuindo seus princípios gerais estruturados. Compreendia que “até agora não passa de uma doutrina filosófica”. Isso demonstra que o conceito acerca do que o espiritismo deveria representar não foi unânime nem estático, ou seja, sofreu transformações ao longo do desenvolvimento da doutrina. Em síntese, entre os anos de 1860 a 1862 predominavam o discurso em torno do caráter de ciência, como mencionado acima. Já a partir dos anos 1864 e 1865, Kardec mudou a linguagem referindo-se a uma doutrina filosófica, moral e humanitária.

O discurso proferido por Kardec na sessão anual comemorativa do dia dos mortos de 1868, iniciava-se com uma questão paradigmática: “O Espiritismo é uma religião?” Para abordar a temática da religião ele optou por introduzir com uma discussão sobre as reuniões religiosas e seu caráter. Assim, seguiu com um artigo sobre a comunhão de pensamentos, relacionando-se com os efeitos do pensamento coletivo e as reuniões religiosas.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; com efeito, é aí que podem e devem exercer a sua força, porque o objetivo deve ser a libertação do pensamento das amarras da matéria.

⁷⁰ KARDEC, A. Revista Espírita, 1865, p. 224.

Infelizmente, a maioria se afasta deste princípio à medida que a religião se torna uma questão de forma.⁷¹

O raciocínio aplicado para desenvolver a ideia seria de que os espíritas precisariam “aprender” de maneira coletiva, porque o isolamento social conduziria ao egoísmo, sendo necessário compartilhar conhecimentos por meio de uma reunião de caráter religioso.

Será sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; a maioria necessita de ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Incontestavelmente, tais ensinamentos podem ser dados em toda a parte, sob a abóboda do céu, como sob a de um templo; mas por que os homens não haveriam de ter lugares especiais para as questões celestes, como os têm para as terrenas? Por que não teriam assembleias religiosas, como têm políticas, científicas e industriais?⁷²

A questão principal das assembleias religiosas, argumentava Kardec, deveria ser a comunhão de pensamentos tendo em vista que a palavra religião significaria laço. Dessa forma, uma religião “verdadeira” seria “um laço que religa os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças”. O intuito desse laço seria essencialmente moral e teria por consequência a comunhão de sentimentos, a fraternidade, a solidariedade a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que ele também diz: a religião da amizade, a religião da família. Assim, Allan Kardec finaliza seu raciocínio sobre uma das questões mais debatidas, desde a sua fundação em meados do século XIX até os dias de hoje, se o espiritismo é ciência, filosofia ou religião:

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza. Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. (...). Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.⁷³

Destacamos aqui a intenção direta de esclarecer que tipo de prática a doutrina espírita inaugurava. Compreendendo que no sentido filosófico o espiritismo é uma religião, entretanto, não é uma religião quanto à forma e acepção do termo. Conclui-se que o grupo em torno de

⁷¹ KARDEC, A. Revista Espírita, 1868, p. 487-488.

⁷² KARDEC, A. Revista Espírita, 1868, p. 489.

⁷³ KARDEC, A. Revista Espírita, 1868, p. 491.

Kardec, como um grupo social, que reunia-se por meio da comunhão de pensamentos e sentimentos em uma assembleia religiosa com consequências morais e filosóficas. Propunha-se construir um laço entre as leis da natureza e as leis de Deus, a religião do espiritismo poderia conciliar-se com todos os cultos, com todas as maneiras de adorar a Deus. Essa religião deveria ser o laço que devia unir todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal⁷⁴.

Essa extensa dissertação, o discurso de Kardec de 1868, mostrou-se peculiarmente distinta das demais publicadas nos números anteriores com relação a sua linguagem, por se apresentar muito mais “religiosa” do que afirmativamente “científica”. Além desse discurso, a Sociedade preocupou-se em desenvolver um artigo - intitulado Constituição transitória do espiritismo- para apresentar aos leitores da *Revista*, e membros da *Sociedade de Paris* e fora dela, um panorama geral do espiritismo de 1858 a 1868. Esse discurso dividiu-se em 9 artigos: “considerações preliminares, extrato do relatório da Caixa do Espiritismo, cismas, o chefe do espiritismo, comissão central, obras fundamentais da doutrina, atribuições da comissão, vias e meios, e a conclusão”. Serão usados apenas a parte quinta e a sétima, que abordam especificamente sobre a comissão central.

A partir de agora, nos deteremos na quinta do referido artigo, que tratou da elaboração de uma comissão central. O regulamento, publicado em “O Livro do Médiuns”, em 1861, já abordava as primeiras questões quanto à estrutura administrativa e as funções da Comissão. Entende-se que esse artigo complementa as disposições já estabelecidas, sendo posteriormente inserido em “Obras Póstumas” (1869), com o acréscimo de outros documentos produzidos por Kardec sobre a constituição do espiritismo.

A proposta foi a criação de uma comissão central ou conselho superior responsável pela direção geral do movimento, composta por doze membros titulares e conselheiros em igual número, cabendo somente ao presidente velar pela execução dos trabalhos e pelas deliberações da comissão.

A comissão central, ou conselho superior, será, pois, a cabeça, o verdadeiro chefe do espiritismo, chefe coletivo, que nada poderá sem o assentimento da maioria e, em certos casos, sem o de um congresso ou assembleia-geral. Suficientemente numeroso para se esclarecer por meio da discussão, não será bastante para que haja confusão.⁷⁵

Assim, no que concerne a aplicação dos princípios morais da doutrina, a estrutura a ser seguida é a da seleção através da opinião coletiva, isto é, todas as decisões deveriam passar

⁷⁴ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1868, p. 495.

⁷⁵ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1868, p. 523.

por uma votação da comissão. Ainda seria função dessa comissão “cuidar dos interesses da Doutrina e da sua propagação, manter-lhe a unidade (...)”⁷⁶ e analisar os novos princípios suscetíveis de entrar no corpo da doutrina. Nesses mesmos ideais, organizaram congressos que poderiam ser desenvolvidos por outras sociedades particulares, mas que estivessem sob o patrocínio e em conformidade com os princípios da comissão e da *Sociedade*. A fiscalização das ações administrativas, violações dos princípios, ou quaisquer outras infrações tomadas pela comissão, também ficariam a cargo dos congressos. Os congressos representariam um de certa forma um a “freio” à comissão.

Na comissão foram criados outros departamentos: uma biblioteca, um museu, um dispensário, uma caixa de socorros, um asilo e uma sociedade de adeptos. Ainda eram de responsabilidade da comissão central a direção da *Revista*, “jornal oficial do Espiritismo”⁷⁷, a publicação das obras fundamentais da doutrina⁷⁸, a administração dos negócios materiais e o ensino oral. Nesse sentido, a distribuição de cargos ficaria assim disposta:

- Um secretário-geral para a correspondência e as atas das sessões da comissão;
- Um redator-chefe da Revista e as outras publicações;
- Um bibliotecário-arquivista, encarregados, além disso, do exame e das apreciações críticas das obras e artigos de jornais;
- Um diretor da caixa de socorros, também encarregado da direção do dispensário, das visitas aos doentes e necessitados e de tudo o que se refere à beneficência. Será secundado por uma comissão de beneficência escolhida no seio da Sociedade, e formada de pessoas caridosas de boa vontade;
- Um administrador-contador, encarregado dos negócios e dos interesses materiais;
- Um diretor especial para os negócios concernentes às publicações;
- Oradores para o ensino oral, encarregados, ademais, de visitar as sociedades dos Departamentos e aí dar instruções. Poderão ser tomados entre os membros auxiliares e os adeptos de boa vontade que, para tanto, receberão um mandato especial.⁷⁹

Por fim e em síntese, a comissão central deveria ser o exemplo e o juiz dos congressos para a *Sociedade*. Primando pelo consenso coletivo e democrático das opiniões e interpretações dos fundamentos da doutrina entre os membros dessa comissão, a *Sociedade* demonstrava uma clara preocupação com a organização e hierarquização enquanto uma instituição. Dessa forma, o regulamento, a comissão central e os congressos representariam para a *Sociedade Parisiense de Estudos Espírita* as bases da institucionalidade que daria corpo ao desenvolvimento do espiritismo como um todo ao longo dos séculos posteriores.

⁷⁶ KARDEC, A. Revista Espírita, 1868, p.528.

⁷⁷ KARDEC, A. Revista Espírita, 1868, p. 529.

⁷⁸ Caberia ainda à comissão “a elaboração e publicação das [obras] de que daremos o plano e que não teremos tempo de executar em nossa atual existência; o apoio de que precisem as publicações que sejam de proveito para a causa”. (KARDEC, A. Revista Espírita, 1868, p. 529.)

⁷⁹ KARDEC, A. Revista Espírita, 1868, p. 530.

2.4 KARDEC: O AUTOR

O objetivo aqui é apresentar a figura de Allan Kardec enquanto sujeito ativo na leitura, interpretação e edição da *Revista Espírita*. Como surgiu o lado autor de Kardec? Como ele passou de observador de diversos fenômenos mediúnicos para diretor e editor de livros e um periódico?

Começamos respondendo que antes de ser Kardec, Hippolyte iniciou sua caminhada na literatura e nas produções gráficas na carreira de pedagogo que exerceu por 30 anos. Publicou várias obras didáticas, tais como: Plano Proposto para Melhoramento da Instrução Pública (1828), Curso Prático e Teórico de Aritmética (1824), Gramática Francesa Clássica (1831), Catecismo Gramatical da Língua Francesa (1848) e Ditados Especiais Sobre as Dificuldades Ortográficas (1849)⁸⁰.

Michel Foucault (2009) oferece quatro pontos de partida para o desenvolvimento das reflexões acerca da figura de um autor. A primeira é com relação ao nome do autor, em segundo a relação de apropriação, a relação de atribuição e, por último, a posição do autor. Essa análise pareceu-nos relevante no momento em que se percebeu a assinatura nominal Allan Kardec em artigos, discursos e no Boletim da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, além de uma utilização da linguagem gramatical em primeira pessoa, mesmo quando se fazia referência a instituição como um todo.

Hippolyte Léon Denizard Rivail optou por adotar um pseudônimo em 1855, passando a assinar Allan Kardec, somente após seu contato com as experiências e fenômenos espirituais.

Foucault (2009) nos propõe a reflexão acerca da impossibilidade com os nomes próprios nas relações autorais. Nesse sentido, poder-se-ia pensar a respeito da presença e ausência das assinaturas de Kardec em suas publicações. Ao analisarmos a *Revista*, percebeu-se uma inconstância na percepção autoral de Kardec. Somente em um Boletim da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, no qual Kardec era presidente verificou-se sua assinatura. Em três dos discursos anuais havia assinatura dele. Além desses documentos, podemos ver assinatura apenas nas correspondências e notas aos leitores da *Revista*. Isso significa que o tratamento autoral que Kardec se auto- infligia foi se transformando ao longo do tempo e do tipo de publicação. Isso porque, em todos os livros doutrinários há a presença da assinatura. Mas afinal porque uma assinatura importa? “Que importa quem fala?” Allan Kardec, no início

⁸⁰ Disponível em: https://www.ebiografia.com/allan_kardec/. Acesso em: 19/05/2016

da sua empreitada em 1858 não representava ninguém, assinava o que somente ele enquanto pedagogo havia publicado. A partir de 1859, quando se começa a organizar o Boletim de atividades da *Sociedade* na *Revista Espírita*, ele passa a responder como presidente de uma instituição. Então, daí até 1868 publica-se 5 livros que tratam sobre os princípios estruturais de uma nova religião. Kardec passaria com isso a representar um grupo social, os espíritas e essa religião, o espiritismo.

A proposta talvez seja não descrever nem reproduzir o que Allan Kardec disse ou tentou dizer, mas refletir sobre as regras as quais ele se utilizou para dar forma aos conceitos e visão de mundo construída com a organização da doutrina espírita. Foi possível perceber um conjunto heterogêneo de práticas discursivas nos textos assinados por Kardec na *Revista*, demonstrando a ausência de uma unidade discursiva. Ora ele faz uso da primeira pessoa ora da terceira.

Muito se há falado dos proventos que eu retirava de minhas obras. Certamente, nenhuma pessoa séria acredita realmente em meus milhões, a despeito da afirmação dos que diziam saber de boa fonte que eu levava uma vida principesca (...). Além disso, não obstante o que disse o autor de uma brochura que conheceis, provando, por cálculos hiperbólicos, que o meu orçamento de receita ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa, porquanto, só na França, vinte milhões de espíritas são meus tributários.⁸¹

E segue:

Muitas pessoas lamentam que as obras fundamentais da Doutrina tenham um preço tão elevado para grande número de leitores, e pensam, com razão, que se fossem feitas edições populares a baixo custo, estariam muito mais espalhadas, com o que ganharia a Doutrina. Estamos completamente de acordo; mas, no estado atual das coisas, as condições em que são editadas não permitem que o sejam de outro modo. Esperamos chegar um dia a esse resultado, com o auxílio de uma nova combinação que se ligue ao plano geral de organização.⁸²

As escolhas dos trechos acima não foram aleatórias, pois tratam de dois elementos importantes para atentarmos as unidades discursivas utilizadas. Foram utilizados trechos de um mesmo artigo, intitulado Constituição Transitória do Espiritismo. O primeiro refere-se ao item II do relatório da Caixa do Espiritismo e o segundo ao item VI sobre as Obras fundamentais da Doutrina. A linguagem utilizada é mista e pode confundir o leitor pois em

⁸¹ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1868, p. 507.

⁸² KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1868, p.527.

um momento quem fala é Allan Kardec e no outro é o representante-fundador⁸³ do espiritismo. É um ir e vir na relação do autor/texto, devido a maneira como o texto aponta para o indivíduo interior e exterior da mensagem. Em ambos os trechos essas duas posições coexistem, no primeiro pode-se entender o indivíduo interior como o que está oculto, o representante-fundador geral do espiritismo. O indivíduo exterior seria o que está mais claramente expresso, o Allan Kardec, o eu-autor⁸⁴. No segundo trecho exemplificado percebe-se primeiramente o que o indivíduo exterior está em evidência, enquanto o interior ficou nas entrelinhas.

Sugiro pensar nesses textos produzidos por Kardec enquanto lições. A compreensão de que o conteúdo sobre o qual se escreve transmite um conhecimento educativo, permite uma relação de controle e exatidão com o escrito, possibilitando correções. É na *Revista Espírita* que percebemos essas *lições* como uma categoria conceitual, como propõe Chartier (1999). Tendo em vista que era o lugar de troca de correspondências entre Kardec e seus leitores, adeptos e contraditores.

(...) da Idade Média à época moderna, frequentemente se definiu a obra pelo contrário da originalidade. Seja porque era inspirada por Deus: o escritor não era senão o escriba de uma Palavra que vinha de outro lugar. Seja porque era escrita numa tradição, e não tinha valor a não ser o de desenvolver, comentar, gosar aquilo que já estava ali. Antes dos séculos XVII e XVIII, há um momento original durante o qual, em torno de figuras como Christine de Pisan, na França, Dante, Petrarca, Boccaccio, na Itália, alguns autores contemporâneos viram-se dotados de atributos que até então eram reservados aos autores clássicos da tradição antiga ou aos Padres da Igreja. Seus retratos apareciam nas miniaturas, no interior dos manuscritos. (CHARTIER, 1999, p. 31)

Nesse sentido, a escrita de Kardec aproxima-se da concepção medievalista de um autor, na medida do que transcreve a palavra de Deus. Ele refere-se ao espiritismo enquanto uma suposta revelação divina que viria trazer o ensino universal dos espíritos. Seguindo essa lógica, sua prática de escrita seria a de transmitir ao mundo material “aquilo que já estava ali” no mundo dos espíritos.

Essa noção, de ensino universal dos espíritos, tornou-se mais clara com a publicação do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (1864), cujos textos haviam sido publicados anteriormente na *Revista* e depois anexados ao livro. Como o artigo intitulado “Autoridade da doutrina espírita- controle universal do ensino dos espíritos”, que foi anexado à introdução do

⁸³ Conceito criado para facilitar a compreensão da figura dual de Allan Kardec, representante enquanto a voz do espiritismo e fundador por ser ele o compilador dos textos que deram origem as obras fundamentais do movimento espírita.

⁸⁴ Faremos uso desse conceito para relacionar o momento gramatical do uso da primeira pessoa quando fala o autor.

referido livro. O trecho a seguir reúne elementos gerais que nos demonstram as características viemos tratando:

Se a doutrina espírita fosse de concepção puramente humana, não ofereceria por melhor senão as luzes daquele que as houvesse concebido. Ora, ninguém, neste mundo, poderia alimentar fundadamente a pretensão de possuir, com exclusividade, a verdade absoluta. (...)podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os espíritos. Ora queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir de todos os lugares e de poderem todos dessedentar-se nela.(...) O espiritismo não tem nacionalidade e não faz parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo.(...)Nessa universalidade do ensino dos espíritos é que reside a força do espiritismo e, também, a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a palavra de um só homem, mesmo com o concurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os recantos do planeta, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais ignorantes, como aos mais doutos, a fim de que não haja deserdados. (...). Uma só garantia séria existe para o ensino dos espíritos: a concordância que haja entre as revelações que elas façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.⁸⁵

O primeiro elemento estrutural que estamos nos preocupando em organizar até aqui, como inserido no trecho acima, seria a concepção de escrita “que transcreve a palavra de Deus”. Expressa na medida em que Kardec refere-se a doutrina como algo que não é “puramente humano”. Num segundo momento, a ideia de que “o espiritismo não tem nacionalidade” reafirmando o caráter da transnacionalidade do espiritismo desenvolvido por Monroe (2014). Assim, ressaltando que a rápida propagação do espiritismo teria sido ocasionada pela sua extensão “simultaneamente em todos os recantos do planeta”. O último elemento formador seria o desenvolvimento da doutrina por meio do conceito de lições, abordado por Chartier (1999), para a “universalidade do ensino dos espíritos”. Este significava para Kardec a verdadeira força do espiritismo.

Nos trechos destacados acima, ressalta-se novamente o caráter de fenômeno transnacional abordado por Monroe (2014) e a relação terra/além-terra. A figura do médium Kardec se equivaleria ao escriba medieval que somente escrevia o que já estava dado pelas palavras sagradas de Deus. Ainda detalhando o processo de desenvolvimento do sujeito autor em Kardec, segundo as contribuições de Chartier (1999), ressaltamos o fato dele ter se preocupado em criar critérios metodológicos, noções e conceitos particulares, como se pode ver na introdução de “O Livro dos Espíritos” (1857):

⁸⁵ KARDEC, A. Revisa espírita, 1864, p. 138-146.

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentido das mesmas palavras. O vocábulo espiritual, *espiritualista*, *espiritualismo* tem acepção bem definida. Com efeito o espiritualismo é o oposto do materialismo. (...) Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria. (KARDEC, A. 2009, p.15)

Assim, segundo a gramática francesa Kardec seria um autor (*auteurs*), isto é, aquele que escreve e que publicou obras impressas. Chartier lembra que na essência o autor seria um fomentador (*fauteur*), característica de escritores perseguidos, na era moderna, por seus textos transgressores da ortodoxia política e religiosa. Nessa lógica, para serem punidos, deveriam primeiramente serem identificados, sendo o que Foucault chamava de um processo de apropriação penal dos discursos (CHARTIER, 1999)

O episódio que representa essa apropriação penal e a figura de Kardec como um fomentador, foi o chamado Auto-de-fé de Barcelona⁸⁶, no qual foram queimados por volta de 300 livros espíritas.

Com isso, pode-se pensar que a figura do eu-autor em Kardec foi sendo construído e se consolidando na medida em que passaram a aumentar suas produções gráficas e com a construção da responsabilidade de presidente eminente da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*.

No relatório da Caixa do Espiritismo de junho de 1865, esse eu-autor, isto é, a apropriação da letra e da pena, expressa-se claramente na linguagem e no posicionamento de Kardec:

Falando comercialmente, estou na posição do todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; corro o risco de todo escritor, que tanto pode triunfar, quanto fracassar; (...) Antes de mais, direi que minhas obras não são propriedade exclusivamente minha, o que me obriga a comprá-la de meu editor e pagá-las como um livreiro, à exceção da Revista, da qual conservei os direitos.⁸⁷

⁸⁶ As obras teriam sido enviadas à Barcelona para Maurice Lachatre, amigo de Allan Kardec, que era editor e livreiro, foram confiscadas pela alfândega espanhola e a autoridade episcopal católica, sendo incineradas na esplanada da cidade pelo bispo. Os títulos destruídos foram: *A Revista Espírita*, diretor Allan Kardec, “*A Revista Espiritualista*”, diretor Piérard, “*O Livro dos Espíritos*”, por Allan Kardec, “*O Livro dos Médiuns*”, pelo mesmo, “*O que é o Espiritismo*”, pelo mesmo, “*Fragments de sonata*” ditada pelo Espírito Mozart, “*Carta de um católico sobre o Espiritismo*”, pelo Dr. Grand, “*A História de Joana d’Arc*”, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux, “*A realidade dos Espíritos*” demonstrada pela escrita direta, pelo Barão de Guldenstubbé.” Fonte: KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1861, p.465-470. Acessado em: http://www.lachatre.org.br/maurice_lachatre.php

⁸⁷ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1865, p. 224.

Kardec foi escritor de livros, editor de uma revista e diretor de uma sociedade de estudos. Não foi somente autor porque era escritor, foi autor porque foi médium, realizando a interpretação dos espíritos que o teriam inspirado, a compilar e conceber uma nova doutrina religiosa, materializando nas letras um “outro mundo”.

3 A REVISTA ESPÍRITA E CONSTITUIÇÃO DA IMPRENSA ESPÍRITA

Os textos da imprensa espírita oitocentista se apresentam com a pretensão de instruir os primeiros adeptos do espiritismo sobre as posturas concordantes com o ideário do período. Como faziam outros periódicos da época, que acatavam as ideologias dos intelectuais da Corte, a imprensa espírita “[...] deve ser considerada hoje como agente de modernização política; entendemos aí que ela adota uma crítica mais receptiva em relação à mudança. (ROCHA, 2015, p. 6)

A construção de uma pesquisa acadêmica poderia ser comparada a criação de uma grande toalha, na qual preocupamo-nos em escolher cada linha, que renda utilizaremos para melhor compor o tecido e a obra final. Assim, viemos costurando nossas ideias, desde o capítulo 1 para chegarmos aqui e arrematar alguns elementos relacionados à valorização e participação da *Revista Espírita* na formação do espiritismo na França do século XIX e sua inserção na imprensa.

Para tal, escolhemos os fios da introdução das edições francesas, de 1750 a 1830, para iniciarmos nossa trajetória ponto a ponto. É na segunda metade do século XVIII que profissionais da Sociedade Tipográfica de Neuchâtel, como Charles-Joseph Panckoucke e Joseph Duplain, introduzem nas cidades de Paris e Lyon, respectivamente, as práticas de edições impressas.

A *Encyclopedie* conheceu um destino extraordinário para as condições da época e chama a nossa atenção por motivar impressores, livreiros e editores a procurar uma otimização do lucro, multiplicando as vias de acesso do consumidor ao produto desejado. (MOLLIER, 2008, p. 23)

Nesse sentido, surgiram novos formatos in-12 e in-8⁸⁸ dos volumes inovando os formatos para que se pudesse aplicar um bom preço e atingir as camadas sociais que não possuíam uma cultura da posse do livro, enquanto parte de um mobiliário das famílias. A estrutura das livrarias iniciou seu regime de funcionamento através de um decreto de 5 de fevereiro de 1810. (MOLLIER, 2008)

Do ponto de vista do material impresso, foi a chegada ao mercado dos pequenos in-32, em 1811, e a impressão, nesse formato, de centenas de milhares de *Chartes*

⁸⁸ O formato chamado *in-folio* representa o número de dobras feitas no papel para obtenção de páginas. Por exemplo, uma folha dobrada ao meio obtém quatro páginas, dobrada duas vezes terá oito páginas sendo chamado *in-oitavo* (in-8°). “(...) *in-folio* é um livro muito grande, um in-4°, um livro grande, um in-8°, um tamanho cômodo, o in16°, um livro pequeno e o in-32°, um livrinho. (MORAES, 2005, p.135)

constitutionnelles no início da Restauração que se mostraram como tentativas pioneiras numa abordagem de tipo popular do público leitor. Longe de serem tentativas surgidas do nada, essas improvisações resultaram de uma adaptação à conjuntura político-policial. (MOLLIER, 2008, p. 24)

As reformas que esses novos formatos trouxeram aos impressos resultaram no surgimento de periódicos no formato in-12°. Esses formatos direcionados à comercialização instauraram, em 1837, o que ficou conhecido como a Revolução Charpentier. Um ano depois surgiu a “Bibliothèque Charpentier”, com volumes in-8° e em um novo papel “grand Jesus”, seduzindo a classe dos “amantes endinheirados”. Entretanto, para o público leitor proletário restaram os formatos in-8° ou os fascículos bi-semanais, que esse público conheceu através de gabinetes de leituras e associações amigas da leitura que eclodiram por volta de 1830. Assim, essas inovações tecnológicas, práticas profissionais e modificações do pensamento se conjugarão para provocar esse aumento do público leitor, que teve início nos anos 1845-1855 e não parou de crescer até 1914”(MOLLIER,2008).

O desenvolvimento da imprensa a preço baixo a partir de 1836 e a introdução do romance folhetim no rodapé do jornal, em 1839-1840, modificaram radicalmente as condições do mercado nacional, uma vez que projetaram de um golpe o gênero romanesco para além de seus limites naturais. Sabemos que eles provocariam uma outra mudança, fazendo surgir do nada o romance-folhetim e seu narrador, o folhetinista ligado a um jornal, responsável por sua atividade, suas assinaturas e seus recursos publicitários. (...) A segunda inovação apareceu no céu da biblioteca parisiense, por volta de 1848-1850, é uma consequência disso, pois o periódico composto unicamente de porções de romances completou uma evolução estimulada pelo nascimento do folhetim. (MOLLIER, 2008, p. 29)

Salienta-se a necessidade de se compreender os percursos editoriais pelos quais as impressões francesas passaram antes, durante e depois a faixa temporal que compreende a análise da Revista Espírita, 1858-1868. Esse cenário, no qual ela se insere, é o da evolução do comércio livreiro e da imprensa, transformado por meio das inovações técnicas, como a máquina a vapor nas gráficas, a partir dos anos 1830. Mas, porque falamos do surgimento do romance-folhetim? Simples, essa nova linguagem modificou hábitos de leitura, edição e comércio, na França e na Europa em geral. Constituiu novas formas e trocas culturais, contribuindo para uma homogeneização dos comportamentos em relação ao livro e a leitura. (MOLLIER, 2008)

A consolidação do romance-folhetim e o crescente aumento desse tipo de literatura popular aproximou, pelo menos em parte, a população em geral dos jornais e periódicos que circulavam antes nas camadas mais restritas da sociedade. Como por exemplo:

Nos jornais, o folhetim consagra uma parte de seu espaço aos resumos de obras, frequentemente inspirados na leitura de revistas britânicas. No final da Restauração e no início da monarquia de julho, imediatamente antes do nascimento do romance-folhetim nacional, surgem grandes revistas literárias. A *Revue britannique*, inspirada na *Edinburgh Review*, traduz frequentemente sua colega, enquanto a *Revue germanique*, surgida em 1825, realiza uma promoção idêntica de obras despontadas além Reno. (MOLLIER,2008)

A *Revista Espírita* também fez parte das lutas da imprensa revolucionária de 1789, pela liberdade de imprensa e o fim do monopólio das corporações de livreiros, bem como da revolução “Charpentier”, que agregou as inovações nas prensas, nos formatos e nos papeis. A aura internacionalizante de apropriação da imprensa literária seduziu títulos como, a “Revue des Deux-Mondes”, a “Revue de Paris”, a “Revue Encyclopédique” divulgando as produções literárias do continente.

Por conseguinte, pretendemos costurar o raciocínio desse capítulo em três partes: desenvolver a historicidade do conceito revista e dos usos das revistas enquanto práticas culturais, levando-se em conta a especificidade desse tipo de suporte, problematizando o uso dos periódicos como fonte de pesquisa. Leva-se em conta a inserção da *Revista Espírita* enquanto uma revista religiosa. Apresentamos um pouco da “cozinha do historiador”, a fim de que a presente pesquisa possa contribuir para futuros trabalhos que tematizam a história do espiritismo, bem como demais trabalhos que utilizem como suporte de análise jornais e revistas. Para exemplificar essa “cozinha”, utilizaremos um conjunto de textos assinados por Allan Kardec e publicados na *Revista Espírita* com o objetivo de apresentar o tipo de análise de conteúdo utilizada e como foi a leitura e interpretação desses artigos pelos espíritas.

Procuramos nos guiar pela identificação de que imprensa espírita era essa, de que grupos compunha-se e a quem atingia, quais as características dessa imprensa espírita em formação, afim de esmiuçar e aprofundar os elementos que deram sustentação para sua constituição e legitimação no movimento espírita (MACHADO, 2013; MARTINS, 2008).

Por fim, apresentamos os elementos que serviram de alicerces para a constituição da imprensa especial, nos termos usados por Kardec, e a formação no Brasil de uma imprensa espírita.

3.1 A PALAVRA REVISTA

Para introduzir a análise da *Revista Espírita* preocupamo-nos em historicizar os usos da palavra revista. Ela foi usada pela primeira vez na Inglaterra no século XVIII e no Brasil

somente no século XIX. Nos dicionários da língua portuguesa passou a representar “ título de certas publicações periódicas, em que são divulgados artigos originais de crítica ou análise de determinados assuntos”. Pode-se vê-la como uma publicação de caráter efêmero, em comparação ao livro, sem permanência a não ser pelo apego de alguns bibliófilos. (MARTINS A. L., 2008)

O dicionário *Le Robert* informa que, derivada da palavra inglesa *review*, data de 1705 o primeiro uso do termo revista, hoje mais divulgado no sentido de publicação, definindo-o como “ publicação periódica mais ou menos especializada, geralmente mensal, que contém ensaios, contos, artigos científicos etc., apresentando como sinônimos seus correlatos magazines, hebdomedários, anais e boletins”. (MARTINS A. L., 2008, p. 45)

Numa posição intermediária entre o livro e o jornal, este de circulação diária, as revistas assemelham-se muitas vezes no seu formato *in-folio*, distinguindo-se pela presença de capa e por ser geralmente resultado da produção de um grupo de pessoas, ao contrário do que costumam ser os livros, com apenas um autor. Entende-se que, devido sua periodicidade fragmentada, possui uma clara capacidade documental. (MARTINS, 2008)

Nesse sentido, a *Revista Espírita* pode ser vista dotada de uma posição intermediária, tendo em vista seu formato *in-folio* (de revista), mas ao mesmo tempo intitular-se *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos (Revue Spirite - Journal D'Études Psychologiques)*. Era editada sob a autoria de Allan Kardec, o qual respondia pela maioria dos textos que não eram psicografados. Sendo assim, ela pode ser percebida como um “lugar de afirmação coletiva (...) cumpria papel específico, que também a situava em termos históricos, como espaço de representação, configuradora de identidades, *locus* de reflexão (...)”. (MARTINS, 2008)

A *Revista*, transição racional do jornal para o livro, ou antes laço que prende esses dois gêneros de publicação, afigura-se-nos por isso a forma natural de dar ao nosso povo conhecimentos que lhe são necessários para ascender à superior esfera no vasto sistema das luzes humanas. Na *Revista* dão-se a ler, sem risco de cansaço, artigos sobre todos os conhecidos assuntos por onde anda o pensamento, a imaginação, a análise, o ensino do homem. (MARTINS, 2008, p.65)

Na França, a primeira revista surge em 1804, a “Revue philosophique”. Com isso, alguns dos mais eminentes pensadores e editores franceses iniciaram suas reflexões para distinguir e dar uma cara a essa nova forma de publicação. O dicionarista e autor de “Histoire Politique et littéraire de la presse em France”, via as revistas “como um periódico apolítico ao qual pertence o estudo aprofundado das questões políticas e econômicas, a crítica literária e

artística, as viagens, o retrato dos costumes e do governo dos diversos povos”. O editor Pierre Lorusse dedicou-se em aprofundar suas análises quanto às diferenças entre jornal-revistas: “é uma forma de jornal, uma vez que esse último pode não ser impresso cotidianamente” e em geral são em formato in-8°. Benôit Lecoq confirma a posição intermediária das revistas entre o jornal e o livro. ” (CAMARGO, 2005)

As revistas também são identificadas nesse intermeio de revista - jornal pelos títulos.

Deve-se ainda se considerar o título dos periódicos: há aqueles que são considerados revistas tanto pelo seu título quanto pela sua aparência e conteúdo; há os que se autodenominam revistas, mas que não o são de fato, e há aqueles que não se definem como revista e que, no entanto, o são devido a seu formato, conteúdo, etc. (CAMARGO, 2005, p.52)

A *Revista Espírita* enquadra-se no intermeio entre revista e jornal por se afirmar as duas coisas e por não conter todos os atributos de revista. Um livro, por exemplo, não possui um local destinado para inserir trocas de correspondências entre o autor e seus leitores. Por isso, a *Revista Espírita*, por possuir essa peculiaridade trazida dos jornais, proporciona ao leitor e, principalmente, ao pesquisador, compreender e vislumbrar as representações sociais e culturais dos grupos envolvidos, bem como as temáticas correntes no período em análise.

Nesse intuito de objetivar as funções de uma revista é que levamos em conta a temporalidade desse suporte em relação aos livros e aos jornais. Acreditamos que para compreender a inserção do espiritismo nesse setor seria necessário, primeiramente, situar a revista no “hall” dos produtos oriundos da cultura impressa.

O jornal cotidiano, factual, tem seu raio de informação restrito ao tempo de mais ou menos 24 horas; a revista, por seu turno, meio de sociabilidade por excelência, a priori, um espaço de confrontação de autores, de homens, de um pensador de seu tempo. O artigo de revista procura apreender a atualidade para fazer dela seu objeto de reflexão e também de ação. De outro lado está o livro, expressão da personalidade de seu autor e que relata, em geral, uma trajetória ímpar, singular. (CAMARGO, 2005, p. 52)

A importância da *Revista Espírita* é expressa nas 132 edições, entre os 11 anos de publicação a direção de Kardec. Mesmo tendo publicado 5 livros como presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o que ganhou maior atenção de Kardec foi a *Revista Espírita* em números e em direitos autorais. Dessa maneira, como objeto de análise, trabalhar com uma revista é treinar o olhar para os detalhes, tais como os nomes que surgem e assinam e os jornais e livros citados ao longo dos jornais.

(...) nos foi necessário, primeiramente, saber o que foi essa revista, quando e como foi fundada, quais eram seus propósitos, sua linha de edição, quem eram seus autores e leitores, e também qual era seu aspecto, isto é, seu formato, número de páginas, se possuía ilustrações, se era vendida em número avulso ou só por assinaturas, onde era encontrada, qual era o preço, essa informação, por exemplo, já nos ajudaria a delimitar um grupo de possíveis leitores. (CAMARGO, 2005, p. 52)

Dessa forma, ao primeiro contato com a *Revista Espírita* trabalhamos a respeito do contexto cultural da França, de meados do século XIX, do processo que envolvia a produção e comercialização de obras impressas bem como sua relação com Revolução Francesa. Posteriormente, atentamos para os detalhes do corpo editorial.

Com relação a isso, nas primeiras edições Kardec especificava que a *Revista Espírita* se apresentava em formato in-12 e poderia ser adquirida na livraria do “Sr. Ledoyen” ao custo de 2 Francos.

3.2 “O ESPIRITISMO SEGUNDO OS ESPÍRITAS”: PERCEPÇÕES SOBRE A REVISTA E O ESPIRITISMO ATRAVÉS DOS TEXTOS DE KARDEC

Aqui o objetivo é apresentar, a partir da interpretação dos textos escritos por Kardec e publicados na *Revista*, a visão que estava sendo organizada a respeito da constituição do espiritismo, bem como a relação da Revista com seus leitores e sua função para a doutrina. Em vista disso, guiamos nosso olhar na busca de sentidos não literais presentes nos textos. Procurando descobrir se nossas apostas interpretativas tiveram êxito ou incitaram ainda mais questionamentos. Nesse sentido, optamos por utilizar as reflexões de (ECO, 2005) a respeito da relação dos textos, seu público leitor e os reflexos de suas leituras e interpretações. Dentre os textos analisados, selecionamos os que proporcionavam uma leitura mais clara a respeito do posicionamento de Kardec com relação a Revista e ao espiritismo. Como já mencionado, a seleção deste conjunto textual deu-se em função de ter sido escrito e assinado por Allan Kardec. Por esse motivo, usamos citações de edições anuais de quando Kardec mais oferecia reflexões. Consideramos que “(...) tinha por objetivo descobrir num texto ou o que seu autor pretendia dizer, ou o que o texto dizia independentemente das intenções de seu autor.” (ECO, 2005)

O referido organizador da doutrina espírita, sendo convidado para inaugurar uma nova sociedade espírita, que havia sido fundada em Bordeaux, preocupou-se em proferir um discurso aos seus confrades no espiritismo. O primeiro elemento que chamou atenção foi a

referência aos “(...) espíritas de todos os países, dos quais sois representantes como membros da grande família”. Isso reforça nossa aposta interpretativa de que desde sua formação o espiritismo foi pensado e organizado para ser um movimento transnacional, conforme Monroe (2014).

No artigo publicado em 1861, pode-se interpretar que a imprensa era muito mais utilizada “às avessas” do que como instrumento de publicidade e de educação para o público adepto do espiritismo. Como segue:

Assim, não temais a oposição de alguns adversários interessados, que se pavoneiam na sua incredulidade materialista. O materialismo vê chegada a sua última hora, e é o espiritismo que vem anuncia-la, por ser a aurora que dissipa as trevas da noite. E, coisa providencial, o próprio materialismo, sem o querer, serve de auxiliar à propagação do Espiritismo, porque por seus ataques, chama a si a atenção dos indiferentes. Querem ver o que é; como o encontram bem, adotam-no. Tendes a prova disto aos vossos olhos: sem os artigos de um dos jornais da vossa cidade, os espíritas bordelenses talvez não passassem da metade do que hoje são.⁸⁹

Além de apresentar elementos iluministas característicos do período, demonstra que os espíritas estavam atentos às publicações dos demais jornais da sociedade e as utilizavam como instrumento de publicidade às avessas, ou seja, os ataques que recebiam serviam para divulgar o espiritismo. Na sequência desse artigo, Kardec elenca as cidades de Lyon, Bordeaux e Metz como as que possuem sociedades espíritas, como cidades que seriam “focos de luz”, falando da esperança de que as cidades de Marselha e Toulouse também viessem a ter grupos.⁹⁰

Kardec segue seu discurso:

Senhores, em nome da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, levanto um brinde aos espíritas de Bordeaux; à sua união fraterna para resistir ao inimigo que os queria dividir, a fim de ter mais facilmente razão. A este brinde associo, do imo⁹¹ do meu coração, e com a mais viva simpatia, o Grupo Espírita dos operários de Bordeaux que, como os de Lyon, dão admirável exemplo de zelo, devotamento, abnegação e reforma moral. Estou muito feliz, muito feliz, vos asseguro, de ver vossos delegados reunidos fraternalmente nesta mesa, com a elite da sociedade, provando, por esta associação, a influência do Espiritismo sobre os preconceitos sociais.⁹²

⁸⁹ KARDEC, A. Revista Espírita, 1861, p.512.

⁹⁰ KARDEC, A. Revista Espírita, 1861, p.513.

⁹¹ Imo: âmago, muito íntimo, muito profundo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/imo/>. Acesso em: 02/01/2017.

⁹² KARDEC, A. Revista Espírita, 1861, p. 513.

Carregado de elementos moralizantes, percebe-se que ele se posiciona claramente à frente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, reafirmando a relevância da instituição para a organização e expansão do espiritismo para outras cidades da França. Também se destaca que a fama do espiritismo de ser “elitista” aparecendo trecho “com a elite da sociedade”, fazendo referência ao “Grupo Espírita dos Operários de Bordeaux”. Nesse sentido, pode-se ver a dinamicidade e a ambiguidade dos elementos constitutivos do espiritismo, principalmente com relação a dualidade de elite X popular.

Se o espiritismo se difunde essencialmente na classe operária, como já sublinhamos, em revanche encontra seu fundamento e sua legitimidade na “classe esclarecida, assim como denomina Kardec (Viagem de 1862, p.5), isto é, mais altas autoridades científicas morais e religiosas da humanidade: Sócrates, Platão, Fénelon entre os desencarnados, Crookes, Flammarion, Lombroso entre os vivos. Entre os que se engajaram ativamente no movimento espírita dessa época, encontramos: militares, entre os quais um grande número de oficiais; médicos, muitas vezes homeopatas; advogados e magistrados; publicistas; professores; embaixadores e príncipes; homens políticos; (...). (AUBRÉE, 2009, p. 119)

Sobre o desenvolvimento e expansão do espiritismo, trazemos um artigo publicado na Revista na edição de janeiro de 1864, intitulado “Inauguração de Vários Grupos e Sociedades Espíritas”. O artigo apresenta-se como um discurso escrito pelo presidente da Sociedade Espírita de Marennes⁹³, “para provar como os espíritas respondem aos seus adversários”.

Desde seu aparecimento, não cessou de crescer, a despeito dos ataques de que foi objeto, e hoje cravou sua bandeira em todos os pontos do globo; seus partidários se contam aos milhões; e se se considerar o caminho feito nos últimos dez anos, através de um sem-número de obstáculos semeados em sua rota, pode julgar-se o que será daqui a dez anos, tanto mais quanto mais se aplainam os obstáculos, à medida que avança e aumenta o número de seus aderentes. Assim, pois, pode dizer-se, com o Sr. Allan Kardec, que o Espiritismo é hoje um fato consumado;⁹⁴

O principal argumento desenvolvido no artigo para explicar a suposta expansão do espiritismo “é que não é exclusivo de nenhuma religião; sua divisa: fora da caridade não há salvação, pertence a todas (...)” O raciocínio é que por se tratar de uma crença em um Deus único igual para todos, poderia unir e ser adotada por todos os praticantes de diferentes religiões. Para exemplificar a ideia o autor, usa uma metáfora:

⁹³ Região portuária localizada no sudoeste da França.

⁹⁴ KARDEC, A. Revista Espírita, 1864, p.40.

No começo das estradas de ferro, cada pequena localidade queria ter o seu ramal; cada um desses ramais pouco representava em si mesmo; mas quando todos fossem reunidos, teríamos uma rede imensa, que hoje cobre o mundo e derruba as barreiras dos povos. As estradas de ferro derrubaram as barreiras materiais; a palavra de ordem: *Fora da caridade não há salvação*, fará cair as barreiras morais; fará cessar, sobretudo, o antagonismo religioso, causa de tantos ódios e de conflitos sangrentos, porque, então, judeus, católicos, protestantes e muçulmanos se darão as mãos, adorando, cada um à sua maneira, o único Deus de misericórdia e de paz, que é o mesmo para todos.⁹⁵

Ao longo do artigo, a transnacionalidade perpassa como principal argumento que se insere na estrutura moral-doutrinária do espiritismo. Isso quer dizer que quando fala “cada um desses ramais pouco representavam em si mesmo; mas quando todos fossem reunidos, teríamos uma rede imensa (...)”, não queriam somente dizer que para serem vistos precisavam ser muitos, mas ser muitos significava ter judeus, católicos, protestantes e muçulmanos como razão para que se formasse uma rede de espíritas sem barreiras de nacionalidades e de crenças.

Podemos depreender ainda a noção de que as obras de Allan Kardec foram basilares para a constituição da cultura escrita do espiritismo, reforçando o fato da *Revista Espírita* ocupar um lugar periférico no elenco das obras de Kardec e, por esse mesmo motivo, havia a necessidade de apresentar as funções e as contribuições desse periódico para a formação do espiritismo na França. Compreensão que se popularizou a partir da noção de que eles seriam “livros básicos” da doutrina espírita. A respeito do “chefe venerado”, fica clara a visão de missão conferida aos trabalhos de Kardec com relação ao espiritismo.

Para isto, nossa tarefa é facilitada pelas instruções que encontramos nas obras de nosso chefe venerado e que se tornaram, pode dizer-se, as obras clássicas da doutrina. (...). Digamo-lo: evidentemente ele foi escolhido para esse grande apostolado, pois é impossível desconhecer que cumpre entre nós uma missão moralizadora.⁹⁶

A respeito das práticas de assistência e caridade, o presidente da Sociedade Espírita de *Marenes* segue justificando a necessidade da posição de pacifismo e da neutralidade dos espíritas.

Não é a melhor garantia que podemos dar de nossas intenções pacíficas? Quem, pois, poderia ver com mais olhos, mesmo entre os que não compartilham de nossas crenças, pessoas que não pregam senão a tolerância, a união e a concórdia, e cujo único objetivo é reconduzir a Deus os que dele se afastam, combater o materialismo e a incredulidade que invadem a sociedade e ameaçam os seus fundamentos?(...) Em virtude mesmo do princípio da caridade que nos serve de guia, guardemo-nos de ir perturbar qualquer consciência; acolhamos como irmãos os que vêm até nós, e

⁹⁵ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1864, p. 40

⁹⁶ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1864, p.41.

procuremos não coagir ninguém em sua fé religiosa. (...) Os que acharem bons nossos princípios, os adotarão; os que acharem maus, os deixarão de lado e nem por isso os consideraremos menos como irmãos; se nos atirarem pedra, pediremos a Deus que lhes perdoe a falta de caridade (...).⁹⁷

Que justificativa melhor para o pacifismo/neutralidade, do qual o espiritismo é comumente acusado, do que dizer “Quem, pois, poderia ver com mais olhos, mesmo entre os que não compartilham de nossas crenças, pessoas que não pregam senão a tolerância, a união e a concórdia, e cujo único objetivo é reconduzir a Deus os que dele se afastam (...)?”.

Reafirmamos aqui a convergência entre hipótese e a fonte, no qual preocupamo-nos em apresentar a importância e a função que a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas teve na constituição do espiritismo, durante o período de presidência de Allan Kardec. Um dos membros de uma nova Sociedade fundada em Lyon escreveu para a Revista: “Bastará que a Sociedade de Paris, sob a égide da qual nos colocamos, nos aprove e nos ajude com seus conselhos, para que perseveremos, auxiliados por seu apoio moral”.

Este apoio jamais faltará a toda obra fundada segundo o verdadeiro espírito do Espiritismo, e que tenha por objetivo a realização do bem. A Sociedade de Paris sempre se rejubila ao ver a doutrina produzir bons frutos. (...) A caridade e a fraternidade se reconhecem por suas obras, e não por palavras. (...) é a pedra de toque, pela qual se reconhece a sinceridade de sentimentos. E em Espiritismo, quando se fala de caridade (...)⁹⁸

Enfatizamos o fato de que a Sociedade não teria representatividade para tal, sem sua presença na *Revista Espírita* através da sessão intitulada “Boletim de atividades da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”. Por isso argumentamos que esses dois elementos, a Sociedade e a *Revista*, são indissociáveis para compreendermos o conjunto do fenômeno do espiritismo.

Na edição de fevereiro de 1864, em “Notas Bibliográficas”, novamente Kardec dedica-se em apresentar o surgimento de uma nova sociedade espírita, agora na cidade de Antuérpia (Bélgica). Entretanto, o que chama a atenção de um pesquisador são novamente as referências ao pertencimento às “primeiras fileiras da sociedade” dos espíritas.

Sob este título um novo órgão do Espiritismo acaba de surgir em Antuérpia, a partir de 1º de janeiro de 1864. Sabe-se que a Doutrina Espírita fez rápidos progressos nessa cidade, onde se formaram numerosas reuniões, compostas de homens eminentes de pelo saber e pela posição social. Em Bruxelas, por mais tempo refratária, a ideia nova também ganha terreno, como em outras cidades da Bélgica.

⁹⁷ KARDEC, A. Revista Espírita, 1864, p.42

⁹⁸ KARDEC, A. Revista Espírita, 1864, p.44.

Uma sociedade espírita, formada recentemente houve por bem pedir-nos que aceitássemos a presidência de honra é dizer em que caminho ela se propõe andar.⁹⁹

O quadro é de duas instituições espíritas, sendo que o de Antuérpia procurou organizar uma Revista que, segundo Kardec “ (...) temos satisfação de dizer, em perfeita conformidade de vista e de princípios com a Sociedade de Paris”. Segue ainda com certas recomendações às publicações espíritas, periódicas ou não, para que fornecessem aos seus leitores “alimentos mais substanciais”. Assim, pode-se ver que a *Revista* se tornou uma importante fonte recenseadora de novas sociedades espíritas.

A Sociedade de Paris procurava demonstrar seu apoio moral aos grupos e reuniões espíritas sob a forma de guia e modelo inspirador. Além disso, indicava aos seus confederados “não ir contra a maioria”.

Para publicações deste gênero há outra condição de sucesso, ainda mais importante: a de marchar com a opinião da maioria. Na origem das manifestações espíritas, as ideias, ainda não fixadas pela experiência, provocaram muitas opiniões divergentes, que caíram perante observações mais completas, ou só contam com raros representantes.¹⁰⁰

Nessa mesma direção encontramos em outra sessão de “Nota Bibliográfica”, de 1863, esse mesmo posicionamento referente a neutralidade de suas publicações espíritas. Como segue:

Multiplicam-se as publicações espíritas e, como temos dito, incentivamos a divulgação daquelas que podem servir utilmente à causa que defendemos. (...). Se não demos nossa opinião sobre certas obras mais ou menos importantes, tratando de matérias análogas, é que, temeroso de que vissem nisso um sentimento de parcialidade, preferimos deixar que a opinião se formasse por si mesma. Por nossa posição, devemos ser sóbrios em apreciações do gênero, sobretudo quando a aprovação não pode ser absoluta. Ficando neutro, não nos acusarão de ter exercido uma pressão desfavorável; e se o sucesso não corresponder à expectativa, não nos poderão culpar por isso.¹⁰¹

Vimos abordando e trazendo essa questão dos artigos da *Revista* porque compreendemos que esse elemento, o posicionamento de neutralidade e a indicação de “não ir contra a maioria”, é parte integrante não somente do perfil editorial da *Revista Espírita*, mas paralelamente, caracteriza a configuração da imprensa espírita.

⁹⁹ KARDEC, A. Revista Espírita, 1864, p.84.

¹⁰⁰ KARDEC, A. Revista Espírita, 1864, p. 85. Grifos nossos.

¹⁰¹ KARDEC, A. Revista Espírita, 1863, p.226.

Ao longo dos anos de 1866 e 1868 foram configurando-se mais artigos que tematizaram “O Espiritismo Segundo os Espíritas”. Analisamos dois conjuntos de artigos nos quais ambos citam outros jornais franceses que teriam tecido comentários a respeito do espiritismo e suas práticas. O primeiro texto que vamos tratar foi extraído do jornal “Discussion”¹⁰². Com uma narrativa construída no sentido de explicar sua trajetória, e, de certa forma, sua conversão ao espiritismo, o autor disserta sobre como se interessou pelos fenômenos das mesas girantes, explicando os elementos que passaram a constituir suas estruturas basilares, bem como apresentar sua compreensão do que era o espiritismo.

A afirmação da cientificidade da doutrina espírita sempre chama a atenção dos historiadores e pesquisadores da temática. A respeito disso, como já abordado no capítulo 2, encontramos nesse artigo do “Discussion” percepções do que representa e a que se propunha o espiritismo por volta dos anos 1865-66:

O Espiritismo é uma Ciência ou, melhor dizendo, uma Filosofia espiritualista, que ensina a moral. Não é uma Religião, pois não tem dogmas, nem culto, nem sacerdotes, nem artigos de fé; é mais que uma filosofia, porque sua doutrina é estabelecida sobre a prova certa da imortalidade da alma. É para fornecer esta prova que os espíritas evocam os Espíritos de Além-túmulo. (...) Entretanto, os Espíritos não se comunicam com os vivos unicamente com o objetivo de lhes provar a sua existência: eles ditaram e desenvolvem todos os dias a filosofia espiritualista.¹⁰³

O autor argumenta que o espiritismo agiria como todos os sistemas teóricos, buscando a Ciência e o bom-senso, obtendo um conjunto de ensinamentos morais, como segue:

Esta moral não é outra senão a moral cristã, a moral que está escrita no coração de todo ser humano; e é de todas as religiões e de todas as filosofias, pertencendo, por isso mesmo, a todos os homens. Mas isenta de todo fanatismo, de toda superstição, de todo espírito de seita ou de escola, resplandece em toda a sua pureza. (...) O objetivo de toda moral é ser praticada; mas esta, sobretudo, considera tal condição como absoluta, porque chama espíritas não os que aceitam seus preceitos, mas os que põem as suas regras em ação.¹⁰⁴

Ao final desse artigo, Kardec comenta e parabeniza o jornal “que, com aquele espírito de imparcialidade que gostaríamos de ver em todos os que fazem profissão de liberalismo e

¹⁰² Jornal hebdomedário publicado em Bruxelas, de caráter político e financeiro que circulava na França. KARDEC, A. Revista Espírita, 1866, p.55.

¹⁰³ KARDEC, A. Revista Espírita, 1866, p.57.

¹⁰⁴ KARDEC, A. Revista Espírita, 1866, p.58.

se apresentam como apóstolos da liberdade de pensar (...)”, afirmando que teria conseguido apresentar o espiritismo “sob sua verdadeira luz”.

Tendo sido publicado outro artigo do “Discussion” na *Revista Espírita*, o artigo “O Espiritismo segundo os Espíritas” teve claras repercussões, havendo uma resposta por parte da direção do referido jornal. Compreender as relações que a *Revista Espírita* procurou estabelecer com outros jornais, não somente da França, mas de outros países, é fundamental para que entendamos a posição do periódico no contexto de produção e divulgação de cultura impressa.

A resposta elaborada pela direção do jornal intitulou-se “Como ouvimos falar do espiritismo”. Apresenta aos seus leitores os objetivos do jornal em publicar um artigo tratando “a loucura de que estão acometidos os espíritas e a feitiçaria que praticam”.

O Discussion é um jornal aberto a todas as ideias progressistas. Ora, o progresso não pode ser feito senão pelas ideias novas que, de vem em quando, vêm mudar o curso das ideias preconceituosas. Repeti-las porque destroem aquelas em que formos acalentados, é, aos nossos olhos, faltar a lógica. Sem nos tornarmos apologistas de todas as elucubrações do espírito humano, o que não seria mais racional, consideramos como um dever de imparcialidade pôr o público em condições de as julgar. (...). É assim que procederemos em relação ao Espiritismo. Seja qual for a maneira de ver a seu respeito, ninguém pode esconder a extensão que ele tomou em alguns anos. (...). Que pensem dele o que quiserem; é incontestavelmente, uma das grandes questões na ordem do dia. (...). Nossos leitores têm o direito de pedir que lhes informemos o que é essa doutrina, que provoca tão grande celeuma; é nosso interesse satisfazê-los, e nosso dever fazê-lo com imparcialidade. Pouco lhes importa nossa opinião pessoal sobre a coisa; o que esperam de nós é um relato exato dos fatos e das atitudes de seus partidários, sobre os quais possam formar sua própria opinião.¹⁰⁵

Conforme destacado no trecho acima, o jornal insere o espiritismo em um cenário de novos movimentos e ideias progressistas que surgiam na época. Posicionando sua redação a partir da neutralidade e imparcialidade, defende os interesses de seus leitores em estarem por dentro dos murmurinhos causado pelas práticas espíritas. Não agradou a Kardec somente pelo fato de abrirem as “portas” para o espiritismo em seu jornal, mas pela posição de “imparcialidade”, considerada um elemento caro aos espíritas.

Para explicar a ideia da imprensa espírita como uma imprensa especial, trataremos agora de explorar os aspectos explicativos do espiritismo, a fim de que possamos compreender as características que possibilitaram a formação da imprensa espírita durante o século XIX.

¹⁰⁵ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1866, p.62. Grifos nossos.

3.3 REVISTA ESPÍRITA: IMPRENSA POPULAR OU DE ELITE?

A partir das indagações a respeito do público leitor que a *Revista Espírita* atingia, situamos essa imprensa em relação às demais produções da cultura livresca da França que tematiza o processo de formação identitária do espiritismo.

Compreendemos o espiritismo como um espaço no qual uma identidade foi forjada e reconstruída em um sistema de negociações em constante mutações. Isso significa dizer que o movimento ora relacionava-se com os elementos da ciência, filosofia e religião ora negava os elementos constitutivos do seu discurso cultural hegemônico (ARAÚJO A. C., 2010).

De imediato percebe-se haver aí a indicação de um duplo caráter para o espiritismo. Como ciência, o autor pensará a partir de noções como método experimental ou positivo; razão; formação de um modelo teórico; estabelecimento de critérios de universalidade. Como filosofia, Kardec desenvolverá todo um sistema baseado em três grandes divisões: Lógica (entendida como o esforço racional em deduzir e ordenar sistematicamente as leis e princípios oriundos da observação dos fatos ou fenômenos); Metafísica (contempla o estudo dos princípios primários que compõem o universo). (...) e Moral (compreende tudo quanto diz respeito ao homem em si mesmo e às suas relações com Deus e seus semelhantes). (ARAÚJO A. C., 2010, p. 122)

Na tentativa de compreender a dinamicidade do processo de formação identitária do espiritismo, para assim analisarmos a quem serve a imprensa espírita, o autor pensa no movimento em termos essencialistas. Em uma dinâmica de afirmação e negação, de acordo com o que favoreceria sua legitimação, o espiritismo possuiria um caráter híbrido conforme a posição dada à figura do *médium*, não somente como veículo de comunicação, mas delimitando o mundo visível e invisível, o passado e o futuro.

Conforme exposto, para olharmos o lugar da imprensa espírita usaremos uma lente conceitual que vê o espiritismo como um *entre-lugar*, elemento esse que perpassaria todos os meandros da estrutura doutrinária do espiritismo, como, por exemplo, a figura do *médium/mediunidade*. Esse elemento conceitual também serviria para localizar essa imprensa específica (e religiosa) no cenário da imprensa parisiense do século XIX.

Por que imprensa de elite? As baixas taxas de alfabetização, a abordagem de uma temática específica tanto nos livros quanto na *Revista Espírita* e o caráter de “filosofia com bases científicas” marcariam uma perspectiva ligada à elite. E porque popular? Caberia pensar a *Revista Espírita* como filha dos panfletos surgidos durante a eclosão da imprensa revolucionária, nos anos que seguiram 1789. Nesse sentido, faria parte dessa imprensa popular na medida em que se enquadra no formato de periódico, inovação inaugurada e popularizada

pela Revolução Francesa, como já mencionamos acima. Ainda popular, levando-se em conta a parte moral da referida doutrina, isto é, a concepção de aplicação moral a partir de obras assistenciais.¹⁰⁶

Em uma observação feita a respeito de uma comunicação feita na Sociedade de Paris, intitulada “A Imprensa”, em abril de 1864, pode-se ver a concepção de que a imprensa trouxe liberdade de pensamento e popularizou novos conhecimentos através das prensas: “Pela difusão das ideias, que tornou imperecíveis e que espalha aos quatro cantos do mundo, a imprensa produz uma revolução intelectual que ninguém pode ignorar”. Sem “os efeitos positivos e tão universalmente progressivos da imprensa”, as ideias espíritas não poderiam ter alcançado além as fronteiras de Paris.

Cabe ainda a localização da *Revista Espírita* quanto ao formato e a sua posição de *entre-lugar* do livro > revista > jornal, situando a publicação de circularidade bimensal, com capa e extensa presença artigos, características de revista. Mas havia lugar para correspondência entre os editores e seus leitores, o que lembra um jornal. Além da questão do investimento financeiro:

Mais fácil que o jornal ou o livro, pode a revista recolher de todo o país e por todo ele disseminar as manifestações de sua vida espiritual¹⁰⁷, sendo ao mesmo tempo um centro de convergência e de irradiação de todas elas. E assim, sem sair de sua esfera, viria, na nossa federação nascente, exercer uma função social cujo alcance não precisa ser encarecido, qual o de criar e estreitar entre os estudiosos e escritores de todo o país relações de confraternidade espiritual e de levar para todo ele as vozes daqueles que nas letras, nas ciências e nas artes são órgãos do sentir e do pensar nacionais. (MARTINS A. L., 2008, p. 66)

Com textos mais longos que os do jornal e com circularidade menos efêmera, uma revista pode se configurar como um suporte de obtenção de conhecimentos e informações mais acessível financeiramente e de leitura menos “pesada” com relação aos livros. Assim, reafirmamos esse caráter de *entre-lugar* do espiritismo como um elemento híbrido que o capacitou e o diferenciou “em outros campos sociais da França do século XIX”. (ARAÚJO, A, 2010)

As abordagens sobre a doutrina espírita possuem a preocupação em apresentá-la ora como de elite ora como popular. Entendemos o uso do elemento de *entre-lugar* enquanto uma

¹⁰⁶ KARDEC, A. Revista Espírita, 1865, p.230. “(...)Um capital como o que supondes receberia um emprego mais útil. Sem entrar em detalhes que seriam prematuros, direi simplesmente que uma parte serviria para converter minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos habitantes recolheriam os benefícios de nossa doutrina moral;”

¹⁰⁷ Grifos nossos.

estratégia de leitura e interpretação do objeto em análise. Nesse sentido, pode-se falar que o espiritismo atende às duas esferas, oferecendo uma opção para uma elite e também para essa categoria chamada povo. Quando vemos, em diversos trechos aqui explicitados, Kardec fazendo referência a como o espiritismo atinge “as primeiras fileiras da sociedade”, vemos um esforço de legitimação e inserção nas categorias cultas e letradas da época, procurando legitimar a doutrina para uma nova elite que se compunha e que viria a assumir possibilidades de divulgação e de consolidação da proposta. Porém, a preocupação pelo exercício da moral e da caridade para com os menos favorecidos foi um elemento importante para consolidar a doutrina enquanto uma prática universal.

Compreendemos conjuntamente a construção institucional e a produção intelectual como partes integrantes e indissociáveis do espiritismo. A primeira relaciona-se com as funções exercidas pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e a segunda a “produção de jornais, revistas, diários, boletins, informativos (...)”. (ARRIBAS, C, 2013)

O conceito norteador da moral espírita de “fora da caridade não há salvação”, que guia a noção de assistência espiritual, confundia-se com a noção de assistência material. Mesmo não tendo evidências escritas de alguma instituição assistencial fundada nos tempos de Kardec, o elemento teórico desta necessidade pode ser visto em diversos artigos analisados. (ARRIBAS, C, 2013)

O que sintetizaria a fundação, além de ser uma religião do livro e da cultura letrada, é que “a comunicação é a verdadeira pedra angular do Espiritismo”. Essa valorização da comunicação em toda a organização doutrinária do espiritismo enquadra-se claramente no contexto das inovações modernizadoras de meados do século XIX, como, o trem, o barco a vapor, a telegrafia, as descobertas óticas e acústicas.

Se o Espiritismo se confunde com surpreendente rapidez (em alguns anos a obra de Kardec se espalha pelo mundo inteiro), é graças à intensificação dos meios de comunicação que se articulam a partir da segunda metade do século XIX: as estradas de ferro, os transportes marítimos que levam multidões de imigrantes à América e sobretudo a imprensa. Coloca-se em prática estrutura de comunicação que evoluem segundo as descobertas técnicas. Comunicação entre os adeptos da nova doutrina; comunicação entre os vivos e mortos; comunicação entre os planetas e mesmo entre os sistemas solares, levadas por esses exércitos aéreos que se deslocam no espaço infinito, aberto pelas descobertas da astronomia. E redes de correspondentes no mundo inteiro alimentam as revistas (que não param de se multiplicar) com informações vindas dos Estados Unidos, da França, do Brasil, do Além. (AUBRÉE, 2009, p. 65)

Esse caráter híbrido de *entre-lugar*, beirando ambiguidades, tornou-se o alicerce para a construção do espiritismo no Brasil através da imprensa. Consoante a isso, vê-se que o

intenso investimento de Kardec na imprensa consolidou essa noção híbrida, tendo em vista que a imprensa também media os fatos e acontecimentos ao grande público. (LEAL, 2007)

A cultura espírita é composta pela estrutura intelectual proporcionada pelos livros, jornais e revistas. Abordavam tais meios de comunicação como instrumentos de publicidade e como meio de estabelecer relações com seus confrades/ leitores. Mesmo não tratando tais suportes como instrumentos educativos, claramente trazem em suas páginas ideologias educacionais. No caso do espiritismo, a educação por meio da moralização do espírito pode ser observada na literatura religiosa com o intuito de difundir doutrinas e dogmas, o que, na maioria das vezes, é realizado de maneira sutil, junto a informações e comentários dos acontecimentos sociais e de outros grupos religiosos. (OLIVEIRA, 2013)

A pedra angular dessa cultura espírita é a imprensa. Para isso nos debruçamos a partir de agora sobre quais foram as características formadoras dessa imprensa espírita em seus primeiros momentos.

3.4 DA “IMPrensa ESPECIAL” À IMPrensa ESPÍRITA

A *Revista Espírita* contém em seu nome a palavra jornal. Entretanto, seu formato é o de um periódico, por possuir capa e circularidade bimensal. Alan Kardec referia-se a *Revista* como integrante de uma imprensa especial desde seu ano de fundação até os textos finais encontrados em suas correspondências e discursos.

Se o espiritismo não foi secundado pela imprensa europeia, dirão que o mesmo não ocorreu na América. Até certo ponto isso é verdade. Na América, como aliás em todos os lugares existe uma imprensa geral e uma imprensa especial. A primeira, por certo, ocupou-se muito mais do espiritismo do que entre nós, embora menos do que se pensa; somente nos Estados unidos conta a imprensa especial com 18 jornais espíritas, dos quais 10 hebdomedários e vários de grande formato. A esse respeito vê-se que estamos ainda bastante atrasados, mas lá como aqui, os jornais especiais se destinam a pessoas especiais. É evidente que uma gazeta médica por exemplo, não deverá ser pesquisada pelos arquitetos nem pelos homens da lei; da mesma forma um jornal espírita, com poucas exceções, não será lido senão pelos partidários do Espiritismo.¹⁰⁸

¹⁰⁸ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1858, p. 368.

Como destacado acima, Kardec refere-se ao conjunto de produções impressas, livros, jornais e revistas espíritas como pertencentes a uma imprensa especial. Foi por esse motivo que nomeamos a presente pesquisa como “Da imprensa especial” a imprensa espírita, na medida em que a compreendemos enquanto um processo. Isso significa dizer que desde o início das publicações de Hipollyte como Allan Kardec, principalmente a partir de 1858, com a fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e a *Revista Espírita*, veremos se conformar uma “imprensa especial”. Ao longo dos anos nos quais Kardec presidiu a Sociedade e a produção da Revista, advogamos que entre o adjetivo “especial” e “espírita” existiram transformações editoriais até sua configuração para um mercado editorial espírita no Brasil, desde Telles de Menezes até Chico Xavier.

Encontramos novamente a referência à chamada “imprensa especial” na sessão “Nota Bibliográfica” na edição de maio de 1863. Essa sessão da Revista preocupava-se, de maneira geral, em apresentar a criação de novos jornais e revistas espíritas em diversas cidades da França e do mundo.

Em breve Bordeaux terá sua *Revista Especial*. Será um prazer ajudar com nossos conselhos, já que no-los pediram. Se, como não duvidamos, ela seguir o caminho da sabedoria e da prudência, não deixará de ter o apoio de todos os verdadeiros espíritas, do que veem o interesse da causa acima das questões pessoais, de interesse ou de amor-próprio.¹⁰⁹

O destaque desse trecho é a referência ao surgimento de uma nova revista espírita em Bordeaux, isto é, uma *Revista Especial*. Reiterava o argumento da Sociedade de Paris como instituição modelo e patrocinadora moral das instituições fundadas com esses mesmos princípios.

Sentimo-nos felizes de encorajá-los e ajudá-los com nossos conselhos, se julgarem necessários. Mas aí se limita a nossa cooperação. Declaramos não ter solidariedade material com nenhum jornal sem exceção. Por conseguinte, nenhum é publicado por nós, nem sob nosso patrocínio efetivo; deixamos a cada um a responsabilidade de suas publicações. (...). Julgamos por bem explicar o estado real das coisas, para edificação dos que pensam que certos jornais espíritas estão ligados por interesse à nossa *Revista*. (...). Quando outra publicação periódica se fizer por nossa iniciativa e com o nosso concurso efetivo, nós o diremos abertamente.¹¹⁰

¹⁰⁹ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1863, p.227.

¹¹⁰ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1864, p. 471.

Na edição de novembro de 1864, Kardec publica um artigo intitulado “Periodicidade da *Revista Espírita* - suas relações com outros Jornais Especiais”. No texto aborda a necessidade das publicações permanecerem mensais e de maneira ampla, o caráter da Revista.

O desejo de ver a Revista aparecer duas vezes por mês ou todas as semanas, mesmo à custa do aumento da assinatura, já nos foi manifestado várias vezes. Somos muito sensíveis a esse testemunho de simpatia, mas é impossível, pelo menos até nova ordem, mudar o nosso modo de publicidade. O primeiro motivo está na multiplicidade dos trabalhos resultantes de nossa posição, cuja extensão é difícil imaginar. (...) O segundo motivo está na natureza mesa de nossa Revista, que não é propriamente um jornal, mas o complemento e o desenvolvimento de nossas obras doutrinárias. Nela a forma periódica permite-nos introduzir mais caridade que num livro e aproveitar as atualidades.¹¹¹

Como órgão de publicidade do espiritismo e da Sociedade de Paris, a *Revista Espírita* configurou-se como um instrumento intermediário entre a Sociedade e o público leitor espírita. “(...)Os resultados obtidos em seus trabalhos foram compilados nas obras posteriores “O Livro dos Espíritos”, sendo em parte registrados na *Revista Espírita* que também servia como meio de propaganda para as obras que iam sendo lançadas.” (BETARELLO, 2009). Nesse sentido, ao longo da pesquisa e leitura da revista, o lugar de maior presença da opinião de Allan Kardec, com demais sujeitos adeptos ou adversários do espiritismo, é a sessão “Correspondências” e em todos os textos nos quais se direcionava aos “leitores da *Revista Espírita*”.

Em um desses artigos, intitulado “Consequências da doutrina da reencarnação sobre a propagação do espiritismo”, Kardec, através de uma linguagem moral e cristã, apresenta o perfil dos espíritas e um breve panorama acerca da expansão do espiritismo:

(...). Também não dissemos que não se possa ser bom espírita sem crer na reencarnação. Não somos aqueles que atiram pedras aos que não pensam como nós. Apenas dizemos que eles não abordaram todos os problemas levantados pelo sistema unitário, sem o que teriam reconhecido a impossibilidade de lhes dar uma solução satisfatória. (...). Hoje na França, os adversários da reencarnação- falamos dos que estudaram a ciência espírita- são em número imperceptível, em comparação com seus partidários. Na própria América, onde são mais numerosos, por causas que explicamos em nosso número anterior, o princípio começa a popularizar-se. (...)¹¹²

¹¹¹ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1864, p.470.

¹¹² KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1862, p.156.

Fazendo um paralelo na abordagem específica da *Revista*, os livros que acabaram sendo publicados e produzidos por Kardec, em função de suas ações na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e de suas viagens pela França, foram anunciados nas páginas da *Revista Espírita*. Assim, adotamos como estratégia interpretativa a noção de que o conjunto de obras que formarão o chamado “pentateuco kardequiano”¹¹³ configuram-se para os praticantes da religião como textos sagrados.

Assim que um texto se torna “sagrado” para uma cultura, fica sujeito ao processo de leitura suspeita e, por conseguinte, ao que é sem dúvida uma superinterpretação. (...), mas, no caso dos textos sagrados propriamente ditos, não nos podemos permitir licença excessiva, pois em geral já uma autoridade e uma tradição religiosa que afirmam dispor de sua interpretação. (...) Essa atitude para com os textos sagrados (no sentido literal do termo) também foi transmitida, em forma secularizada, aos textos que se tornaram metaforicamente sagrados no decorrer de sua aceitação. (ECO, 2005, p. 62)

Adotamos essa conceituação de “livros básicos”, pois foram os próprios espíritas que a formularam, por terem sido escritos e organizados pelo autor/codificador do espiritismo, Allan Kardec.

O diferencial da *Revista Espírita* que estamos procurando demonstrar não está apenas no seu caráter filosófico-religioso, mas de seu formato intermediário entre jornal e livro. O período de seu surgimento, 1858, compreende aproximadamente ao do nascimento do espaço dos folhetins. Este formato seria uma junção entre o jornalismo e a literatura. Nascido na França durante a primeira metade do século XIX, o folhetim tratava de piadas até receitas culinárias, perdurando como sinônimo de variedades até o ano de 1836, quando Émile de Girardin idealizou a publicação de ficção em partes sequenciadas, criando o romance-folhetim, visando à redução dos custos da impressão, aumentando as tiragens, atraindo mais leitores e proporcionando o acesso do público a leitura. (GONÇALVES, 2013)

O romance-folhetim inaugurou um novo gênero literário na França de meados do século XIX, proporcionando um crescimento da publicação de impressos e um aumento dos leitores e escritores. Na compreensão de Kardec, a *Revista* era uma “obra pessoal”, como mostra a continuação do artigo sobre a periodicidade da *Revista*:

¹¹³ O chamado “pentateuco kardequiano” ou os 5 livros básicos da doutrina espírita são: “O evangelho segundo o espiritismo”, “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O céu e o Inferno” e “A Gênese”. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/divulgacao/downloads-divulgacao/obras-basicas/>. Acesso em: 26/12/2016

Se fosse transformada numa folha hebdomadária, perderia seu caráter essencial. A própria natureza de nossos trabalhos opõe-se a que entremos em detalhe acerca das preocupações e vicissitudes do jornalismo. Eis porque a Revista Espírita deve permanecer tal qual é. Dar-lhe-emos continuidade enquanto sua existência, sob esta forma, nos for demonstrada necessária. Aliás, mudando o seu modo de publicação, daríamos a impressão de querer fazer concorrência com os novos jornais publicados sobre a matéria, o que não poderia entrar em nossa mente.¹¹⁴

A *Revista* não pretendia apresentar-se aos leitores sob o aspecto de um jornal, isto é, com notícias cotidianas que eram responsabilidades do jornalismo geral. Além disso, não intencionava fazer frente à concorrência com os jornais e revistas espíritas que surgiam ou já circulavam em Paris.

Nesse sentido, a característica de periódico seria a presença de artigos mais longos e sessões pretensamente fixas, aonde seriam tratados os mesmos temas como “Conversas familiares de Além-túmulo” e “Evocações particulares”, no qual eram publicados casos de evocações realizadas com funções explicativas e moralizadoras. Somando-se ao elemento de textos longos, conta-se com a proximidade da literatura, isto é, a presença de poemas e crônicas. Essa aproximação pode ser verificada através da leitura das seguintes sessões da Revista: “Poesia espírita”, “Variedades”, “Dissertações de além-túmulo”, “Ditados espontâneos”, “Dissertações espíritas”, “Pensamentos avulsos”.

O olhar do público letrado francês somente voltou-se para os periódicos com o aparecimento do romance-folhetim a partir das primeiras décadas do século XIX. Dessa forma, pode-se compreender a necessidade de afirmação e de demonstração clara do formato do qual Kardec pretendia dar a *Revista Espírita*, um periódico e não um jornal. “O folhetim francês conseguiu alcançar diversas camadas sociais, gerando lucro para a imprensa e tornando os escritores conhecidos e prestigiados. Obviamente, esta inovação literária extrapolaria as fronteiras e dominaria os editoriais pelo mundo, inclusive chegando ao Brasil”. (GONÇALVES, 2013). A democratização da cultura impressa proporcionada pelo surgimento do romance-folhetim passou por diferentes fases, de “elaboração, apogeu, morte e ressurreição”, organizadas em três séries de datas: 1836-1850, 1851-1871, e 1871-1914. (GONÇALVES, 2013) De acordo com o recorte temporal, pode-se encaixar as obras de Kardec, a *Revista Espírita* e os livros na como segunda fase¹¹⁵.

¹¹⁴ KARDEC, A. Revista Espírita, 1864, p.470.

¹¹⁵ Segundo Gonçalves (2013), a segunda fase do romance-folhetim surgiu após a proibição do gênero por Napoleão Bonaparte em 1851. O romance-folhetim proporcionou uma abertura de vistas para os problemas sociais que a sociedade capitalista enfrentava em meados do século XIX. Essa segunda fase foi denominada pela autora como a fase do folhetim rocambolésco e durou por 13 anos. “Rocambolésco torna-se um herói,

Kardec, com a função de apresentar aos leitores da revista um apanhado geral sobre o seu andamento e o do espiritismo ao longo do ano de 1864, apresenta um texto no qual se preocupa em demonstrar que o desenvolvimento do espiritismo tinha avançado para “todas as classes da sociedade”, o que nos faz pensar que no início não era assim.

Em falta de outros indícios, nossa Revista já seria uma prova material do estado da opinião a respeito das ideias novas. Um jornal especial que chega ao seu oitavo ano de existência e que, a cada ano, vê aumentar o número de seus assinantes em notável proporção; que, desde a sua fundação, viu três vezes esgotadas as coleções dos anos anteriores, não prova a decadência da doutrina que sustenta, nem a indiferença de seus adeptos. Até o mês de dezembro recebeu novas assinaturas para o ano findo, e o número de inscritos em 1º de janeiro de 1865 já é um quinto mais considerável do que era na mesma época do ano anterior. Isto é um fato material, por certo não categórico para os estranhos, mas que, para nós, é tanto mais significativo porque não solicitamos assinaturas a ninguém, e não as impomos como condição em nenhuma circunstância.¹¹⁶

Conforme destacado, novamente reitera-se a classificação da *Revista* enquanto um “jornal especial”, que, além de chegar ao seu oitavo ano de existência, conquistou novos assinantes. Kardec deixa a entender que a existência da *Revista Espírita* já seria prova suficiente para comprovar a qualidade e receptividade do periódico na sociedade parisiense. Como se vê: “[...] dizemos que a situação da *Revista* tem uma significação particular, como indício do progresso do Espiritismo, e foi só por isto que dela falamos”.¹¹⁷ Para exemplificar, elenca diversos novos periódicos que tratavam do espiritismo: “Além disso, o ano viu nascerem vários jornais órgãos da ideia: “O Saveur dess peuples”, a “Lumière”, a “Voix d’outre-tombe”, em Bordeaux; o “Avenir”, em Paris; o “Médium évangélique”, em Toulouse; o “Monde musical”, em Bruxelas, que, sem ser um jornal especial, trata a questão do espiritismo com seriedade”.

Fora mencionar o surgimento de novos jornais e revistas que tematizam os fenômenos de que trata o espiritismo, traz a expansão de grupos e sociedade espíritas na França e no estrangeiro. Kardec acreditava que as reuniões espíritas poderiam ser em um número muito maior porque eram “íntimas e familiares” e não tinham caráter oficial.¹¹⁸ É interessante notar que ele dimensiona o número de espíritas em cem mil, elemento esse que não temos como comprovar.

que sofre inúmeras metamorfoses, muitas vezes morto pelo autor e ressuscitado a pedido do público”. (GONÇALVES, 2013, p. 3)

¹¹⁶ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1865, p.14.

¹¹⁷ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1865, p.16.

¹¹⁸ KARDEC, A. *Revista Espírita*, 1865, p.16.

Mesmo não fazendo parte da imprensa diária do século XIX, por ser mensal, a Revista apresenta uma intensa participação de escritores literários. Essa aproximação deu formato a um novo tipo de comunicação, os folhetins e o jornalismo literário. Para elucidar o significado que tinha para Kardec dizer que a *Revista Espírita* seria um “jornal especial”, analisamos o conceito de jornalismo literário. (GONÇALVES, 2013)

Ademais, cada um notou sob quantas formas a maior parte das ideias espíritas são hoje reproduzidas na literatura, de maneira séria, sem que a palavra seja pronunciada. Nunca se tinham visto tantas produções do gênero como nestes últimos tempos. Quer seja convicção ou fantasia da parte dos escritores, não deixa de ser um sinal da vulgarização da ideia, porquanto, se explora, é com o pensamento de que ela encontrará eco.¹¹⁹

Dentre os literatos que de certa maneira tangenciavam as temáticas espíritas e espiritualistas e que escreviam em jornais diários, como cronistas, ou grandes livros, podemos elencar: Vitor Hugo¹²⁰ e Theophile Gautier¹²¹.

Outros escritores, mesmo não reivindicando explicitamente a doutrina kardecista, são fundamental e apaixonadamente espiritualistas. Espiritualistas e reencarnacionistas. Em suas obras os fantasmas são convocados. E eles aparecem. Sua presença permeia toda a literatura dessa época. As principais personagens dos romances são obcecadas por essa presença: *Bouvard, Eugénie Grandet, Edmond Dantès, Germinie Lacerteaux, Fadet Fanchon*,... Exemplificando: o primeiro Balzac, discípulo de Swedenborg (o precursor de Kardec, que exercerá uma influência discreta no século XIX), escolhe como tema de suas obras a comunicação com o além, que se constitui no tema central de *Ursule Mirouet*. A marca do espiritismo é extremamente evidente nos contos e novelas dessa época: *Claire Lenoir* (1867) - cujo capítulo VII tem como título “Espiritismo”; (...) Convém citar ainda algumas obras de Alexandre Dumas (a série de Diários de um médico, 1849-1860) e alguns textos de Michelet (*O Amor*, 1859). Dois exemplos chama a nossa atenção: Flaubert e o George Sand. (AUBRÉE, A Mesa, o Livro e os Espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil, 2009, p. 121)

¹¹⁹ KARDEC, A. Revista Espírita, 1865, p.17.

¹²⁰ Com relação a Victor Hugo e suas aproximações com as ideias espíritas, podemos verificar na edição de setembro de 1868 na Revista Espírita, no qual se apresentam que comprovam a crença do autor nas existências sucessivas Nesta ocasião, julgamos dever lembrar uma carta do Sr. Victor Hugo ao Sr. Lamartine, quando da morte da esposa deste último, em 23 de maio de 1863, e que a maioria dos jornais da época reproduziu.

“Caro Lamartine, uma grande desgraça vos fere; preciso pôr o meu coração junto do vosso. Eu venerava aquela a quem amáveis. Vosso alto espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura. Não é a vós que é preciso dizer: esperai. Sois dos que sabem, e que esperam. Ela é sempre a vossa companheira, invisível, mas presente. Vós perdestes a mulher, mas não a alma. Caro amigo, vivamos nos mortos. Tuus. Victor Hugo”.

¹²¹ Este escritor publicou uma novela intitulada *Spirite*, que claramente reverberou na sociedade letrada e chamou a atenção de Kardec, citando trechos da obra utilizando-o como argumento para legitimar a expansão do espiritismo como segue: “O ano de 1865 nos dá *Espírita*, novela fantástica. A literatura se decide a fazer invasão em nosso domínio. O autor não tirou do Espiritismo todos os ensinamentos que ele encerra. Põe em destaque a ideia capital, essencial: a demonstração da alma imortal pelos fenômenos. ”

A conexão da *Revista Espírita* com essas transformações inauguradas pelos folhetins e a participação de escritores na imprensa diária - o jornalismo literário - fica evidente, por exemplo, na presença de Alexandre Dumas na primeira fase de ascensão dos folhetins 1836-1850. O conceito de jornalismo literário é amplo, o que possibilita diversas interpretações. Allan Kardec encaixa-se nesse cenário, o que caracteriza a *Revista Espírita* como parte desse jornalismo literário do século XIX. O perfil editorial do periódico configura-se, em grande medida, de artigos longos e dissertações com a presença de literatos, médicos e abades como autores de alguns desses textos. (GONÇALVES, 2013)

Ao longo da leitura da *Revista* pôde-se ver referências a ela como um “jornal especial”, bem como um “jornal filosófico de Paris”. Por esse motivo preocupamo-nos em desenvolver uma análise que pudesse esclarecer o contexto francês de surgimento e as circunstâncias que propiciaram o surgimento da imprensa espírita.

Entre jornais especiais e filosóficos, configurou-se ao longo do século XIX, até mesmo após a morte de Allan Kardec, um cenário no qual todos aqueles que quisessem seguir as palavras do compilador da doutrina espírita teriam que o fazer por meio das letras... em livros e revistas, a exemplo do que ele fazia quando fundou o espiritismo. Inspirado pelos encantos proporcionados pelo que vamos conhecer posteriormente como globalização, Kardec espalhou suas ideias através de seus sócios-correspondentes. Tanto que conseguiram chegar em terras tupiniquins, por meio de imigrantes franceses, que trouxeram em suas bagagens livros e histórias desse “outro mundo” construído por Kardec em Paris.

Passado o período no qual não se falava abertamente sobre o espiritismo, muito menos que se era adepto dessa crença, seus partidários passaram a defender-se abertamente. Podendo assim (re) nomear suas práticas e produções impressas não mais de especiais ou filosóficas, mas, agora sim, podendo dizer-se espírita (s). A *Revista Espírita*, criada e editada por Kardec, inaugurou um formato de divulgação do espiritismo e de moralização de seus leitores, mas, além disso, inaugurou um novo tipo de imprensa com características, funções e objetivos específicos. Serviu de modelo e quando o conjunto de livros e periódicos criados tornaram-se comuns, e condição necessária para se fundar uma sociedade espírita, foi relegada a condição de obra complementar. Como os primeiros rascunhos de um artista plástico que somente são descobertos após sua morte e que costumam guardar a essência do artista, a *Revista Espírita* foi o rascunho no qual Allan Kardec esboçou o que desejava que a Doutrina Espírita se tornasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo compreender o processo de formação da imprensa espírita na França de meados do século XIX. A pesquisa teve como fonte de análise a *Revista Espírita*, periódico fundado e editado por Allan Kardec. Além disso, procuramos demonstrar o papel da referida *Revista* e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, instituição fundada por Kardec concomitantemente com a *Revista Espírita*, em 1858, na constituição dessa imprensa.

Analisar o papel que a Sociedade de Paris teve, no planejamento e construção desse projeto de vida de Kardec, tornou-se fundamental. Significa compreender esse projeto institucional que representou o primeiro pilar da constituição do espiritismo, sendo seguido pela *Revista Espírita* e os livros, os pilares que possibilitaram, paralelamente, a inserção e legitimação do espiritismo na sociedade letrada de Paris.

Em um segundo momento, o que elenco como um fator essencial para a compreensão deste trabalho é entender que o contexto da imprensa francesa e as corporações de impressores- livreiros foram transformadas pela Revolução Francesa. Esta proporcionou o aparecimento dos panfletos, que com mensagens curtas e destinadas à grande massa, redimensionaram o olhar dos editores e do público leitor. Por falar nisso, os panfletos, conjuntamente com o surgimento dos folhetins, aproximaram as pessoas através de temas comuns do cotidiano e atraíram os escritores para dissertar e romancear.

Enfim, através de uma leitura minuciosa da *Revista Espírita*, observamos que a importância dela consiste na diferenciação estrutural em relação a outros jornais e periódicos espíritas que se assemelham a ela, no mesmo período. Além de conter mais explicitamente as ideias e pensamentos de Allan Kardec do que poderia ser observado nos livros. Dessa forma, a *Revista* mostrou-se um rico instrumento para a análise da figura de Kardec enquanto editor, escritor e presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, bem como para compreender a formação desse grupo social e religioso durante o período em que estava se desenvolvendo.

Porém, o presente trabalho procurou não esgotar as possibilidades de leitura que a *Revista* proporciona. Assim, deixando em aberto para futuros trabalhos que possam direcionar seu olhar para esse periódico. Através dessa pesquisa, objetivou-se demonstrar que a formação da imprensa espírita não somente foi processual e lenta, durando praticamente um século da

França para o Brasil, como foi reflexo de diversas transformações sociais e culturais da sociedade parisiense. Configurando-se como elemento estrutural para explicar a inserção e expansão do espiritismo como um movimento social e religioso.

Sendo assim a imprensa espírita assenta-se em três pilares, como mencionado anteriormente, 1º na Sociedade Parisiense de Estudos Espírita, 2º Revista Espírita e por fim nos livros de Allan Kardec, considerados basilares da doutrina espírita, organizados por ordem de relevância e fundação. Temos um século que separa a imprensa especial de Kardec para a constituição da imprensa espírita até o surgimento da figura de Chico Xavier no Brasil. Hoje com um mercado editorial consolidado por meio dos romances espíritas e com milhões de exemplares vendidos, não se imaginava que para isso fosse necessário no passado conquistar o público através de um formato mais próximo e coloquial. Um formato que possibilitasse a troca de informação com Allan Kardec, o principal representante do grupo, que fosse acessível financeiramente e que apresentasse as atividades da primeira sociedade espírita do mundo.

De forma geral, pôde-se analisar que as sessões da Revista que não se alteraram até o período estudado foram: “Conversas familiares de além-túmulo”, “Variedades” e “Notas Bibliográficas”. Ao longo das edições surgiram novas sessões, tais como: “Ensinos espontâneos dos espíritos”, “Ensinos e dissertações espíritas”, “Poesias Espíritas”. Muitas dessas sessões somente apareciam em uma edição mensal, sendo posteriormente agregadas a outras sessões, sendo alterados partes dos nomes ou sendo suprimidos. Por fim, percebe-se que os primeiros anos da *Revista* continham artigos explicativos que justificassem a crença e a comunicabilidade entre os vivos e os mortos. Através dessas transformações o periódico demonstrou sua dinamicidade através de suas páginas, como pretendiam dar significado para os fenômenos sobrenaturais, como as mesas girantes, que presenciavam e/ou ouviram falar.

Por conseguinte, no primeiro capítulo abordamos o contexto cultural francês, buscando as conexões desde finais do século XVIII para chegarmos em meados do XIX, tendo em vista que um grande conjunto de ideias perpassaram os dois séculos, como em um *continuum*, configurando um certo espírito do tempo. Detemo-nos nos passos trilhados pelas corporações e associações de impressores e livreiros e suas ações frente as impositivas censuras reais. Nesse sentido, para que se pudesse compreender esse longo século XIX e todos os seus científicismos e evolucionismos, foi preciso voltar ao cenário revolucionário de 1789, a fim de que pudéssemos analisar o surgimento de diferentes formatos de impressos que proporcionaram uma aproximação entre leitores e literatos.

No segundo capítulo, com a apresentação da formação da Sociedade Parisiense de Paris demonstramos as funções desempenhadas pela sociedade para a organização

institucional do espiritismo, bem como a atuação e o posicionamento de Allan Kardec à frente dessa Sociedade, como presidente, e do movimento espírita.

Por fim, nos detemos em desenvolver os elementos caracterizadores da imprensa espírita, a partir dos textos escritos e assinados por Kardec a respeito da revista e sua compreensão acerca do espiritismo naquele período. Buscamos demonstrar que essa imprensa é híbrida e com um caráter essencialmente mediador de um *entre-lugar*. Foi parte de um processo dinâmico, dirigido à leitura de uma elite e que atingisse de forma prática “todas as classes da sociedade”.

A cultura impressa, do livro e da leitura prepararam o espaço para o surgimento de um movimento social e religioso. Através da valorização do letramento e de sua aplicabilidade prática como um mandamento, o espiritismo se expandiu e chegou ao Brasil se transformando em uma prática religiosa.

Esse espiritismo francês, fundado em 1857 com “O Livro dos Espíritos” e organizado a partir da publicação da *Revista Espírita* e da criação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em 1858, só foi possível em razão da constituição de uma imprensa. Essa imprensa só pôde se afirmar espírita, por meio da *Revista Espírita*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. A. **Uma Fábrica de Loucos: psiquiatria e espiritismo no Brasil de 1900 a 1950**. 2007, 232 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ARAÚJO, A. C. Identidade e fronteiras do espiritismo na obra de Allan Kardec. **Horizonte**, 2010, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 117-132, jan-mar 2010.

ARAÚJO, J.C.S. A imprensa, co-partícipe da educação do homem. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v.1, n.1, p.59-62, 2002.

ARRIBAS, C. d. Entre crime e religião. **Mneme - Revista de Humanidades**, Caicó, v.11 n.29 p. 318-339. Jan-jun 2011.

_____. O caráter religioso do espiritismo. **Fragmentos de Cultura**, 2013,p. 3-16.

AUBRÉE, M. L. **A Mesa, o Livro e os Espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Maceió: Edufal- Editora Universidade Federal de Alagoas, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BETARELLO, Jeferson. **Unir para difundir: o impacto das federativas no crescimento do espiritismo**. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

BRETTAS, A. C. **Hipolyte Leon Rivail Denizard Rivail ou Allan Kardec- um professor pestalozziano na França dos tempos das Revoluções**. 239 f. (Tese em Educação) - UFU, Uberlândia, 2012

CAMARGO, K. A. A revista como fonte de pesquisa. IN: BARDOSA,S.D. **Livros e periódicos nos século XVIII e XIX (pp. 149-179)**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2005.

CHARTIER, R. **A História Cultural - Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1990.

_____. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999

_____. As Práticas de escrita. In: ARIÉS, P. DUBY, G.(Orgs). **História da Vida Privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DAMAZIO, S. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DARTON, R. A filosofia por baixo do pano. In: DARTON, R. **A Revolução Impressa - A Imprensa na França 1775-1800**. São Paulo : Editora Universidade de São Paulo, 1996.

ECO, U. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos de Estudo**. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, nº 13, 1995, p. 19-29.

FERNANDES, M. O.Vozes do ceu - os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil. **INTERCOM - XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2002, p. 1-13.

FERREIRA, F. F. **Espiritismo kardecista brasileiro e cultura política: história e novas trajetórias**. 2008, 245 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FOUCAULT, M. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro,1997.

GONÇALVES, M. C. O jornalismo literário no século XIX: a imprensa entre os folhetins, crônicas e leitores.IN: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**, 2013.p. 1-13.

HESSE, C. As tranformações econômicas do livro. IN: Darton, R;ROCHE,D. **Revolução Impressa-A imprensa na França (1775-1800)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

INCONTRI, D. **Pedagogia Espirita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. São Paulo: FEUSP, 2001.

KARAWEJCZYK, M. O jornal como documento histórico: Breves considerações. **Historiae**, Rio Grande, v. 1 n.3, p. 131-147, 2010.

KARDEC, A. **Revista Espírita**. 1ª ed. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – 1858;1864;1865

LEAL, P. R. Imprensa e espiritismo em perspectiva histórica: os enfoques das coberturas jornalísticas de O Dia e do JB sobre o médium Zé Arigó. **INTERCOM - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, p. 1-15.

LEWGOY, B. Espiritismo e cultura escrita. IN: **Os Espíritas e as Letras: um estudo antropológico sobre a cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2000.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MACHADO, M. A imprensa religiosa como palco de disputas entre católicos e espíritas: um retrato do campo religioso brasileiro no final do século XIX. IN: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**, 2013. p. 1-14.

MARTINS, A. L. A Palavra Re[vista]. In: A. L. Martins, **Revistas em Revistas: imprensa e práticas culturais em tempos de república**. São Paulo: Edusp, 2008.

MARTINS, W. **A Palavra Escrita - história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 2002.

MODENEZ, J. C. A Circulação de traduções francesas no Rio de Janeiro. **Cultura e Tradução**, João Pessoa, 2014, v.3, n.1, p. 223-232.

MOLLIER, J. Y. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo: Ensaio sobre História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MONROE, J. W. **A Travessia: Allan Kardec e a Transnacionalização do espiritualismo moderno**. São Vicente: PENSE- Pensamento Social Espírita, 2014.

OLIVEIRA, V. M. **O jornal Imprensa Evangélica e o processo educativo no século XIX (1864-1892)**. Maringá: UEM, 2013.

PAIVA, A. V. **Espiritismo e cultura letrada: a valorização do estudo pela doutrina kardecista**. 2009, 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

ROCHA, A. S. Estratégias educativas da imprensa periódica espírita no Brasil oitocentista (1869-1882). **Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2015. p. 1-15.

ROCHE, D. A Censura e a indústria editorial. IN: DARTON, R; ROCHE, D. IN: **Revolução Imprensa- A Imprensa na França 1775-1800**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996

SOARES, A. L. **O livro como missão: a psicografia como prática letrada a partir da coleção A vida no mundo espiritual (1944-1968)**. 2016, 220 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

STOLL, S. J. **Entre dois mundos: O espiritismo da França e no Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, 1999.